

⇒ O AMOR VIVE NAS ENTRELINHAS ⇒

Palavras em Azul Profundo

Um
romance

PLATA
FORMA 31

CATH
CROWLEY



Palavras em azul profundo

CATH
CROWLEY

Palavras em Azul Profundo

*Um
romance*

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

PLATA
FORMA 21

TÍTULO ORIGINAL Words in deep blue

© 2017 by Cath Crowley

Publicado originalmente pela Pan Macmillan Australia Pty Limited.

© 2018 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

DIREÇÃO EDITORIAL Marco Garcia

EDIÇÃO Thaíse Costa Macêdo

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Ana Alvares

REVISÃO Mariana Delfini e Juliana Bormio de Sousa

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Gabrielly Alice da Silva

ARTE DA CAPA © 2017 by Jess Cruickshank

FOTOGRAFIA DE CAPA © 2017 by Christine Blackburne

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Crowley, Cath

Palavras em azul profundo [livro eletrônico] / Cath Crowley ; tradução Lígia Azevedo. — São Paulo : Plataforma21, 2018. 2 Mb ; ePUB

Título original: Words in deep blue

ISBN 978-85-92783-78-5

1. Ficção juvenil 2. Suspense - Ficção I. Título.

18-17604 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

*Para Michael Crowley e
Michael Kitson, que mudaram tudo*

Um livro deve ser como um machado para o mar congelado dentro de nós.

KAFKA

O rei pálido

de David Foster Wallace

Marcação encontrada na página 585

*Toda história de amor é
uma história de fantasmas.*



Prufrock e outras observações

de T.S. Eliot

Carta deixada entre as páginas 4 e 5

12 de dezembro de 2012

Querido Henry,

Estou deixando esta carta na mesma página de “A canção de amor de J. Alfred Prufrock” porque você ama esse poema, e eu te amo. Sei que você está com Amy, mas que se foda. Ela não te ama, Henry. Só ama a si mesma, e bastante, na verdade. E eu te amo. Amo que você leia tanto. Amo que ame livros usados. Amo meio que tudo em você, e já te conheço há dez anos, o que quer dizer alguma coisa. Vou embora amanhã. Me liga quando vir isso, não importa a hora.

Rachel

Rachel

Abro os olhos à meia-noite. Ouço o mar e meu irmão respirando. Faz dez meses que Cal se afogou, mas os sonhos ainda vêm.

Neles, sou confiante, líquida como o mar. Respiro debaixo d'água, com os olhos abertos, sem me incomodar com o sal. Vejo peixes, um cardume de barriga prateada nadando logo abaixo. Cal surge, pronto para identificá-los, mas não conhecemos esses peixes.

– Cavalinha – ele diz para mim, a palavra saindo em bolhas que consigo ouvir.

Mas não são cavalinhas. Nem dourado ou qualquer outro peixe que arriscamos. São prata pura.

– Uma espécie não identificada – dizemos enquanto os observamos passando de um lado a outro.

A água tem a textura da tristeza: sal, calor e lembranças.

Cal está no quarto quando acordo. Sua pele cor de leite se destaca na escuridão, e ele está molhado do mar. Impossível, mas tão real que sinto cheiro de sal e chiclete de maçã. Tão real que posso ver a cicatriz em seu pé direito – um corte feito por um pedaço de vidro na areia e há muito curado. Ele fala sobre os peixes do sonho: prata pura, não identificados, desaparecidos.

O quarto está escuro, a não ser pela luz da lua. Toco o ar em busca do sonho, mas só encontro as orelhas do labrador dele, Woof. Ele me segue por toda parte desde o enterro, uma longa linha preta da qual não consigo me livrar.

Em geral, Woof dorme ao pé da cama ou na porta do quarto, mas nas últimas duas noites deitou na frente das minhas malas prontas. Não posso levá-lo comigo.

– Você é um cachorro de praia. – Passo o dedo por seu longo focinho. – Ia enlouquecer na cidade.

Não tenho como dormir depois de um sonho com Cal, então me visto e saio pela janela. Resta apenas um quarto da lua. O ar está tão quente que parece dia. Cortei o gramado no fim da tarde de ontem, de modo que a grama quente gruda na sola dos meus pés conforme ando.

Woof e eu chegamos depressa à praia. Não há quase nada entre minha casa e o mar. Só a estrada, uma faixa curta de mato e as dunas. A noite é toda alga e aroma. Sal e árvore; fumaça de uma fogueira bem longe na areia. E lembranças também. Nadar no verão e caminhar à noite, em busca de conchas, peixinhos e estrelas-do-mar.

Mais adiante, na direção do farol, fica o lugar onde uma baleia-bicuda encalhou. Uma gigante de seis metros, com o lado direito do rosto pressionado contra a areia, o olho visível aberto. Uma multidão se reuniu à sua volta depois – cientistas e locais, estudando e encarando. Mas, antes, só mamãe, Cal e eu no frio da manhã. Eu tinha nove anos, e a baleia me olhava, parecendo metade criatura marinha e metade pássaro com seu bico comprido. Eu queria estudar as águas profundas de onde ela tinha vindo, as coisas que

poderia ter visto. Cal e eu passamos o dia olhando os livros da mamãe e fuçando na internet. *A baleia-bicuda é uma das criaturas marinhas menos compreendidas*, copiei no meu diário. *Vivem a uma profundidade tamanha que a pressão poderia matar*.

Não acredito em fantasmas, em vidas passadas, em viagem no tempo ou em qualquer uma das coisas estranhas sobre as quais Cal gostava de ler. Mas, sempre que vou à praia, desejo voltar – ao dia da baleia, a qualquer dia antes de Cal morrer. Com o que eu sei, estaria pronta. Poderia salvá-lo.

É tarde, mas deve ter gente da escola na rua, então vou até um lugar tranquilo e afastado. Me enfio nas dunas, enterrando as pernas até chegar ao quadril, e fico olhando para a água. Está banhada pelo luar, e o prateado se espalha por toda a superfície.

Tentei e tentei parar de pensar no dia em que Cal se afogou, mas não consigo. Ouço suas palavras. Ouço seus passos na areia. Eu o vejo submergindo: um arco longo e frágil desaparecendo no mar.

Não tenho certeza de quanto tempo faz que estou aqui quando vejo minha mãe caminhando pelas dunas, os pés lutando para não derrapar. Ela senta ao meu lado e acende um cigarro, protegendo-o da noite.

Minha mãe começou a fumar depois que Cal morreu. Encontrei meu pai e ela escondidos atrás da igreja depois do enterro.

– Não diga nada, Rach – ela pediu, e eu fiquei entre os dois, segurando a mão livre de cada um, desejando que Cal estivesse lá para ver como papai e mamãe fumando era estranho.

Meu pai é médico; trabalha na Médicos Sem Fronteiras desde o divórcio, dez anos atrás. Mamãe é professora de ciências numa escola de ensino médio em Sea Ridge. Minha vida inteira eles sempre falaram que cigarros eram algo mortal.

Ficamos olhando para a água em silêncio por um tempo. Não sei como minha mãe se sente em relação ao mar agora. Ela não entra mais, mas nos encontramos na praia toda noite. Foi mamãe quem nos ensinou a nadar, pegando a água da frente e empurrando para trás, controlando a corrente. Ela nos disse para não ter medo.

– Mas nunca nadem sozinhos – ela também havia dito.

E, a não ser por aquele dia, nós nunca nadamos.

– Você já arrumou as malas? – minha mãe pergunta agora, e eu assinto.

Amanhã vou para Gracetown, um subúrbio de Melbourne, cidade em que minha tia Rose mora. Eu repeti o último ano, e não planejo tentar de novo no ano que vem, então Rose me arranjou um emprego no café do hospital St. Albert's, onde ela trabalha como médica.

Cal e eu crescemos em Gracetown. Mudamos para Sea Ridge há três anos, quando eu tinha quinze. Vovó precisava de ajuda, e não queríamos que ela vendesse a casa ou fosse para uma casa de repouso. Desde que nós nascemos, passamos todos os feriados, de verão ou inverno, com ela, então Sea Ridge era como nosso segundo lar.

– O último ano não é tudo – minha mãe diz.

Talvez não seja, mas, antes de Cal morrer, eu tinha toda uma vida planejada. Só tirava nota máxima e era feliz. Sentei neste mesmo lugar no ano passado e disse a Cal que queria ser ictiologista, estudando peixes como a quimera, que evoluiu há quatrocentos milhões de anos. Ficamos tentando imaginar aquele mundo tão distante.

– Sinto como se o universo tivesse traído a gente também, não só Cal – eu digo.

Antes da morte do meu irmão, minha mãe teria explicado de maneira calma e lógica que o universo era tudo o que existia em termos de matéria e espaço – um diâmetro de dez bilhões de anos—luz, incluindo galáxias, o sistema solar, estrelas e planetas. E que isso tudo simplesmente não tinha a capacidade de trair uma pessoa.

Hoje, ela só acende outro cigarro e diz:

– É verdade.

Então solta a fumaça na direção das estrelas.

Henry

Estou deitado ao lado de Amy na seção de autoajuda da Howling Books. Estamos sozinhos na livraria. São dez da noite de uma quinta e vou ser honesto: estou tentando em vão controlar uma ereção. O que não é totalmente minha culpa. Meu corpo funciona com base na memória muscular.

Em geral, é neste momento e neste lugar que eu e Amy nos beijamos. É agora que nossos corações respiram fundo, com ela deitada ao meu lado, com a pele quente e cheia de graça, fazendo piadas sobre o estado do meu cabelo. É quando falamos sobre o futuro, o qual, se você tivesse me perguntado quinze minutos atrás, estava mais do que definido.

– Quero terminar – ela diz, e a princípio eu acho que está brincando.

A menos de doze horas, estávamos nos beijando neste exato lugar. Também fizemos algumas outras coisas bem legais. Penso nisso até que ela me cutuca.

– Henry? Fala alguma coisa.

– O quê? – pergunto.

– Não sei. O que estiver pensando.

– Estou pensando que isso é totalmente inesperado e meio sacanagem. – Eu me esforço para levantar o corpo. – Compramos passagens. Passagens que não podem ser remarçadas ou reembolsadas para 12 de março.

– Eu sei, Henry – ela diz.

– Vamos embora em *dez* semanas.

– Calma – pede Amy, como se eu estivesse sendo irracional, mas a verdade é que gastei todas as minhas economias comprando uma passagem de volta ao mundo com seis paradas. Cingapura, Berlim, Roma, Londres, Helsinki e Nova York.

– Já fechamos o seguro-viagem e fizemos os passaportes. Compramos guias e aqueles travesseirinhos para o avião. – Ela morde o lado direito da boca, e eu me esforço para não pensar em beijá-la, mas em vão. – Você disse que me amava.

– E amo – ela diz, mas usando aquela definição desanimadora de “amor”. – Mas acho que não *desse jeito*. Eu tentei. De verdade.

Deve ser a frase mais deprimente na história do amor. *Tento muito amar você*. Não tenho certeza de muitas coisas, mas disso, sim: quando for velho e tiver demência, quando meu cérebro não passar de fumaça, ainda vou me lembrar dessas palavras.

Eu deveria pedir para que ela fosse embora. Deveria dizer: “Quer saber? Não quero ver a terra de William Shakespeare, Mary Shelley, Friedrich Nietzsche, Jane Austen, Emily Dickinson e Karen Russell com uma garota que está tentando muito me amar”. Deveria dizer: “Se você não me ama, então não te amo também”.

Mas eu amo, cacete, e quero ver todos esses lugares com ela, sou um otimista sem um pinga de dignidade, então o que eu digo é:

– Se mudar de ideia, sabe onde eu moro.

Em minha defesa, ela está chorando e somos amigos desde o nono ano, o que para mim conta muito.

Amy não tem como ir embora sem passar por cima de mim, porque a seção de autoajuda fica num quartinho nos fundos do sebo da minha família, que a maior parte dos clientes pensa que é um armário, mas é grande o bastante para que duas pessoas fiquem deitadas lado a lado, mas sem nenhuma folga.

Fazemos uma estranha dança conforme ela levanta, lutando com delicadeza para nos desemaranhar. Nos beijamos antes que ela vá. É um beijo longo, um beijo bom, e, enquanto isso, me deixo esperar que talvez, apenas talvez, seja tão bom que Amy vá mudar de ideia.

Mas, depois que acaba, ela fica de pé, ajeita a saia e me dirige um aceno triste e contido. Então me deixa aqui, deitado no chão da seção de autoajuda, como um homem morto. Um homem morto com uma passagem não reembolsável e não adiável de volta ao mundo.

Finalmente, eu me arrasto para fora da seção de autoajuda e abro caminho para o sofá da ficção – comprido, de veludo azul e localizado em frente às estantes de clássicos. Quase não durmo mais lá em cima. Gosto dos ruídos e do pó da livraria à noite.

Fico deitado ali pensando em Amy. Repasso a semana passada, correndo pelas horas, tentando descobrir o que mudou entre nós. Mas sou a mesma pessoa que era sete dias atrás. Sou a mesma pessoa que era desde a manhã em que nos conhecemos.

Amy veio de uma escola particular do outro lado do rio. Ela mudou para este lado da cidade quando o escritório de contabilidade em que o pai trabalhava cortou alguns funcionários para conseguir se manter. Eles moravam em um dos novos prédios que subiram na Green Street, não muito longe da escola. Do novo quarto de Amy, dava para ouvir o tráfego e o disparo da descarga do apartamento ao lado. Do quarto antigo, ela só ouvia os pássaros. Aprendi essas coisas antes de começarmos a sair, em conversas rápidas ao voltar para casa depois de uma festa, na aula de inglês, na detenção, na biblioteca ou quando ela passava na livraria nas tardes de domingo.

No dia em que a conheci, só sabia o superficial: ela tinha cabelo comprido e ruivo, olhos verdes e pele branca. Cheirava a flores. Usava meias compridas. Ia para uma mesa vazia e esperava que as pessoas se sentassem ao seu lado. E elas sentavam.

Sentei um pouco à frente e a ouvi conversar com Aaliyah.

– Quem é ele? – ouvi Amy perguntar.

– Henry – disse Aaliyah. – Engraçado. Inteligente. Bonitinho.

Me esforcei para ouvir mais, sem me virar.

– E xereta – acrescentou Amy, dando um chutinho nas costas da minha cadeira.

Só começamos a namorar oficialmente no último ano, mas a primeira vez que nos beijamos foi no nono. Aconteceu por causa de uma aula de inglês. Estávamos estudando os contos de Ray Bradbury. Depois que lemos “A última noite do mundo”, todo mundo comprou a ideia de que devíamos fazer como se aquela fosse a *nossa* última noite, então

deveríamos fazer tudo como se o apocalipse estivesse chegando.

O professor de inglês nos ouviu falando e o diretor pediu que não fizéssemos isso. Parecia perigoso. Continuamos com nossos planos por baixo dos panos. Folhetos apareceram nos armários marcando a data de 12 de dezembro, o último dia de aula antes das férias. Haveria uma festa na casa de Justin Kent. SE PREPARE, o folheto dizia. O FIM ESTÁ PRÓXIMO.

Fiquei acordado até tarde na noite anterior, tentando escrever a carta perfeita para Amy, uma que a convencesse a passar sua última noite no mundo comigo. Fui para a escola com a carta no bolso da camisa, sabendo que provavelmente não ia entregá-la, mas esperando que conseguisse fazê-lo. Meu plano era passar minha última noite com meus amigos, a menos que algum milagre acontecesse e Amy se tornasse uma possibilidade.

Ninguém prestou atenção na aula aquele dia. Havia pequenos sinais em todas as partes de que o fim realmente viria. Alguém havia virado todos os avisos do quadro da classe de cabeça para baixo. Alguém havia entalhado O FIM na moldura da lousa. Abri meu armário na hora do almoço e encontrei um pedaço de papel em que estava escrito SÓ MAIS UM DIA, então me dei conta de que ninguém tinha se dado ao trabalho de discutir em detalhes quando o mundo de fato acabaria. À meia-noite? Ao nascer do sol?

Estava pensando a respeito quando virei e me deparei com Amy ao meu lado. O bilhete estava no meu bolso, mas não podia entregá-lo. Em vez disso, peguei o papelzinho que dizia SÓ MAIS UM DIA e perguntei o que planejava fazer aquela noite. Ela me encarou por um momento e acabou dizendo:

– Eu achei que talvez fosse me convidar para passar a noite com você.

Havia um monte de gente no corredor ouvindo, e ninguém, nem mesmo eu, podia acreditar na minha sorte.

Para me dar o máximo tempo de vida, decidi que o mundo ia acabar quando o sol aparecesse – às cinco e cinquenta da manhã, de acordo com o canal do tempo.

Nós nos encontramos na livraria às cinco e cinquenta da tarde para que tivéssemos exatas doze horas, então fomos jantar comida chinesa. Por volta das nove, fomos para a festa de Justin. Quando ficou barulhenta demais, andamos até o Benito Building e pegamos o elevador para o topo. Estávamos no lugar mais alto de Gracetown.

Sentamos em cima do meu casaco e ficamos olhando as luzes. Ela me contou sobre o apartamento em que morava, o quarto pequeno, os pássaros que haviam sido substituídos pela descarga. Levaria anos para que Amy me contasse como era esquisito ouvir o pai chorando por causa do emprego perdido. Naquele dia, ela só sinalizou as preocupações da família. Falei da livraria, caso um dia precisasse de espaço. Às vezes, dava para ouvir alguns passarinhos no jardim de leitura. Disse que o som das páginas virando era surpreendentemente reconfortante.

Então, Amy me beijou. Ainda que só tivéssemos começado a namorar anos depois, algo começou naquele instante. De tempos em tempos, quando ela terminava uma festa sozinha, nos beijávamos. Mesmo se Amy estivesse com outro cara, as garotas sabiam que eu era dela.

No último ano, Amy foi até a livraria uma noite. Estava fechada. Eu estudava atrás do balcão. Amy estava saindo com um cara chamado Ewan, que estudava no antigo bairro dela. Eu gostava daqueles caras, porque raras vezes os via. Ewan havia terminado tudo, e Amy precisava de alguém de confiança para levá-la ao baile. Então lá estava ela, batendo no vidro e chamando meu nome.

Rachel

Minha mãe volta para casa, mas eu continuo na praia com Woof. Pego a carta que carrego comigo desde que decidi voltar para a cidade – a última carta que Henry me escreveu. Depois que mudei para Sea Ridge, ele me escreveu todas as semanas por cerca de três meses, até a carta que dizia que não éramos mais amigos.

– Não tem sentido escrever, a menos que ele me fale a verdade – eu dizia para Cal toda vez que recebia uma carta.

Meu irmão me encarava com os olhos sérios por trás dos óculos e dizia algo como:

– É o Henry. Seu melhor amigo Henry, o Henry que construiu a casa na árvore com a gente, o Henry que ajudou nós dois em inglês. O *Henry*.

– Você esqueceu “cabeça de vento” – eu o lembrava. – O Henry que é um cabeça de vento.

Não era um problema ser, ao mesmo tempo, sua melhor amiga e apaixonada por ele desde o começo do nono ano. Henry às vezes se interessava por uma garota, mas nunca fazia nada a respeito. Não durava, e era comigo que ele conversava sobre isso e para mim que ligava tarde da noite.

Então Amy apareceu. Com uma pele impossível para uma ruiva, sem nenhuma sarda. Já eu era toda salpicada dos anos de verão na praia. E ela era inteligente também. Competimos pelo prêmio de melhor aluno de matemática, e ela ganhou. Ganhei o de ciências. E Amy ganhou Henry.

Ela me disse que faria aquilo, um dia antes das férias de verão. Estávamos estudando Ray Bradbury na aula de inglês. Um de seus contos era sobre a última noite de um casal antes do fim do mundo, e a ideia de que todos deveriam imaginar que era a última noite para *a gente* tinha se espalhado. Era só uma desculpa para pegação; carta branca para se declarar a quem quer que fosse. Eu não estava planejando dizer nada a Henry, mas, já que também seria minha última noite na cidade, ele sugeriu que a passássemos juntos.

– Você gosta dele – disse Amy naquela manhã, olhando para mim pelo espelho do banheiro.

Henry e eu tínhamos nos conhecido bem pequenos, quando nossos pais se revezavam num esquema de carona para a escola. Não me lembro da nossa primeira conversa, mas lembro-me de outras: sobre livros, planetas, viagem no tempo, beijo, sexo, a circunferência da Lua. Parecia que eu sabia tudo o que havia para saber sobre Henry. “Gostar” não definia aquilo.

– Ele é meu melhor amigo – eu disse.

– Vou convidar Henry – disse Amy, e eu soube sobre o que ela estava falando.

– Ele vai ficar comigo – avisei.

Henry me disse naquela tarde que Amy queria que ele passasse a última noite do mundo com ela. Estávamos deitados na grama no almoço, assistindo aos insetos nos feixes de luz do sol.

– Eu topei, mas, se incomodar você, posso voltar atrás.

Então, ele se ajoelhou e me implorou para que o deixasse passar sua última noite no mundo com ela.

Fechei os olhos e disse que tudo bem.

– O que mais eu poderia dizer? – perguntei a Lola aquela noite. – “Sou apaixonada por você desde sempre, e se há duas pessoas que deviam passar a última noite do mundo juntas somos nós, Henry e Rachel.”

– Por que não? – ela perguntou, sentada de pernas cruzadas na minha cama, comendo chocolate. – Tipo, sério, por que não? Por que não dizer “você, você, meu amigo, é a pessoa que eu quero beijar”?

Lola era uma boa amiga, mas também era *Lola Hero*, a garota que escrevia músicas e tocava baixo, a garota que as pessoas mencionavam quando faziam uma lista de quem queriam ser. Se ela gostasse de uma garota, a chamava para sair no mesmo dia. O amor sobre o qual escrevia não era do mesmo tipo que as pessoas vivenciavam.

Por que não?

– Porque não sou muito fã de fracasso e humilhação.

Mas, às onze daquela noite, depois de um pote de sorvete, um saco de marshmallows e três barras de chocolate, pirei e decidi deixar uma carta de amor para Henry na Biblioteca de Cartas da livraria.

Meu mundo parecia pequeno demais aquela noite. No caminho, o ar pressionava minha pele do lado de fora ao mesmo tempo que meu íntimo a pressionava do lado de dentro. Nunca tinha dado nem uma pista de que gostava de Henry, mas, com o relógio avançando rumo ao fim do mundo, me dei conta de que precisava fazer aquilo antes do último segundo – e a Biblioteca de Cartas era o lugar perfeito.

Tratava-se de uma seção de livros que não estavam à venda. Os clientes podiam ler, mas não levar para casa. A ideia era que circulassem palavras e frases nas páginas de seus livros preferidos. Era permitido fazer anotações nas margens. Deixar cartas para outras pessoas que leriam aqueles livros.

Henry amava a Biblioteca de Cartas. Assim como toda a sua família. Eu não entendia a ideia de escrever em um livro para um desconhecido. Há uma chance muito maior de obter uma resposta usando a internet. Henry sempre dizia que não havia como explicar a Biblioteca. Era algo que se tinha que compreender intuitivamente.

Não havia alarme na loja, e o fecho da janela do banheiro que dava para a Charmers Street estava quebrado. Lola e eu escalamos e, antes de entrar, ficamos ouvindo para ver se não tinha ninguém na loja.

Coloquei a carta em *Prufrock e outras observações*, de T.S. Eliot, na página do poema favorito de Henry, “A canção de amor de J. Alfred Prufrock”. Me lembro do círculo de luz da lanterna enquanto procurava por ele na prateleira. Minha mão tremia enquanto eu escrevia a carta. Era basicamente “te amo”, com um pouco de “vai se foder”. A carta de amor perfeita, de acordo com Lola.

Eu poderia ter deixado tudo para o destino, mas decidi que, se ia fazer aquilo, faria com tudo. Subi em silêncio até o quarto de Henry. Havia um livro em sua cama. Deixei um bilhete nele.

Dá uma olhada no Prufrock esta noite.

Rachel

Lola e eu voltamos para a janela do banheiro, segurando o ar o tempo todo e só rindo quando estávamos na rua. Dividimos um táxi para casa. Assim que cheguei, passei a verificar o celular obsessivamente. Ainda estava esperando quando peguei no sono.

Lola me acordou por volta das três, perguntando se Henry tinha ligado. Não tinha. Ele tampouco apareceu até a hora que fui embora, às nove. Às dez, quando já estávamos na estrada, ele me mandou uma mensagem de texto: Desculpa, dormi demais!! Já ligo.

Henry não usa pontos de exclamação. Não gosta deles, a menos que preencham uma página inteira, como se fossem gotas de chuva. E, se tem que usar ponto de exclamação, nunca usa dois. Tivemos uma conversa a esse respeito, em que ele listou catorze sinais de pontuação na ordem em que mais gostava. De acordo com ele, reticências eram “do caralho”. Ponto de exclamação era só para gente esquisita que falava alto demais.

Amy amava pontos de exclamação. Tive certeza de que fora ela quem escrevera. Eu a imaginei lendo minha carta por cima do ombro de Henry e dizendo a ele que deveria ignorá-la. “Esquece. Ela está indo embora mesmo.”

Não fiquei brava com ele por não me amar. Ninguém controla isso. Fiquei brava com ele por ter feito o que Amy mandou. Ele a colocou antes de mim. Henry nunca respondeu à minha declaração. Nunca a mencionou nas longas cartas que me escrevia, as quais eu ignorei, porque estavam sempre cheias de Amy.

Henry nem sabe do Cal. Se soubesse, tenho certeza de que nada o teria impedido de vir ao enterro. Mas eu não contei, nem minha mãe. Rose nem consegue tocar no assunto sem chorar, e ela não chora na frente dos outros. Cal não usava o Facebook. Até tinha um perfil, mas nem ligava.

Tim Hooper, o melhor amigo dele em Gracetown, mudou para o outro lado do país alguns meses antes de Cal morrer. Escrevi para ele para contar o que havia acontecido. Nem precisei dizer que não escrevesse nada nas redes sociais. Nem precisei dizer que não suportava a ideia de que a morte de Cal fosse uma fofoca que as pessoas poderiam comentar. Tim simplesmente sabia.

Parte de mim queria ir para a Howling Books assim que chegasse. Eu poderia procurar Henry e contar sobre Cal. Ele deixaria seu livro de lado para me abraçar.

Então abro a carta dele, leio as primeiras duas linhas e toda a raiva volta.

Querida Rachel,

Como você nunca escreve, só posso concluir que me esqueceu. De novo, tenho que te lembrar do juramento de sangue que fizemos no terceiro ano.

Dobro a carta, abro um buraco na areia com a ajuda de Woof e a enterro.

Henry

Acordo na sexta-feira e vejo minha irmã, George, de pé ao lado do sofá da ficção, onde peguei no sono ontem à noite e onde planejo ficar a semana toda.

Não levei o término muito bem, o que não é nenhuma surpresa, e não acho que isso irá mudar no futuro. Meu plano é ficar no sofá, levantando apenas para ir ao banheiro e comer um sanduíche de vez em quando, até que Amy volte. Ela sempre volta. É uma questão de tempo.

Reuni todos os livros que pensei que precisaria antes de assumir minha posição no sofá, de modo que estão todos empilhados à minha volta – um pouco de Patrick Ness, um Ernest Cline, alguns Gaiman, Flannery O'Connor, John Green, Nick Hornby, alguns Kelly Link e, se tudo o mais falhar, Douglas Adams.

– Levanta – diz George, me empurrando de leve com o joelho, o que é sua versão de um abraço.

Amo minha irmã, mas, como o resto do mundo, não a entendo. Seria justo dizer que tenho medo dela, só um pouquinho.

George tem dezessete e está indo para o último ano. Ela gosta de aprender, mas odeia a escola. Ganhou uma bolsa de estudos para uma instituição particular do outro lado do rio quando estava no sétimo ano, e minha mãe faz com que continue estudando lá, mesmo que ela prefira voltar à escola pública.

Ela usa muito preto, incluindo camisetas com coisas como LEIA, FDP escritas na frente. Às vezes acho que gosta tanto de ficção pós-apocalíptica que fica genuinamente feliz com a ideia de que o mundo possa acabar.

– Você está planejando levantar em algum momento? – ela pergunta, e eu respondo que não, não estou.

Então, conto a ela qual é o plano: basicamente esperar, na horizontal, que a vida melhore.

George tem um saco engordurado na mão. Tenho certeza de que há um donut de açúcar com canela dentro, então levanto.

– Não tenho mais motivos para levantar – digo, pegando o saco.

– Ninguém tem. A vida não faz sentido, mas todo mundo levanta. É assim que a raça humana funciona – ela diz, me entregando um café.

– Não gosto de como a raça humana funciona.

– Ninguém gosta de como a raça humana funciona – ela insiste.

Quando termino de comer, volto a deitar e fico encarando o teto.

– Tenho uma passagem de volta ao mundo não reembolsável.

– Então vá ver o mundo – diz George, enquanto meu pai passa por nós.

– Levanta, Henry – ele diz. – Já está fermentando. Diga que ele está fermentando,

George.

– Você está fermentando – ela diz, e me empurra para sentar ao meu lado.

George levanta minhas pernas e as põe em cima das dela.

– Não entendo – meu pai diz. – Vocês eram crianças tão felizes.

– Eu nunca fui – diz George.

– É verdade. Mas Henry era.

– Não sou mais. Está difícil imaginar como minha vida poderia ficar pior do que agora – digo.

George pega o livro que está lendo. *A estrada*.

– Tudo bem, poderia ficar se houvesse algum tipo de evento catastrófico e as pessoas comessem a comer umas às outras. Mas essa é uma merda de outra escala. Na escala média humana, minha vida está o pior possível.

– Existem outras garotas, Henry – meu pai diz.

– Por que todo mundo insiste nisso? Não quero outras garotas. Quero essa. Quero essa garota. Só essa. Não outra. Essa.

– Amy não te ama – diz George, delicadamente, como se estivesse enfiando um pedaço de vidro no meu olho esquerdo com todo o carinho.

Amy me ama. Ela me amava. Queria passar uma quantidade de tempo indeterminada comigo, o que é mais ou menos o mesmo que a eternidade.

– Se uma pessoa quer passar a eternidade com você, isso é amor.

– Mas ela não quer passar a eternidade com você – diz George.

– *Agora*. *Agora* ela não quer passar a eternidade comigo, mas já quis. E a eternidade não desaparece de um dia para o outro.

E, se desaparecer, deveria haver algum tipo de lei científica para impedir isso.

– Ele está surtando – minha irmã diz.

– Vai tomar um banho, filho – meu pai diz.

– Me dê um bom motivo.

– Você tem que trabalhar – ele diz, e arrasto meu coração partido até o banheiro.

De acordo com George, é uma verdade universalmente aceita que nossa família é uma merda nas questões do coração. Ela sempre diz que nem nosso gato, Ray Bradbury, parece se dar bem com os outros gatos da vizinhança.

Minha mãe e meu pai tentaram voltar seis vezes, até que, finalmente, assinaram os papéis do divórcio no ano passado e ela se mudou para um pequeno apartamento em Renwood, um pouco mais para a frente. Todo o tempo que não está na escola, George passa sentada na janela da livraria, escrevendo em seu diário. Meu pai está para baixo desde que minha mãe foi embora, sem dar sinais de que vai interromper seu costume, adquirido após o divórcio, de comer barras inteiras de chocolate com menta todas as noites

enquanto relê Dickens.

Não concordo com George. Não que eu ache que somos ótimos quando se trata de amor, mas todo mundo é uma merda nesse assunto, então, estatisticamente falando, estamos na média. Posso viver com isso.

Amy me amava. Sim, de tempos em tempos ela termina comigo, mas sempre volta. Você não continua voltando para alguém que não ama.

Debaixo do chuveiro, tento entender o que fiz de errado. Deve ter havido um momento em que estraguei tudo. Se conseguir encontrá-lo, talvez tenha como consertar tudo.

Escrevo uma mensagem para Amy depois de me secar.

Por quê? Deve ter um motivo. Pode pelo menos me dizer?

Aperto “enviar” e desço as escadas para a loja.

– Ele parece melhor – meu pai diz quando me junto a eles.

George levanta o rosto, faz uma careta e decide que é melhor não responder.

– Como é aquela frase maravilhosa de Dickens em *Grandes esperanças*? – meu pai pergunta. – “O coração partido. Você acha que morrerá, mas continua vivendo, dia após dia daquele terrível dia.”

– É muito reconfortante, pai – diz George.

– O terrível dia melhora – ele diz, mas não parece muito convincente. – Agora vou caçar livros. – Isso não é comum para uma sexta. Pergunto se quer companhia, mas ele diz que não e pede que eu cuide da loja. – Vejo vocês às oito no restaurante chinês.

Terminei a escola em novembro e tenho trabalhado na livraria todos os dias desde então. Vendemos livros usados, o tipo certo de livro para se vender deste lado da cidade. Meu pai e eu encontramos os livros. Está cada vez mais difícil. Não encontrá-los – há livros por toda parte e eu sei os lugares certos onde procurar, lugares que meu pai me mostrou –, mas fazer bons negócios. Todo mundo sabe o valor das coisas hoje em dia, então não se consegue encontrar uma primeira edição de *Cassino Royale* esquecida na prateleira de alguém. Se quiser comprá-la, vai ter que pagar o que vale.

Vivo lendo artigos que falam sobre o fim dos sebos. As livrarias independentes estão se segurando. Os e-books são o futuro. E os sebos logo mais serão apenas uma lembrança, aparentemente.

Tenho pensado a respeito disso porque, desde o divórcio, minha mãe tem falado em vender a Howling Books. Meus pais compraram o lugar há vinte anos, quando era uma floricultura. Jogaram o preço lá embaixo para vender rápido. O dono estava indo embora por algum motivo. Quando meus pais foram inspecionar o imóvel, ainda havia baldes no chão e o lugar cheirava a flores e água suja. O caixa estava vazio, mas ainda havia moedas em algumas gavetas.

Os dois mantiveram o balcão de madeira à direita de quem entra, assim como a antiga máquina registradora verde e o abajur vermelho que o florista deixara para trás, mas mudaram quase todo o resto daquele espaço comprido e estreito. Colocaram uma vitrine na frente e meu pai e o irmão dele, tio Jim, enceraram o chão de madeira. Construíram

estantes que iam do chão ao teto por toda parte, e escadas enormes de madeira para que as pessoas pudessem alcançar as prateleiras de cima. Também construíram portas de vidro para as estantes em que mantínhamos as primeiras edições e aquelas mais baixas que ficavam no fundo da loja, ao centro. Construíram as estantes em que ficava a Biblioteca de Cartas.

No meio da loja, na direção do balcão, fica a mesa do Menu do Dia; atrás, está o sofá da ficção. A escada no fundo, à esquerda, leva para o apartamento, e à direita fica o armário de autoajuda. Atrás das portas de vidro está o jardim da leitura. Jim fez uma cobertura, de modo que as pessoas pudessem ficar ali independentemente do clima, e as paredes foram tomadas por hera e jasmim. Há mesas com jogos de tabuleiro, sofás e cadeiras.

Na parede da direita há um portão que fica sempre trancado e leva à Frank's Bakery. Sugeri ao Frank que o deixasse aberto para que as pessoas pudessem tomar seu café ali, mas ele não se mostrou interessado. Durante todo o tempo que o conheço, ou seja, desde que nasci, ele não mudou nada na loja. Ainda tem os mesmos azulejos pretos e brancos, o mesmo balcão de lanchonete com banquetas de couro preto. Ele faz os mesmos doces, não usa leite de soja e toca Frank Sinatra o dia todo.

Frank entrega para mim o segundo café do dia e me diz que eu pareço horrível.

– É o que andam dizendo – comento, colocando açúcar e mexendo em seguida. – Amy terminou comigo. Partiu meu coração.

– Não sei o que é isso – diz Frank, então me dá uma rosca de mirtilo de graça, queimadinha embaixo, como eu gosto.

Levo o café e a rosca para os fundos do sebo e começo a mexer nos livros que precisam de preço.

Verifico cada um deles, porque o que gosto em livros de segunda mão é como dá para encontrar todo tipo de coisa dentro – manchas de café, palavras circuladas, anotações na margem. George e eu encontramos um monte de coisas nos livros ao longo dos anos – cartas, listas de compras, bilhetes de ônibus, sonhos. Já achei muitas aranhinhas, cigarros amassados, tabaco velho nas costuras. Encontrei até uma camisinha uma vez (ainda na embalagem dez anos depois do prazo de validade, o que devia render uma bela história). Uma vez encontrei um exemplar de *A enciclopédia da flora mundial 1958*. Alguém tinha usado folhas para marcar as páginas de suas plantas favoritas. Elas tinham secado completamente quando eu o abri. Só restava seu esqueleto.

Livros usados são cheios de mistério. É por isso que gosto deles.

Frederick entra enquanto estou pensando nisso. Ele próprio é um mistério. É um cliente regular desde o dia em que a livraria abriu. De acordo com meus pais, foi o primeiro cliente oficial. Ele tinha cinquenta anos na época, e agora está nos setenta, ou por aí. É um homem elegante que adora ternos cinza, gravatas azuis-escuras e Derek Walcott.

Também gosto de Derek Walcott. Poderia devorar o poema “Amor depois de amor”. É só arrancar as palavras da página e enfiá-las na boca.

Desde que comecei a caçar livros, desde que a livraria abriu, Frederick tem procurado por uma edição especial dos poemas dele. Poderia encomendar um exemplar novo, mas

está procurando por uma edição de segunda mão. Não a primeira. Um volume em particular que já foi dele. E esse tipo de coisa é quase impossível de achar.

Mas não acho que vá desistir. Quem sou eu para dizer que é uma busca em vão? As probabilidades estão contra ele, mas coisas impossíveis acontecem. Talvez seja eu quem o encontre. Talvez não esteja muito longe daqui. É claro que livros de segunda mão viajam por toda parte. Mas sempre podem retornar.

Frederick não me diz o que tem no Walcott. É um homem reservado, educado, com os olhos mais tristes que já vi.

Eu lhe entrego três exemplares que encontrei no último mês. Ele dispensa os dois primeiros, mas hesita quanto ao terceiro. Pelo jeito como o segura nas mãos, me pergunto se o encontrou. Ele abre, vira as páginas e tenta não parecer decepcionado.

Então pega a carteira e eu lhe digo que não precisa comprar os livros se não encontrei o certo.

– Alguém vai acabar comprando, e eu vou continuar procurando de qualquer jeito.

Mas ele insiste, e eu imagino alguém entrando em sua casa depois que ele morrer e encontrando centenas de versões diferentes do mesmo livro de Walcott e se perguntando o motivo daquilo.

Frederick não é o único cliente regular. Al lê muita ficção científica e parece mesmo esse tipo de pessoa. Faz anos que trabalha num romance sobre um cara que é tragado para uma utopia virtual. Ainda estamos procurando um jeito de lhe dizer que esse livro já foi escrito. James sempre vem comprar livros sobre os romanos. Aaron chega bêbado pelo menos uma vez a cada dois meses e bate na porta tarde da noite, porque precisa usar o banheiro. Inez adora o cheiro de livros antigos. Jett rouba os livros de capa dura com a intenção de revendê-los para qualquer outro sebo que se interesse.

Frieda joga Scrabble com Frederick no jardim há dez anos. Ela tem mais ou menos a mesma idade que ele e usa vestidos bonitos. Dá para sacar que foi uma daquelas professoras de inglês que aterrorizavam os alunos. Ela está no clube do livro mensal que é realizado aqui, mas que não somos nós que organizamos.

Vêm sempre as mesmas pessoas. Eu arrumo as cadeiras, abro a porta, ofereço bastante queijo e vinho e saio. Quase nunca me junto à discussão, mas, se me interessa, o que costuma acontecer, leio o livro depois. No mês passado, foi *Summer Skin*, de Kirsty Eagar. George o pegou para ler depois da reunião porque as pessoas tinham falado das cenas de sexo, e talvez eu também o tenha feito por isso, pelo menos um pouco. Mas foi principalmente por causa do jeito como Frieda falou da protagonista, Jess Gordan. Ela me lembrou um pouco de uma grande amiga que eu tinha, Rachel Sweetie. Gostei do livro – e George também –, então colocamos um exemplar dele na Biblioteca de Cartas.

É por essa Biblioteca que a Howling é conhecida, pelo menos na região. Aparecemos de tempos em tempos em sites como o *Broadsheet* como um lugar diferente para visitar na cidade.

Fica nos fundos, perto da escada que leva ao apartamento, separada do resto das prateleiras. Nela, mantemos exemplares de livros que as pessoas amam, sejam ficção, não

ficção, ficção científica, poesia, atlas ou culinária. Os clientes podem escrever nos exemplares da Biblioteca de Cartas. Podem circular palavras que amam, sublinhar frases. Fazer anotações nas margens, deixar ideias sobre o significado das coisas. Precisamos de mais de um exemplar de gente como Tom Stoppard e John Green porque *Rosencrantz e Guildenstern morreram* e *A culpa é das estrelas* estavam lotados de comentários dos leitores.

O nome de Biblioteca de Cartas vem do fato de muita gente fazer mais do que uma simples anotação na margem: alguns escrevem cartas inteiras e as colocam entre as páginas dos livros. Cartas para o autor, para o ex que roubou sua cópia de *Alta fidelidade*. Mas, em geral, as pessoas escrevem para desconhecidos que amam os mesmos livros que elas – e alguns desconhecidos, em algum lugar, escrevem de volta.

Orgulho e preconceito e zumbis

de Jane Austen e Seth Grahame-Smith

Carta deixada entre as páginas 44 e 45

23 de novembro a 7 de dezembro de 2012

Escrito na página de rosto: *Este livro pertence a George Jones. Então não venda, Henry.*

Querida George,

Você provavelmente ficou surpresa ao encontrar esta carta aqui. Talvez esteja se perguntando como aconteceu. Fica o mistério.

Eu ainda não a deixei (estou no meu quarto escrevendo), e tenho certeza de que não vai ser fácil fazer isso. Estou pensando em aproveitar o momento em que sair da sala para ir ao banheiro, deixando o livro na mesa. Sei que gosta de encontrar coisas em livros de segunda mão, então vou arriscar. E aqui está ela, então devo ter conseguido.

Não pretendo contar quem eu sou, pelo menos não de imediato. Sou um cara da sua idade, que faz pelo menos uma aula com você.

Se quiser escrever de volta, pode deixar este livro na Biblioteca de Cartas e uma carta entre as páginas 44 e 45.

Não sou um stalker. Só gosto de livros. (E de você.)

Píteas (que obviamente não é meu nome real)

Píteas, ou Stacy, ou qualquer amigo dela que tenha escrito isso,

Fica longe de mim. Se eu te pegar na livraria, vou chamar a polícia.

George

Querida George,

Obrigado por escrever de volta, mesmo que só para dizer que vai chamar a polícia por minha causa.

Não quero irritar você, mas não sou amigo da Stacy. Não gosto dela, e ela definitivamente não gosta de mim. Isso não é brincadeira. Te acho engraçada, inteligente e gostaria de me corresponder com você.

Píteas (algum amigo da Stacy ia usar esse nome?)

Píteas,

Se você não é amigo da Stacy, prove.

George

Querida George,

Isso é difícil. Como posso provar que não estou brincando? Se fosse uma equação matemática, ficaria fácil. Mas talvez você precise arriscar.

Posso dizer algumas coisas sobre mim. Ajudaria? Gosto de ciências. Gosto de matemática. Gosto de resolver problemas. Acredito em fantasmas. Tenho um interesse particular por viagem no tempo, no espaço e no mar.

Ainda não decidi o que quero fazer quando sair da escola, mas imagino que vá estudar o oceano ou o espaço. Antes disso, gostaria de viajar. O primeiro lugar para onde quero ir é o deserto do Atacama. Tem mais de mil quilômetros de extensão e vai da fronteira sul do Peru até o Chile. Dá para o Pacífico e é conhecido como o lugar mais seco da Terra. Em algumas partes dele, nunca choveu. As coisas não apodrecem sem umidade. Então, se algo morresse ali, ficaria preservado para sempre. Dá uma olhada na página 50 do mapa da Biblioteca de Cartas. (Também marquei alguns outros lugares na América do Sul que gostaria de ver.)

Pode me contar algo sobre você?

Píteas

Píteas,

Por que vive me escrevendo? De acordo com o resto da escola, sou esquisita.

George

Querida George,

Gosto de esquisitice.
Píteas

Rachel

Saio de Sea Ridge na sexta-feira à tarde, no carro da minha avó. É velho – um Volvo azul-escuro dos anos 1990 –, mas pelo menos é meu. Foi ideia dela que eu fosse morar com Rose. Para me tentar, ela me deu até o carro.

Em uma das sessões com Gus, o terapeuta especializado em luto, ele me pediu para imaginar como eu ia me sentir me afastando do mar.

– Leve – eu disse. – Aliviada.

Assim não teria que encontrar meu ex-namorado, Joel, ou os professores que decepcionei, ou os amigos de quem me afastei. Não teria que ver os outros salva-vidas do clube onde eu trabalhava antes de Cal morrer, ou as crianças que eu havia ensinado a nadar na piscina da cidade.

Mas não me sinto leve ou aliviada hoje. Para começar, nunca dirigi muito desde que tirei a carta de motorista; o carro da minha avó não é automático e parece não ir muito além dos sessenta por hora.

E ainda tem a caixa com as coisas do Cal que minha avó colocou no porta-malas antes que eu partísse. Odeio que a vida do meu irmão tenha acabado como uma série de caixas com coisas como artigos esportivos, hobbies, coisas de computador e entretenimento escritas nelas. Minha avó separou tudo por volta da marca dos seis meses.

A caixa no carro está cheia de coisas que ela não conseguiu incluir numa categoria, então quer que eu o faça. Há uma interrogação na lateral e a palavra variados abaixo. Tenho a sensação de que vou ficar andando para todo lado com o carro sem tirar a caixa do porta-malas.

Esse pensamento quase me faz parar e jogar a caixa penhasco abaixo. Com um bom arremesso, estaria livre daquilo para sempre. Mas tudo trabalha contra mim – a cor do céu, a luz.

É exatamente a mesma hora do dia em que mamãe, Cal e eu chegamos, há três anos. Olhamos para o mar assim que surgiu, como sempre olhávamos, vendo primeiro os primeiros triângulos, depois em sua amplitude.

Cal tinha um atlas aberto no colo. Era antigo, tinha sido desenhado no século 19. Ele o havia achado em um sebo, naquele mesmo dia. Virei para o banco de trás e o vi passando as mãos pelas páginas do oceano Antártico, mais claras nas bordas, de um azul-escuro nas profundezas.

Listamos fatos a respeito dele enquanto mamãe dirigia. É o quarto maior oceano. Tem 17.968 quilômetros de extensão. Uma área de 20.327 milhões de quilômetros quadrados. Profundidade média entre quatro e cinco mil metros. Eu me lembro de nós três ficando quietos por um momento, animados com sua grandeza.

Viro na direção do continente e acelero tanto quanto possível. Os arbustos e a água ficam para trás num borrão, e eu imagino que a fita do tempo está voltando. Para quando o mundo era outro lugar. Olho pelo para-brisa e espero o concreto e a ausência de mar.

Já está quase escuro quando chego. Perco a primeira saída para Gracetown, e tenho que pegar a seguinte. Isso significa passar por Charlotte Hill, pela High Street e pela Howling Books, que fica ao lado da Frank's Bakery.

Não voltei à cidade desde que me mudei. O trânsito faz com que eu me sinta rastejando pela cidade, e tenho uma sensação estranha, como se estivesse dirigindo em um sonho que acontece no passado. Pequenas coisas mudaram: uma loja de roupas virou um mercado orgânico. A locadora de DVD's agora é um café. Fora isso, continua igual.

Quando paro na frente da livraria, vejo Henry sentado em um banco atrás do balcão, com os tornozelos cruzados sobre o apoio de metal, cotovelos nos joelhos e um livro nas mãos, completamente focado. O único sinal de que três anos se passaram é o fato de que não tenho vontade de beijá-lo. Sinto um leve desejo de chutá-lo, mas só isso.

Antes que o trânsito volte a andar, Henry sai para recolher os livros que estavam do lado de fora. A brisa balança seus cabelos pretos, que mantiveram o brilho. Eu o observo e me testo, mas, não importa quanto olhe, não há confusão no meu peito e as estrelas não parecem brilhar mais forte no céu.

Penso naqueles primeiros meses em Sea Ridge, quando sempre que pensava nele a raiva e a vergonha me consumiam. Quando a única coisa que tirava o rubor da minha pele era o mar.

Rose mora a um quarteirão de distância da High Street, que é lotada de cafés e lojinhas de roupas e discos. Cal e eu sempre achamos que ao norte do rio ficava o lado B da cidade, e gostávamos daquilo. No sul, ficam as ruas largas e as lojas de roupas novas, mas eu prefiro aqui, com o cinema em que passam filmes novos e antigos, as pinturas nas laterais dos prédios, os fios elétricos tortuosos cortando o céu.

O último apartamento de Rose, perto do hospital, tinha só um quarto. Quando eu e Cal ficávamos ali, ela punha um colchão na sala. O apartamento novo é um depósito de tijolinhos laranja com CONCERTO DE CARROS escrito na fachada em letras que estão se apagando. Há uma porta de madeira à esquerda e portas duplas, também de madeira, à direita, que deve ser por onde entram os carros.

Rose é minha tia favorita – e Cal concordava comigo –, mas sempre foi meio esquiva. Ela aparece e some. Quando ia a Sea Ridge, ficava sempre cortando a grama, limpando a garagem ou fumando nas dunas. Quando desaparecia, era sempre para um lugar exótico – ia viajar pela África, trabalhar em Londres, ser voluntária no Chile.

Uma vez perguntei a ela por que não tinha filhos.

– Nunca quis. Sou ocupada demais. E falo palavrão pra caralho.

Mas sei que não se incomodava comigo e com Cal. Sempre dizem que eu chorava o tempo todo logo que nasci. Rose aparecia depois do seu turno no hospital e ficava um pouco comigo para que meus pais pudessem dormir. Minha mãe acordava durante a noite e a ouvia recitando a tabela periódica para mim.

– É a única história que conheço – ela dizia.

Antes de sair do carro, mando uma mensagem rápida para minha mãe e minha avó dizendo que cheguei. Pego as malas, mas deixo a caixa de Cal lá e tranco o carro.

– Fiquei sabendo que ganhou o carro – Rose diz ao abrir a porta. – Qual é a sensação de dirigir até aqui?

– Bem boa.

– Ficou com medo o caminho todo, né?

– Metade do caminho – digo, olhando em volta.

– Está uma bagunça – ela explica. – Estou reformando.

– Não tem paredes – digo.

– Não tem paredes internas – ela diz, batendo em uma.

É um espaço enorme com chão de concreto polido e paredes inteiras de janelas. Há uma cozinha no canto e dois espaços arrumados como quartos.

Posso ler tudo a respeito da vida de Rose ali. A cama está desarrumada, uma bagunça azul com uma cômoda de um lado e uma estante cheia de livros de medicina do outro. Suas roupas, a maior parte jeans e camisetas, estão jogadas no chão ou enfiadas nas gavetas abertas. Há uma arara com alguns vestidinhos pretos e botas de cano alto na parte de baixo.

Meu canto do depósito fica perto das janelas da frente. Há uma cama com uma pilha de lençóis em cima, uma cômoda e uma arara vazia.

– É claro que, no longo prazo, o plano é ter paredes. Mas, até lá, vamos ter que respeitar o espaço uma da outra. E o banheiro tem paredes. – Ela aponta para uma porta de metal perto da cozinha. – Não gostou? – pergunta Rose, me observando enquanto absorvo tudo aquilo.

– Gostei. Só não é o que eu esperava.

Mas o que estou realmente pensando é que não vou ter onde me esconder.

Não tenho muita coisa para guardar e não há comida em casa, então vamos ao mercado. No caminho, penso no que me meti. Sinto um friozinho no estômago toda vez que lembro daquele depósito sem paredes. Estou acostumada a ficar sozinha e fazer minhas coisas – andar na praia à noite, matar aula para dormir, chorar no quarto sem que ninguém veja.

– Estou falando com você – diz Rose.

– E?

– E você não está ouvindo. – Ela aponta para além do para-brisa. – Chegamos. Pega o carrinho e me encontra lá dentro.

Rose não é de cozinhar, então compramos coisas prontas ou que eu mesma possa fazer. É legal ir ao mercado na cidade, e não em Sea Ridge, onde todo mundo se conhece e ainda se encara. E é um mercado novo. Cal e eu nunca ficamos no corredor de chocolates divididos entre M&Ms com e sem amendoim. Ao que parece, Rose não fica dividida. Só coloca pacotes dos dois tipos no carrinho.

– Sua avó acha que você não está comendo o suficiente – ela diz, enquanto seguimos em frente. – Ela disse que você mais parece um zumbi e vive escondida no quarto, dorme

o dia inteiro e passa as noites na praia com sua mãe, que também parece um zumbi.

Rose joga latas de atum no carrinho enquanto observo meu reflexo nas latas para ver se realmente pareço uma morta-viva. A resposta não é muito animadora.

– Sua avó não tem ideia do que é um zumbi – diz Rose. – Não se preocupe.

– Cal a apresentou ao mundo dos zumbis. *Todo mundo quase morto* é um dos filmes preferidos dela de todos os tempos. Junto com *Casablanca*.

– A gente não podia nem ver TV quando éramos crianças – diz Rose. – Agora ela assiste os filmes do Simon Pegg e diz que a neta precisa transar.

– E o que você respondeu?

– Que zumbis não fazem sexo.

Vovó e Rose não se dão bem. Elas brigam sem motivo desde que Rose tinha três anos, ou pelo menos é o que dizem. De acordo com minha avó, minha tia fala palavrão demais, trabalha demais e não a visita o bastante.

– Se ela mandou você pra ficar comigo, deve estar com problemas – diz Rose.

– Eu repeti o último ano – explico, em um esforço para conseguir me defender.

– Se você tivesse ao menos tentado, teria passado. Poderia se formar de olhos fechados.

Penso em mim mesma deitada atrás da escola quando deveria estar na aula – com o sol no rosto e a grama quente nas costas.

– Meus olhos ficaram fechados a maior parte do tempo.

– A vida recomeça – diz Rose, como se fosse algo que se pudesse controlar.

Quando voltamos para o carro carregando as compras, vejo um panfleto no limpador de para-brisa anunciando uma banda chamada Hollows. Lembro de imediato que é a banda de Lola. Ela e Hiroko escolheram o nome anos antes, quando a banda só existia em sua imaginação. Então as duas começaram a escrever as próprias músicas e ensaiar na garagem da avó dela.

Leio o folheto enquanto Rose coloca as compras no carro. Há uma foto das duas esperando ônibus num ponto, com o baixo de Lola e os instrumentos de percussão de Hiroko.

– Velhas amigas – digo a Rose.

– Velhas amigas escrevem – uma voz diz, então levanto o rosto e me deparo com Lola.

Não é tão surpreendente, visto que ela mora por perto e obviamente está distribuindo os folhetos pelos carros do estacionamento. Mas parece um pequeno milagre, como se ela tivesse se materializado no ar diretamente do passado: baixa e voluptuosa, com cabelo castanho comprido e pele morena. Quero abraçá-la, mas se o fizer talvez extravase e comece a chorar no meio do estacionamento.

– Faz tempo – digo, para preencher o silêncio.

– Tempo demais – ela diz, mexendo no brinco que, no estacionamento mal iluminado,

parece um prego. – Tanto que achamos que você podia ter morrido.

– Eu teria dito se estivesse morta.

Ela não sorri, mas para de remexer no brinco. Se eu falasse sobre Cal, ela ia me perdoar de imediato, mas porque se sentiria culpada por algo que não deveria. E não parece justo soltar a bomba enquanto Rose enfia um pacote de papel higiênico no carro.

– O último ano e meio me consumiu – digo apenas.

Ela se aproxima e pega uma mecha de cabelo minha, como se tivesse acabado de notar que está curto e descolorido. Seus olhos vagam por todo o meu corpo, pela camiseta preta e o jeans, por minha figura esguia. Ela está com um vestidinho prata, e tento não parecer tão sem graça quanto me sinto.

– Não gosta? – pergunto, passando a mão pelo cabelo.

– Gosto – ela diz.

– Vai me perdoar?

Ela pega o folheto da minha mão e anota seu celular, então diz que vão tocar num lugar chamado Laundry.

– Henry vai estar lá. Se você sente muito mesmo, vai aparecer mesmo assim – Lola diz antes que eu possa fazer qualquer comentário sobre querer evitá-lo. – Apareça e tudo estará perdoado.

Conto a Rose sobre Lola e Hiroko enquanto saímos do estacionamento. Lola canta e toca guitarra. Hiroko é percussionista. Toca xilofone e outros instrumentos que nem sei como chamam. Digo para minha tia que ainda posso vê-las na aula, passando pedaços de papel com letras de músicas, quando o professor não estava olhando.

Coloco o folheto no bolso. Sinto falta de Lola e não quero que ela me odeie, mas de jeito nenhum que eu vou aparecer na Laundry hoje. A vida já está deprimente o bastante sem que eu tenha que assistir a Amy e Henry de mãos dadas e se beijando.

– Falando em velhos amigos da escola – diz Rose–, esbarrei com a mãe do Henry outro dia. E foi num bom momento, porque eu tinha acabado de descobrir que o trabalho de que falei no hospital não ia dar certo. Quando mencionei isso, Sophia disse que tinha uma vaga pra você na Howling.

Rose fala depressa, então preciso de um momento para absorver o que acabou de dizer e o que significa. Trabalhar ao lado de Henry oito horas por dia. Mesmo que nossos turnos sejam diferentes, não vou ter como evitá-lo. Ele vai ficar deitado no sofá da ficção, falando sem parar sobre Amy. Ou *com* Amy. Eu a imagino deitada ao lado dele no sofá da ficção.

– Não.

– Não?

– Não – repito, mais forte. – Obrigada, mas não. Diga a Sophia que achei outro trabalho.

– E você achou?

– Claro que não.

– Então vai ficar com esse. Começa amanhã, às dez. Sophia disse que estava procurando por alguém que se desse bem com computador e com pessoas. É a sua cara.

– Não me dou bem com as pessoas agora.

– Verdade, mas preferi esconder isso. Não contei nada, aliás. Eles não sabem do Cal. Não sabem que repetiu o último ano. Só acham que vai tirar um ano antes da faculdade. Tudo o que precisam é de alguém que crie uma base de dados e catalogue o estoque. Você pode fazer isso, não?

Posso, e admito isso. Só que não quero.

Não quero explicar a situação humilhante com Henry, mas, como não tenho escolha, digo a ela que gostava dele, conto da última noite do mundo, de Amy, da carta, da minha declaração, de como Henry a ignorou. Qualquer outro ser humano entenderia por que eu não podia aceitar aquele emprego.

Mas Rose não era qualquer ser humano.

– Você vai ter que superar. Está tentando se esconder. *Quer* ser infeliz, mas não vou deixar. Vai aceitar o trabalho na livraria. Não vai passar nem um dia deitada na cama olhando para o teto. – Ela olha para mim e depois para a estrada à frente. – Alguma hora vai ter que voltar à vida.

Levamos as compras para dentro em silêncio. A cada sacola, fico mais determinada a não trabalhar com Henry.

– Prefiro ser faxineira e limpar banheiros. Me deixa limpar banheiros. Eu imploro. Me deixa ser faxineira no hospital.

– Você ainda gosta dele – diz Rose.

– Não. Não gosto de ninguém.

Talvez algumas pessoas façam muito sexo para superar o luto, mas isso não aconteceu comigo. Terminei com Joel. Não beijei ninguém desde o enterro. Não quero beijar ninguém. Não quero *ver* ninguém beijando ninguém. Definitivamente não quero ver Henry e Amy se beijarem.

– Essa é minha condição para que more comigo – diz Rose. – Levantar todas as manhãs e ir trabalhar. Ou faz isso, ou volta para a escola. Você tem dezoito anos, pode decidir sozinha entre ficar aqui e fazer o que eu mando ou ir para casa. Não quero parecer exagerada, mas estamos todos preocupados pra caralho com você.

Entro no banheiro e bato a porta, porque é a única que há para bater. Fico me olhando no espelho. O reflexo é ao mesmo tempo de alguém que reconheço e que não reconheço. Cortei meu cabelo comprido cerca de uma semana depois do enterro. Foi uma noite estranha. Em retrospectiva, a primeira coisa de que me lembro é o céu. Nunca tinha visto um igual. Sem profundidade ou estrelas, como se o mundo tivesse se tornado uma caixa com tampa. Não consegui dormir. Sentei na sacada e fiquei olhando por um bom tempo, sabendo que havia planetas, estrelas e galáxias, mas sem conseguir acreditar mais neles.

Gosto que haja uma linha separando a Rachel que eu era antes de Cal morrer – a garota

com cabelo loiro e comprido, a cientista, que usava vestidos porque eram mais fáceis de tirar para ficar só de biquíni – e a Rachel de cabelo curto, que não usa mais biquíni nem se importa com a aparência.

– Só quero que volte a ser você mesma – diz Rose, batendo as unhas na porta enquanto tenta me convencer a sair do banheiro. – Lembra aquele dia? – ela diz, e eu sei de que dia está falando sem que mencione a data, o lugar ou a época.

Minha tia começa a descrevê-lo, e quero que pare, mas não quero fazer um escândalo por isso. Não aconteceu nada de mais naquele dia, e ainda assim aconteceu tudo.

Rose foi nos visitar no verão antes do meu último ano de escola. Ela tinha chegado do Chile, aparecendo cedinho na cozinha, como costumava acontecer, com café, croissants e o jornal. Assim que o sol saía, já esquentava. Comemos na sacada e Rose nos disse que tinha visitado o cabo Horn, ao sul do arquipélago da Terra do Fogo. Além dele ficavam as ilhas Shetland do Sul, na Antártida, separadas pela passagem de Drake.

– A ponte entre o Atlântico e o Pacífico – Cal leu no celular, ajeitando os óculos que escorregavam pelo nariz e rolando a tela atrás de mais informações.

Enquanto ele lia, Rose levantou os pés e disse:

– Sua primeira viagem. Pra onde quer que escolham ir, separados ou juntos, onde quer que fique, eu pago.

Rose não fazia promessas que não pretendia cumprir. Cal e eu começamos a planejar. Iríamos juntos, aquilo era certeza. Eu esperaria até que ele terminasse a escola. A parte difícil era escolher o destino.

– A oferta ainda é válida – Rose diz agora. – É só você escolher o lugar.

Escolho o passado.

O banheiro é pequeno demais. Rose continua tamborilando as unhas. A outra Rachel me olha do espelho. Penso em dirigir e em como é gostoso sentir o ar entrando pela janela aberta. Destranco a porta e saio.

– Podemos pelo menos conversar a respeito? – ela pergunta, e eu faço que sim.

– Mas amanhã. Acho que vou ver Lola tocar hoje.

Pego o folheto e Rose me dá a chave extra do depósito. Parece preocupada, então dou um beijo nela.

– Relaxa. Ouvi você. Vou voltar a viver.

Teria sido o bastante para minha mãe, mas não para Rose.

– Não sou idiota. Você vai ficar dirigindo por aí só pra evitar a conversa.

E é exatamente esse o plano.

– Não é esse o plano.

Parece que estamos prestes a começar outra luta, mas Rose relaxa e se apoia no balcão.

– Então tá. – Ela pega uma maçã e dá uma mordida. – Tira uma foto da Lola no palco e

me manda. Quero uma prova de vida.

Mais esperta que o necessário – é como minha avó descreve Rose. Ser aventureira demais, sincera, pouco convencional e alta demais. Essas são qualidades que sempre amei em minha tia. Até agora, quando elas trabalham contra mim.

Percorro lugares do meu passado enquanto traço um plano. Tudo parece igual: as ruas, as lojas, as casas. Vejo a Gracetown High, onde minha mãe era professora de ciências e eu estudava. Cal estudava numa escola particular do outro lado da cidade que tinha um bom programa de música; ele tocava piano.

Estaciono do lado de fora da nossa antiga casa na Matthews Street, um bangalô californiano de três quartos pintado de creme. Quem quer que viva ali agora manteve as cadeiras e as plantas na varanda, mas as bicicletas apoiadas na lateral e os carros na garagem são outros.

Quando morávamos aqui, o fundo da casa era de vidro. Lembro que eu e Cal estávamos sentados na sala uma noite quando uma chuva de verão teve início. As luzes de fora iluminaram a chuva até que os trovões começaram. A gente amava tempestades. Amava a carga no ar, a eletricidade acumulada nas nuvens lá no alto e na superfície da terra se movendo uma em direção à outra.

Cal sempre se interessou por ciência e era bom naquilo, mas não amava, não como eu. Ele gostava do assunto por causa de todas as possibilidades, mas acreditava em outras coisas, como viagem no tempo e o sobrenatural. Lembro que quando assistimos à série de TV *Being Human* tivemos uma discussão sobre a existência de fantasmas. Cal achava que eles existiam. Eu achava que não. Minha mãe explicou a nós dois por que, de acordo com a segunda lei da termodinâmica, eles não podiam existir. Cal escolheu continuar acreditando mesmo assim.

Eu estava com mamãe. Humanos são um sistema muito ordenado. Depois que o corpo quebra além do conserto, não há como voltar a funcionar.

No entanto, continuei no velório depois que todo mundo tinha ido embora. Fiquei esperando pelo fantasma de Cal. Ainda não acreditava naquilo, mas tinha uma ideia maluca de que, porque meu irmão acreditava, podia ser possível. Imaginei que ele diria algo como “Olha só, Rach, estou aqui”, levantando os braços para mostrar que a luz o atravessava. Mas fantasmas não são nada além de poeira e imaginação, e finalmente o cara que cuidava do lugar me disse com toda a gentileza que eu precisava ir embora. Outro funeral ia começar dali a pouco.

Penso no ultimato de Rose. Ficar ou ir para casa. Cal está em toda parte, mas pelo menos nesta cidade ele está vivo. Não quero ir para casa. Não acho que vou querer voltar para lá nunca mais.

Pego o folheto e o avalio. Nunca ouvi falar na Laundry, mas fica na High Street, não muito longe daqui. A julgar pelo número, diria que fica quase em frente à livraria. Não quero ver Henry, mas vai estar escuro lá, então as chances de encontrá-lo são pequenas.

Dou a partida.

Orgulho e preconceito e zumbis

de Jane Austen e Seth Grahame-Smith

Cartas deixadas entre as páginas 44 e 45

8 a 11 de dezembro de 2012

Certo, Píteas, vou responder, mas só porque sinto pena de você. Que tipo de cara gosta de esquisitice?

Vou contar sobre mim, mas primeiro tenho umas perguntinhas para você. Quem é Píteas? Já nos falamos antes? Como nunca te vejo deixando as cartas no livro? Andei bem atenta a isso.

George

Querida George,

Você é sempre assim desconfiada? Não ligo, mas me pergunto se tem alguém em quem confia. Está sempre sozinha na escola. Uma vez pedi para sentar ao seu lado no refeitório. Você me olhou, concordou, então levantou e foi embora. Não foi muito simpática.

Quanto a Píteas... que bom que você perguntou. Ele é do século 4 e foi a primeira pessoa (ou pelo menos é o que dizem os registros) a escrever sobre o sol da meia-noite. Foi o primeiro cientista de que se tem notícia a visitar o Ártico, e a primeira pessoa a provar que a Lua causa as marés.

Você nunca me vê colocando as cartas no livro porque sou incrivelmente discreto. :)

Píteas

P.S.: Vi que você marcou os Estados Unidos no mapa. Gostaria de ir para lá também. Minha irmã e eu queremos mergulhar na costa da Califórnia um dia.

Certo, Píteas: coisas sobre mim.

Gosto da livraria. Leio muito. Alguns dos meus autores favoritos são Hugh Howey, Kurt Vonnegut, Ursula K. Le Guin, Margaret Atwood, John Green, Tolstói (acabei de ler Anna Kariênina), J. K. Rowling, Philip Pullman, Kirsty Eagar, Melina Marchetta, Charlotte Brontë e Donna Tartt. Ultimamente (e você sabe disso) ando envolvida com a mistura de clássicos com outros gêneros (Razão e sensibilidade e monstros marinhos, esse tipo de coisa).

Gosto de bolinhos chineses. Meu aniversário é no primeiro dia do inverno; gosto de passar frio (a não ser pelos pés). De música, gosto de Finches, Jane's Addiction, Amber Coffman e Wish.

Tendo a ficar na minha na escola porque todo mundo lá parece muito diferente de mim, e não consigo encontrar um grupo em que me encaixe, então parei de tentar.

Sinto muito por aquele dia no refeitório. Não me lembro disso. Mas, se soubesse que era você, teria ficado na mesa.

George

Querida George,

Obrigado. Aceito suas desculpas. Se algum dia eu tiver coragem de ir até você de novo, vou esperar uma recepção mais calorosa.

E eu entendo. Também mudei de escola, mas fiz um bom amigo na nova, então dá pra aguentar. Acho que você gostaria dele, e sei que ele gostaria de você. Vocês estão na mesma turma de inglês, e ele te acha interessante.

Meu amigo gostou do que você disse na aula sobre o livro Liar. Parece que você usou "porra" sem nem perceber.

Não conhecia essas bandas, mas baixei umas músicas. Gostei de Wish. Tem um clima meio onírico. Já ouviu falar dos Dandy Warhols? Acho que pode gostar.

Leio muita ficção e quadrinhos, mas também adoro não ficção. Como eu disse, gosto de teoria sobre o tempo. Tenho lido bastante sobre a teoria do universo-bloco. Não entendo completamente, mas gosto de pensar a respeito.

Píteas

P.S.: Eu gosto de esquisitice, mas não te acho esquisita. Ou, se for, é do melhor jeito possível. Você é muito linda (agora nunca vou poder dizer quem eu sou). Gosto da mecha azul no seu cabelo, de como responde as coisas na aula e não se preocupa com o que os outros dizem. Gosto do fato de que está sempre lendo coisas interessantes e de que trabalha numa livraria.

P.P.S.: Deixei um livro na Biblioteca de Cartas para você. É meu, então pode ficar. Sea, do Mark Laita. É um dos meus favoritos de todos os tempos. Marquei o polvo do Pacífico Norte. Ele pode mudar de aparência e textura para parecer até o mais intrincado coral. Vive cerca de quatro anos, que é mais do que as outras espécies de

polvo, e chega a cinco metros de comprimento. Gostaria de ir ao Alasca um dia para ver um.

Querido Píteas,

Andei pesquisando a teoria do tempo que você mencionou. Se o passado realmente existe, por que não podemos viajar até ele? De acordo com essa coisa do universo-bloco, eu ainda existiria lá, não? Então, enquanto estou aqui no presente, também estou lá? Não faz o MENOR sentido.

Obrigada pelo livro. É muito lindo. Usam Photoshop? As cores dos peixes parecem inacreditavelmente brilhantes.

Às vezes olho para as fotos na mais completa escuridão, só com uma lanterna voltada para eles. Parece que estou debaixo d'água. Já fez isso?

O polvo gigante é incrível, claro. Mas minha foto preferida é a da água-viva. De vez em quando vou ao aquário dar uma olhada nelas. Parecem fantasmas na água.

Obrigada por todos os elogios. Eu também elogiaria você se o conhecesse. Ando distraída nas aulas, porque não consigo parar de pensar em quem é você. Não parece um dos garotos populares, e digo isso como uma coisa boa.

Tem planos de me dizer quem é? Ou vai ficar só na escrita para sempre?

George

Querida George,

Deve ser estranho saber que estudo com você, mas não quem sou. Mas não posso contar. Tenho medo de que, se descobrir, tudo mude. Não quero que pare de escrever.

O bloco-universo mexe mesmo com nossa ideia de tempo. Pense assim: o universo está crescendo e, nesse processo, pedaços do espaço-tempo são acrescentados a ele. Conforme isso acontece, você segue em frente. Então viajar para o passado é impossível. O espaço-tempo só segue numa direção: em frente.

Píteas

Henry

As horas de trabalho na livraria são flexíveis. Abrimos às dez da manhã e ficamos pelo menos até as cinco, mas em geral mais. E quase sempre abrimos para emergências além do horário.

Mas às sextas sempre fechamos às oito, porque é quando fazemos nosso jantar em família no restaurante chinês. Estou colocando para dentro as prateleiras com rodinhas que deixamos na rua, já me preparando para fechar, quando Lola aparece e diz que acabou de ver Rachel.

Nem preciso perguntar de que Rachel está falando. Só há uma Rachel. A Rachel. Rachel Sweetie. Minha melhor amiga, que foi embora há três anos e se manteve tão ocupada que me esqueceu completamente.

Depois que ela se foi, escrevi cartas – longas cartas – contando tudo o que acontecia na livraria. Falei de George, dos meus pais, de Lola e Amy. Ela me mandava cartas de um parágrafo de volta, então elas se transformaram em e-mails de um parágrafo, então passou a me incluir apenas num grupo de e-mails, até que simplesmente deixou de me escrever.

– Ela está me ignorando – eu dizia para Lola, ao ver as longas mensagens que ela recebia de Rachel. – Ela te falou alguma coisa? – eu perguntava, e ela só balançava a cabeça.

Lola mente muito mal. Rachel havia, sim, dito alguma coisa, mas Lola era leal demais para me contar, então eu tinha que descobrir sozinho.

– Ela cortou o cabelo curto e descoloriu – Lola diz agora, e eu fico tentando visualizar Rachel assim, ainda que não queira fazer isso.

Não quero pensar em como ela está.

Eu faço uma careta para que ela saiba que não tenho nada a ver com Rachel.

– Ainda não sei por que deixamos de ser amigos, mas deixamos, então não quero me encontrar com ela.

Lola vira de costas para o balcão e projeta o corpo para subir nele, sentando ao lado do pote de balinhas. Ela pega uma e diz:

– Você precisa superar. Rachel voltou e quero sair com ela.

– Já superei. Superei totalmente. Superei o fato de que Rachel escrevia pra você e não pra mim. Superei completamente o fato de que não atendia minhas ligações. Mais do que superei o fato de que foi embora da cidade sem nem se despedir.

– Pelo que ouvi, você escreveu dizendo que tinha perdido a hora.

– É por isso que ela está brava? Eu *sempre* perco a hora. Perco a hora quase todos os dias, e Rachel sabe disso. Ela podia ter passado por aqui no caminho para a estrada, me acordado e dado tchau.

– Você parece mesmo ter superado – diz Lola.

– Mas sabe o que ela fez? Me mandou uma mensagem dizendo que meu *Deuses americanos* estava nos degraus da frente da casa dela. E choveu antes que eu fosse buscar. Estragou completamente.

Lola pega outra balinha.

– Por sorte você trabalha numa livraria que tem outros cinco exemplares do mesmo livro, além dos outros dois da sua coleção pessoal.

– Esse não é o ponto – digo.

Lola me passa um folheto.

– Vamos tocar hoje à noite na Laundry. Que, para sua sorte, fica do outro lado da rua.

Lola e Hiroko tocam juntas oficialmente como Hollows desde a formatura do segundo ano do ensino médio. Não oficialmente, desde que sonhavam ter uma banda no oitavo ano. São meio que uma mistura de Arcade Fire, Go-Betweens e Caribou, e são boas. Lola fez um acordo com o dono da Laundry para tocarem nas noites de sexta por uma hora antes da banda principal. Até que, tocando, ganhe dinheiro o bastante para pagar o aluguel, ela se sustenta trabalhando no mercado local e fazendo bico na livraria quando alguém fica doente.

Digo a ela que vou, enquanto desce do balcão.

– Tenho que ser sincera e dizer que convidei Rachel – ela diz. – Você pode aproveitar pra acertar as coisas com ela.

Algo me diz que isso não é uma possibilidade. Não é possível acertar as coisas com alguém que simplesmente te esqueceu. Pelo resto da vida, sempre vai ficar se perguntando se vai acontecer de novo. Você sempre vai saber que a outra pessoa ficaria cem por cento bem sem você, mas que o contrário não seria verdade.

Tranco a livraria e vou para o restaurante. No caminho, me forço a pensar em Amy para parar de pensar em Rachel. Meu celular ficou no silencioso o dia todo e eu me segurei para não conferir, porque é uma verdade universalmente aceita que quando se fica olhando para o telefone ele nunca toca, principalmente quando se está esperando uma mensagem da ex explicando por que ela não te ama mais.

Ela ligou. Tem uma chamada perdida, mas nenhuma mensagem.

Penso se devo ligar de volta quando deparo com Greg Smith. Estou olhando para baixo e ele fica no caminho, então damos um encontrão de leve. Eu o ignoro e continuo andando. Greg Smith era da minha turma da escola, e toda vez que o vejo acabo questionando o universo. É um completo idiota, mas tem dentes anormalmente brancos e cabelo perfeito. Por que premiar os idiotas? Se não quer que eles vençam, não os faça tão atraentes.

– Fiquei sabendo que Amy te deu um fora – ele diz quando já estou alguns passos à frente.

Sei que é melhor não dar corda, mas sempre acabo dando. Faço isso quando ele diz que minha irmã é esquisita. Faço isso quando diz que eu sou esquisito. Faço isso quando chama Lola de lésbica como se isso fosse um xingamento. Faço isso quando ele diz que

poesia é idiotice. Admito que algumas poesias são idiotas. Se Greg escrevesse poemas, os dele seriam. Mas Pablo Neruda, William Blake e Emily Dickinson, só para citar alguns, estão o mais distante de idiotas possível.

– Ela não me deu um fora. Ainda estamos juntos. Viajamos no dia 12 de março – digo, e sigo em frente antes que ele possa responder.

Cedo ou tarde Greg vai descobrir que estou mentindo, mas num momento em que não tiver que encará-lo. Uma das melhores coisas de terminar a escola é que você finalmente se livra dos idiotas.

Só fico de mau humor até chegar ao restaurante. Meus pais, George e eu vamos a esse lugar todas as sextas, a não ser quando a livraria recebe o clube do livro, desde que consigo me lembrar. Sempre pedimos os bolinhos de porco, os fritos, os wontons com molho picante, a lula com sal e pimenta, camarões com legumes e rolinhos primavera.

Mantemos a tradição mesmo depois do divórcio. Minha mãe não mora mais em cima da livraria, mas ainda janta com a gente às sextas, e pelo menos por uma hora somos uma família de novo. A sensação é boa. Triste e esquisita, mas boa.

Mai Li está na entrada, como sempre. A família dela é dona do restaurante. Eu a conheço da escola. Vai estudar jornalismo este ano, mas sua verdadeira paixão é a poesia performática. Ela escreve no celular enquanto anda por aí. Não sei dizer se ela fala como uma poeta performática ou se sou eu que a ouço assim.

– Como anda a vida, Henry? – ela pergunta.

– Um cocô, Mai Li.

– Por quê?

– Porque Amy me largou.

Ela para de entregar cardápios aos clientes e faz a pausa devida antes de voltar a falar.

– Foda-se, Henry – ela diz, me entregando o cardápio. – Acho que eles estão brigando.

– Sério?

– Ninguém está comendo. E ouvi gritos – ela diz, antes que eu comece a subir as escadas.

Meus pais não gritam. São o tipo de pessoa que cita livros e tenta conversar a respeito de tudo. Nem quando mamãe estava para ir embora eles gritavam. O silêncio em nosso sebo era tão audível que George e eu íamos até a padaria do lado para escapar. Mesmo com o lugar vazio, eles brigavam em silêncio.

Chego na mesa e vejo que George está em seu lugar de sempre, ao lado de papai. Assumo meu lugar ao lado de mamãe. Baseado no olhar preocupado que George me lança, tenho certeza de que Mai Li está certa.

Nos jantares de sexta, costumamos falar sem parar sobre livros e o mundo. Na semana passada começamos com George. Ela havia lido *1984*, de George Orwell, e *The One Safe Place*, de Tania Unsworth. E tinha acabado de começar a leitura de *A estrada*, de Cormac McCarthy.

A primeira regra das discussões de livros na nossa família é que não se pode demorar uma eternidade para explicar a trama: você só tem vinte e cinco palavras ou menos. Por outro lado, não há limite de tempo para dizer o que achou. “Orwell: um mundo controlado pelo Estado.” “Unsworth: um mundo pós-aquecimento global.” “McCarthy: pai e filho sobrevivendo no mundo pós-apocalíptico.”

Perguntei à minha irmã o que havia naqueles mundos terríveis que tanto a fascinava, e ela pensou um pouco a respeito. Adoro como George leva ideias, livros e discussões sobre eles muito a sério.

– Acho que está mais relacionado aos personagens que aos mundos. Como as pessoas se comportam quando perderam tudo ou quando se tornou perigoso pensar por si só.

A conversa tinha se voltado para mim e o que eu estava lendo. *Quando tudo volta*, de John Corey Whaley. Peguei o livro e o passei pela mesa. Não queria entregar muito, então só disse que era sobre Cullen Witter, cujo irmão desaparece. O livro começa com o narrador descrevendo o primeiro cadáver que já viu. Depois daquilo, não consegui parar de ler.

Minha mãe fala sobre *A visita cruel do tempo*, de Jennifer Egan. Ela parece meio triste quando explica a mim e a George que o tempo é o vilão da história, empurrando-nos de um lado para o outro. Meu pai já tinha lido e também parecia triste. Então me ocorreu que quem nos empurra de um lado para o outro talvez fosse o amor.

– Pode ser – meu pai concordou quando mencionei isso para ele depois. – Mas gosto de pensar que o amor é um pouco mais indulgente que o tempo.

O clima está completamente diferente esta noite. Meu pai pega um bolinho de camarão.

– Precisamos falar com você – minha mãe diz, do mesmo jeito de quando contou sobre o divórcio.

“Precisamos falar com você” nunca indica coisa boa.

– Sua mãe acha mesmo que precisamos vender a livraria – meu pai diz, e fica muito claro que ele não quer fazer isso.

– Algumas pessoas fizeram ofertas pelo imóvel. A vida seria muito mais fácil para todos nós se vendêssemos – minha mãe diz. – Estamos falando de uma quantia expressiva de dinheiro.

– Precisamos de uma quantia expressiva de dinheiro? – meu pai pergunta.

– Sebos e livros de segunda mão não são exatamente um mercado em crescimento – minha mãe diz. – Como foram as vendas hoje, Henry?

Coloco um bolinho inteiro na boca para não ter que responder.

Não, não é um mercado em crescimento, e provavelmente nunca vai voltar a crescer. Como Amy diz o tempo todo: “Acorda pra internet, Henry”. Mas isso quer dizer que precisamos vender o sebo? Não sei.

O negócio com a nossa família é que todo mundo tem direito a voto, de modo que nossos pais não podem tomar decisões sem a gente. George fica olhando para o próprio prato com uma intensidade feroz, como se esperasse transformá-lo num portal pelo qual

pudesse desaparecer. Imagino que ela ainda não saiba como votar. Ela joga Scrabble com papai todas as noites e ama ficar lendo na janela com o gato. Mas sente tanta falta de mamãe que já a ouvi chorando no quarto. Vai votar comigo, porque não quer ter que escolher. O que torna o meu voto vital.

– Você quer trabalhar na livraria até que ela morra, Henry? – minha mãe pergunta.

Meu pai reclama que aquilo não é justo, e ela diz que ele é livre para argumentar pelo contrário.

– Se todos desistirmos das coisas que amamos quando elas ficam difíceis, o mundo seria um lugar terrível – ele diz.

Parece que estamos falando sobre mais do que livros, e é por isso que George vai votar comigo.

Eu digo que tento ver o futuro – daqui a vinte anos. Sei que é pouco provável que ainda estejamos de pé. Eu me imagino sentado do outro lado do balcão, lendo Dickens no lugar do meu pai, falando com Frieda, enquanto o sol entra pela janela e ilumina universos de pós e relíquias que são os livros usados. Eu me vejo saindo de casa para trabalhar em outro lugar à noite de modo que consiga pagar as contas, como meu pai teve que fazer algumas vezes ao longo dos anos. Então vejo um mundo sem livros, definitivamente sem sebos. Tenho um flashback de uma conversa com Amy sobre a livraria, quando ela me emprestou dinheiro para pagar pelo seguro-viagem.

– Se você quer ter uma vida, Henry, precisa de um trabalho de verdade – ela disse.

– Quão ruim a coisa está? – pergunto agora à minha mãe.

Ela faz a contabilidade. É a única prática, que pensa no futuro.

– Bem ruins. Mal fechamos as contas. Quero pagar a faculdade da George ano que vem. Quero me aposentar um dia. Quero deixar um futuro para vocês dois.

De repente fica muito claro por que Amy terminou comigo. Estou destinado a ser desempregado. Ela está destinada a ser advogada. No momento, meu plano é morar com meu pai e minha irmã no longo prazo. O dela é comprar o próprio apartamento. O motivo pelo qual terminou comigo não pode ser tão simples assim, mas tem alguma coisa a ver com isso. Quase nunca tenho dinheiro para sair com ela.

Amo livros usados; amo livros. Mas, se as coisas estão tão ruins quanto a minha mãe diz, então vender vai ser melhor para todos nós.

– Se tem uma oferta boa na mesa, talvez a gente deva pensar a respeito – digo, evitando encarar meu pai.

Faz-se um triste silêncio depois, e quase retiro o que disse.

– Talvez a gente deva falar com os corretores – minha mãe diz.

Como ninguém fala mais nada, parece que todos concordamos.

George vai ao banheiro, mais para evitar a questão. Quando volta, minha mãe diz que vai contratar algumas pessoas para catalogar os livros de modo que saibamos o que temos em estoque.

– Você conhece uma dessas pessoas, na verdade. Rachel.

Não tenho que perguntar que Rachel. De novo, só tem uma.

– Vi a tia dela no mercado semana passada. Rose me disse que Rachel estava voltando para a cidade, mas que o trabalho que ela tinha arranjado havia dado errado. Rachel é boa com computadores, então disse que podia trabalhar com a gente.

Ouvi minha mãe e tentei imaginar as condições necessárias para que Rachel aceitasse trabalhar comigo na Howling Books. Talvez a garota tivesse levado uma paulada na cabeça e estivesse com amnésia.

Não digo nada. Acho que pareço pouco impressionado, porque ela me pergunta:

– Vocês não eram melhores amigos?

– Antes de Rachel se mudar – digo. – Nunca mais nos falamos.

– Quer que eu volte atrás? – ela pergunta. – Não sei se posso.

Eu estaria mentindo se dissesse que não queria ver Rachel. Senti falta dela. Se aceitou o emprego, talvez seja porque também quer me ver.

– Não precisa – digo.

George volta do banheiro e diz que perdeu a fome e quer ir para casa.

Minha mãe vai com ela, então ficamos só eu e meu pai na mesa, com bolinhos demais para comer e uma enorme pilha de silêncio.

– Decepcionei você – digo. – Mas ainda não dei meu voto oficial.

– Todos temos que votar, Henry. Somos todos parte da decisão. Não se preocupe. – Ele coloca a mão no meu ombro. – Não estou decepcionado com você.

– Li um artigo que dizia que os sebos vão ser relíquias no futuro – digo a ele, tentando inventar desculpas para tudo o que aconteceu no jantar.

– Você sabe o que “reliquia” significa de fato? A definição do dicionário, digo? – ele pergunta, me passando os camarões.

Pego um e faço que não com a cabeça.

– Significa “sagrado” – ele diz. – Como os ossos dos santos.

O grande Gatsby

de F. Scott Fitzgerald

Carta encontrada entre as páginas 8 e 9

Para o meu amor,

Se eu soubesse onde você está, teria enviado esta carta pelo correio. Mas não sei, então vou deixá-la aqui. Sei o quanto ama Fitzgerald. Mais do que me ama, acho. Revirei as estantes e tenho certeza de que levou seu exemplar. Nós o compramos juntos. Não se lembra? Então não era só seu, e não podia tê-lo levado.

Recebi sua carta. Imagino que seja melhor que uma mensagem de texto, mas você está errada. Não foi a maneira mais gentil de terminar. Também teria machucado se você tivesse se despedido cara a cara, mas talvez menos.

Aonde você foi, meu amor? Depois de dez anos, acho que saber isso é mais do que devido. Me escreva uma linha que seja para que eu saiba onde está. Para que eu não tenha que inventar o pano de fundo pelo resto da vida, quando pensar em você.

John

Henry

Saio do restaurante e sigo na direção da Laundry, pensando nos ossos dos santos, em Rachel e se eu deveria votar pela venda ou não. O problema da livraria é que vender faz sentido. Minha mãe tem um bom argumento, e ela sempre foi a mais pé no chão da família.

O problema com Rachel é o que dizer quando a vir. Não sei se posso voltar a ser seu amigo se ela não disser que sentiu minha falta ou me der uma boa explicação pelo fato de nunca ter escrito. Não tenho muita dignidade, mas tenho alguma.

Estou preocupado com isso quando dou de cara com ela. Nem a vejo. Damos um encontrão na rua, e já estou me desculpando quando percebo quem é.

A primeira coisa que penso é: graças a Deus ela voltou. A segunda coisa: ela está linda. Sempre foi, claro, mas ficou ainda mais do que achei que estaria. Tem algo de diferente nela, uma mudança que não consigo apontar, e não posso evitar que meus olhos passem por seu corpo, verificando as mudanças. O cabelo está curto e descolorido, como Lola disse. Ela está com uma camiseta preta velha e jeans. Parece mais alta, mas talvez só esteja mais magra, ou ambos.

– Oi – digo.

– Oi – ela diz, então desvia o olhar, como se mal me reconhecesse.

– *Henry* – digo. – Henry Jones. Fomos melhores amigos por sete anos. Está lembrando agora?

– Eu sei – ela diz, ainda sem me encarar.

Rachel tira um folheto do bolso e o desdobra.

– Vim por causa de Lola – ela diz.

Não consigo evitar a sensação de que o final da frase é “não por você”.

– Eu também – digo. – É, vim aqui pela Lola. Que é minha melhor amiga agora, já que minha antiga melhor amiga foi embora e me esqueceu completamente. – Fico cutucando o chão com o pé. – Quanto tempo demora para escrever uma carta?

– Eu escrevi – ela diz.

– É, obrigado por aqueles parágrafos basicamente vazios.

– De nada – ela diz, então aponta por cima do meu ombro. – A fila andou.

Pagamos e recebemos um carimbo na mão. A Laundry fica numa antiga lavanderia, de modo que há máquinas espalhadas pelas paredes e em alguns cantos se pode até sentir o cheiro de sabão barato e lençóis úmidos. É pequena, então não é como se estivesse seguindo Rachel, mas preciso ir atrás dela se quiser chegar ao bar. Mesmo assim, ela se vira para mim como se eu fosse um stalker.

Não consigo entender. Senti sua falta. Mesmo agora, quando se comporta como outra pessoa, ainda sinto.

– Como pode não ter ficado com saudade? Como isso é possível?

Por um segundo, acho que está prestes a admitir que sentiu minha falta. Ela quase sorri. Então diz:

– É um mistério.

– Você estava quase admitindo. Quase disse “Senti tanta falta sua que chorava à noite. Beijava sua foto todos os dias”.

– Não levei sua foto comigo – ela diz, apontando uma mesa vazia do outro lado. – Olha. São velhos amigos.

Eu a vejo escolher se sentar sozinha em vez de conversar comigo. Lola se aproxima.

– Vocês se falaram? – ela pergunta.

– Sim – digo. – Ela foi muito grosseira. Outra pessoa.

– Ela sempre foi meio grosseira.

– Não é verdade. Rachel era divertida, inteligente e leal. Um pouco obsessiva, claro, com todas aquelas anotações durante a aula e o jeito como deixava os livros do armário em ordem alfabética, mas ninguém é perfeito, e foi até bom pra mim no longo prazo. Ainda tenho todas as anotações que ela fez pra mim quando fiquei doente. Com tudo explicado direitinho e...

– De quem você está falando? – pergunta Lola, me cortando.

Eu aponto para a mesa, que agora está vazia e fico pensando se a imaginei.

– Rachel.

– Estou falando da Amy – ela diz, e eu noto sua preocupação. – Tenho más notícias.

– Más como? – pergunto.

– Muito, muito más – ela diz. – De verdade. Tipo tragédia total.

Quando Lola caiu de uma árvore no fim do ano e perguntamos se estava machucada, ela só disse:

– Um pouco, acho.

Ela tinha quebrado a perna em três pontos. Era de sua natureza diminuir a importância das coisas.

– Seja rápida e misericordiosa – peço.

Ela fechou os olhos e disse:

– Amy está com Greg Smith.

Sai tudo junto, e levo um tempo para desemaranhar as palavras.

– Amy está com Greg Smith? – repito quando finalmente consigo. – E com isso você quer dizer...

– Que estão de mãos dadas e se beijando. Do outro lado do bar.

Não consigo processar a informação. Greg Smith é o tipo de gente que acha que é legal roubar as roupas e a toalha de um cara depois de nadar, então postar no Facebook uma foto dele pelado pedindo ajuda a um professor. Amy não pode gostar de Greg Smith.

– Como você se sente? – pergunta Lola.

– Como se cada um dos meus órgãos tivesse sido arrancado do meu corpo vivo.

– Bom saber que não reagiu mal – ela diz. – Tenho que tocar. Não bebe. – Ela aponta para mim. – Meu amor por você é incondicional, mas você vira um idiota quando bebe.

É verdade. Seu amor por mim é incondicional, e eu *sou* um completo idiota quando bebo. Mas, se já houve uma ocasião para ser um completo idiota, é esta.

De acordo com George, é uma verdade universalmente aceita que os dias de merda podem ficar ainda piores. Noites de merda dão lugar às manhãs de merda que são substituídas por tardes de merda e noites de merda e sem estrelas. A merda, minha irmã diz, tem uma força cinética que a sorte simplesmente não tem.

Abro caminho entre a multidão para pedir uma bebida no bar. Quando chego, me deparo com Rachel. Espero ser tão digno de pena que ela se sinta mal por mim e desista dessa briga idiota.

– Estou numa péssima semana – digo. – Péssima *mesmo*.

– Não quero saber, Henry – ela diz, andando na direção do palco.

– É essa a garota? – Katia, que trabalha no bar, pergunta.

Dei aulas particulares de inglês para Katia no ano em que Rachel foi embora, então ela sabe tudo sobre nós.

– Essa é Rachel. Minha ex-melhor amiga.

– Aquela que você ama em segredo.

– Eu não amo Rachel em segredo.

– Ninguém fala tanto sobre uma garota quanto você falava dela se não a ama em segredo.

– Eu amo Rachel, mas nunca estive apaixonado por ela – digo, bebendo a cerveja rápido.

Neste momento, só queria ser um espectador da minha vida, observando todas as coisas ruins sem senti-las na pele. Peço outra cerveja e mais outra, porque a sensação sob a pele é boa demais. É ótima.

Até que viro para a esquerda e vejo Amy e Greg sentados lado a lado nas cadeiras de plástico antigas da lavanderia, de mãos dadas. Ela parece feliz. Ri e olha para ele como me olhou naquela primeira noite. Completamente focada. Sorrindo. Se aproximando. Está maravilhosa, com o cabelo ruivo solto sobre um vestido verde e comprido.

Ele também está ótimo, o cuzão. As luzes refletem na brancura de seus dentes e deixam seu cabelo ainda mais brilhante. Eu me vejo no espelho no fundo do bar. Meu cabelo está daquele jeito derrotado e meus dentes são tão brancos quanto minha pele. Uso a mesma

roupa dos últimos dias – a camiseta com os dizeres do Bukowski, O AMOR É UM CÃO DOS INFERNOS, e calça jeans.

– Olha só pra eles – digo.

– Shakespeare – diz Katia, e a luz do bar reflete em seu cabelo cor-de-rosa –, essa garota não é pra você.

– Ela é minha alma gêmea – insisto.

– Então estou preocupada com sua alma – diz Katia, e vai servir outros clientes.

Não é a primeira vez que dizem que Amy não é para mim. Rachel claramente nunca gostou dela. George não gosta do jeito como Amy aparece quando se sente sozinha e desaparece quando não se sente. Mas não é assim. É mais como se ela não conseguisse ficar longe de mim e eu não conseguisse ficar longe dela. Sempre a aceito de volta. Sempre vou aceitar. Posso me dizer o contrário, mas então ela surge na livraria e parece que é algo que escapa ao meu controle. Amy é meu destino. Não o destino de um idiota qualquer.

Cambaleio até eles através da multidão, tentando o tempo inteiro adivinhar o que Amy vai dizer quando eu chegar. As palavras para tê-la de volta existem; só tenho que as ordenar corretamente.

Mas não sei o que dizer. Fico em frente a eles, encarando e cambaleando por um bom tempo. Então aponto as mãos deles, que estão entrelaçadas.

– Isso é tão... perturbador. Ele... é... *Greg Smith*.

– Henry – diz Amy, e ele levanta sem soltar a mão dela, puxando-a no processo.

Eles estão entrelaçados à minha frente, quando há uma semana era comigo que ela estava entrelaçada.

– Não consigo entender. Ele é um completo idiota. Olha só.

Mas, enquanto digo isso, *eu* olho para ele. Dou uma boa olhada em Greg Smith. Ele é bonito. Está bem vestido; não precisa pegar cem dólares emprestados da namorada para comprar uma passagem de volta ao mundo. Aposto que pagou a bebida dela. Ele vai estudar Direito na faculdade. Tem um plano de vida que combina com seus dentes brancos.

Penso em muitas coisas enquanto fico ali de pé. Penso em como Amy provavelmente odeia ficar comigo no chão de uma livraria de segunda mão; que pretendo morar lá para sempre com meu pai e George. Porque, afinal, é a livraria deles também. Então tenho um flashback de mim mesmo com um smoking de segunda mão para a formatura, indo buscar Amy com a van do sebo. Ela disse que não importava, mas talvez importasse. Talvez um monte de coisas que eu achava que não importavam de fato importassem. Talvez seja por isso que ela viva indo embora e voltando. Ela volta porque não consegue deixar de me amar. Ela vai embora porque não dou um jeito na minha vida. Preciso dar um jeito. Preciso cortar o cabelo e ter um plano decente para o futuro.

– Vamos vender a livraria – digo. – Vou poder morar sozinho quando voltarmos.

– Vocês não vão a lugar nenhum – diz Greg.

– Eu vou. E quero que venha comigo, Amy.

Talvez seja a luz, mas acho que não é. Ela parece incerta por um segundo. Um momento de insegurança que me diz tudo o que preciso saber. Vou tê-la de volta se mudar.

Greg me dá um empurrão, de leve, mas suficiente. Caio para trás, e a multidão abre espaço para mim. Do meu lugar no chão, olho para Amy, que me olha de volta com tristeza. Em seus olhos, leio alguma coisa. Ela quer que eu mude. Se você mudar, seus olhos dizem, eu volto.

Fecho os olhos para recuperar o equilíbrio. Sinto mãos me levantando. Acho que é ela me ajudando, mas quando os abro percebo que é Rachel.

– Quer reatar o namoro? – ela pergunta. – Então levanta e não pareça tão patético.

Rachel

Não estou mais apaixonada por Henry, o que é um alívio. Ele tem o mesmo cheiro – de hortelã, cedro e um toque de livros antigos. Soa da mesma maneira – gentil e divertido. Mas não sinto nada. Não penso em beijá-lo. Não fico vidrada em seu cabelo. Estou curada.

Você está numa péssima semana?, penso enquanto me afasto do bar, abrindo caminho em meio à multidão na direção do palco. Uma semana péssima termina em morte, Henry. Não sei o que aconteceu nesta semana, mas, se ninguém morreu, não foi tão ruim assim.

Lola e Hiroko estão no palco. Foco nelas para distrair os pensamentos de Henry. Estão fazendo um cover de “Good Woman”, da Cat Power. Lola já tocou essa música para mim, na garagem da avó dela. É ainda melhor do que eu lembrava. Tiro uma foto e mando para Rose. Então mando para minha mãe também, tentando não pensar se ela está sozinha na praia. Desligo o celular e me perco na música. Grito junto com a galera quando Lola faz um solo. Me aproximo o quanto posso dos alto-falantes, até que fique impossível pensar.

O set termina e as duas descem do palco. Lola pega minha garrafa de água, bebe um pouco e me devolve.

– Obrigada – digo.

– De nada.

Ela vira para apontar para o bar do outro lado.

– Henry está bebendo.

– Ele teve uma péssima semana – digo.

– Amy o largou, eles não vão mais viajar e ela está em algum lugar com Greg Smith.

– Amy largou Henry? – pergunto.

– Ela sempre faz isso – diz Hiroko, e Lola confirma que é algo que sempre acontece.

– Temos mais alguns sets pra tocar – diz Lola –, então preciso que você tome conta dele. Se ainda quiser meu perdão, digo.

Ela aponta de novo para o outro lado do salão.

Quando chego ao bar, não encontro mais Henry. Eu o encontro cambaleando na direção de Amy e Greg.

– Acho que Shakespeare está precisando de ajuda – a garota atrás do balcão diz, oferecendo a mão. – Sou a Katia.

– Rachel.

– Eu sei. Shakespeare vivia falando o quanto sentia sua falta – ela diz, abrindo e fechando a mão para simular o blá-blá-blá de Henry a meu respeito.

Gosto da ideia de Henry com saudade. Gosto da ideia de que tenha dito isso a Katia.

– Amy não serve pra ele – diz Katia, enquanto o observamos vacilando na frente dela. – Ele é um cara legal. Me deu aulas particulares de graça há um tempo.

Henry é um cara legal. Pode estar desesperadamente apaixonado por uma garota de quem eu não gosto muito. E pode ter sido um covarde três anos atrás. Mas, além de não ter sabido o que fazer quando declarei meu amor para ele, Henry nunca me deixou na mão.

Greg o empurra. É mais um tapinha, na verdade, mas basta para levá-lo ao chão. Amy fica olhando, mas não faz nada para ajudar. *Levanta*, penso. *Levanta e vai embora*. Ele não faz isso. Acho que nem consegue. Está instável demais para ficar de pé.

Antes que possa mudar de ideia, vou até ele e tento levantá-lo. Mas Henry é pesado demais e não está ajudando. Tento de novo, mas ele nem se move. Greg e seus amigos estão rindo, então eu me aproximo e digo baixinho, para que só Henry possa me ouvir:

– Quer reatar o namoro? Então levanta e não pareça tão patético.

Henry franze a testa, mas põe o braço no meu ombro e faz força para impulsionar o corpo. Eu o levo até uma cadeira. Henry não está em condições de andar, então procuro por alguém que possa me ajudar a levá-lo para casa. Lola e Hiroko ainda têm mais uns sets para tocar antes de ir embora. Não vou pedir a Amy.

Decido ignorá-la. Já faz bastante tempo desde a nossa conversa no banheiro, muito tempo desde que Henry escolheu passar sua última noite no mundo com Amy, uma eternidade desde que eu era apaixonada por ele. Não é da minha conta se ele ainda faz papel de idiota por causa dela.

Então Amy diz:

– Cabelo legal, Rachel.

Já faz um longo tempo, mas parece que ainda tenho algumas coisas a dizer. Deixo o comentário sobre meu cabelo de lado, porque não poderia me importar menos com o que ela pensa da minha aparência. Vou direto ao ponto.

– Os caras podem gostar de você. Muitos caras podem gostar, mas você não é boa o bastante para Henry. Nunca foi boa o bastante para Henry.

– Você se mudou daqui – ela diz. – Como pode saber?

Sei porque qualquer pessoa boa o bastante para Henry não ia deixá-lo no chão depois que caiu, mas tudo o que digo é:

– Eu sei.

Sei porque ele é um cara legal. O melhor, na verdade. E ela não é a melhor garota. Definitivamente, Amy não é a melhor garota para Henry.

– Você ainda gosta dele – ela diz, mas não fico brava como há três anos. Não magoa. Não tem o efeito que ela esperava. Não gosto mais dele, não daquele jeito. – Henry é meu melhor amigo. E comecei a trabalhar na livraria, então a partir de hoje vou poder ficar de olho nele.

Viro para ajudá-lo a levantar e levá-lo para casa, mas Henry sumiu.

Dou algumas voltas no lugar, procurando por ele. Apesar do cabelo novo, algumas pessoas da escola me reconhecem e acabo tendo que conversar. Emily, Aziza e Beth querem saber o que vou estudar. Não digo que repeti de ano porque isso inevitavelmente levaria à

história toda, que eu não quero contar. Mesmo que acabe contando, não quero ter que gritar o que aconteceu com Cal acima do volume da música deste lugar. Então só digo que vou tirar um ano para economizar, mas, sim, vou para a faculdade estudar biologia marinha. A vida das três segue conforme planejado – Emily vai estudar as estrelas, Aziza tem interesse em leis ambientais e Beth vai começar estudando ciências, mas já pensa em ir para medicina.

Antes que a conversa possa ir mais além, digo:

– Estou procurando Henry. Ele está meio bêbado e precisa de ajuda. Vocês o viram?

Elas não viram, então sigo em frente. Ando rápido, evitando as pessoas que reconheço e as que me encaram.

Depois de cerca de meia hora eu desisto. Estou no banheiro feminino, lavando as mãos e pensando que ele deve ter ido aos tropeços para casa quando ouço alguém bêbado recitando poesia da última cabine.

Abro a porta e lá está Henry, deitado no chão, com a cabeça entre a parede e a privada.

– Se importa? Gostaria de um pouco de privacidade.

Eu me ajoelho ao seu lado.

– Uma dica: ninguém tem privacidade no chão de um banheiro feminino.

– Feminino? – ele pergunta.

– Você não estranhou a máquina que vende absorventes?

Ele levantou a cabeça e olhou para o canto oposto.

– Não é uma caixa de correio?

– Não – digo, tentando em vão colocá-lo de pé.

– Me deixa aqui. Estou morto.

– Não está, não.

– Você tem razão. A morte seria melhor que isso. Amy está com Greg Smith. O amor da minha vida está beijando um imbecil enquanto conversamos.

– Henry, se o amor da sua vida está beijando um imbecil, talvez seja hora de reavaliar se ela é mesmo o amor da sua vida.

Ele faz um ligeiro movimento de cabeça para indicar que eu posso estar certa, então pega a minha mão e se debate para levantar. Ficamos assim por um tempo, com Henry se segurando em mim e eu o segurando, enquanto recupera o equilíbrio.

– Você está com cheiro de maçã – ele diz.

– Não me cheira, Henry.

– Amy sempre tem um cheirinho de limão. Dava pra sentir o gosto quando a beijava.

– Você não precisa falar. Fico muito confortável com o silêncio – digo, enquanto saímos do banheiro.

– Vai dormir, Shakespeare – diz Katia quando passamos por ela, e Henry acena em despedida.

Posso ver algo que ele não notou: Amy do outro lado do bar, nos encarando. De acordo com os e-mails que Lola me mandou ao longo dos anos, Henry sempre parece mais atraente para Amy no segundo em que outra pessoa lhe dá atenção.

A noite está quente; o calor parece preso entre o concreto e o céu. Henry apoia todo o peso do corpo no meu ombro, o que não seria um problema há dez meses, quando eu estava em forma o bastante para nadar cinco quilômetros no mar, mas agora meus braços doem.

É sexta à noite e o trânsito não melhorou, então eu o carrego pelo o caminho até a livraria, esperando a abertura dos faróis de pedestre. Henry fala com todo mundo que vê. Tem bastante coisa a dizer sobre Amy e o Cuzão. Tento puxá-lo, mas não há o que fazer quando ele está no meio de um discurso. Quando começa a falar sobre Amy para um casal com um dogue alemão, sento num banco e descanso enquanto Henry põe tudo para fora. Ele abre bem os braços para demonstrar o tamanho do seu amor por Amy e os encurta consideravelmente para indicar o tamanho do cérebro de Greg.

– Esta – ele diz, apontando na minha direção – é minha melhor amiga, Rachel Sweetie. A gente não se falou por um tempo. Porque ela não sentiu minha falta. Foi embora sem me acordar. Deixou meu Gaiman na chuva.

Mesmo bêbado, Henry se mantém firme na mentira.

O casal vai embora e Henry cambaleia até o banco. Ele fica abrindo e fechando o olho direito como se estivesse tentando me ver direito.

– Você voltou toda linda e grosseira – ele diz, apoiando a cabeça no meu ombro.

– Não voltei linda – digo, passando a mão pelo cabelo.

– Está parecendo a Audrey Hepburn. Se ela fosse surfista.

– Eu não surfo.

– Nem a Audrey Hepburn. – Henry sai do banco para deitar na calçada. – Só preciso descansar um pouco – diz para um homem que passa tomando o cuidado de não pisar nele.

Henry olha para mim e dá uns tapinhas no concreto. Por um momento, penso em deixá-lo lá, mas a perspectiva de voltar para a casa da minha tia não é muito animadora, então deito ao lado dele. Seus braços tocam o meu, e eu me deixo pensar em como é bom estar com Henry de novo.

Nunca planejei ignorá-lo para sempre, só até que me escrevesse dizendo que sentia muito, que ficava lisonjeado, mas não se sentia do mesmo jeito. Desde que fosse sincero, eu ia perdoá-lo.

– Por quê? – ele pergunta de novo. – Quer dizer, éramos melhores amigos. E eu *sei* que você escrevia pra Lola. – Ele vira a cabeça de modo que nossos rostos quase se tocam. – Por quê?

– O que você acha?

– Que você não sentiu minha falta – ele repete.

Henry mente muito mal. Mesmo que não fosse assim, ele está tão bêbado que acabaria dizendo a verdade. Ele parece confuso de verdade.

– Você não viu a carta – digo, pensando como seria possível, já que ele pegava o *Prufrock* todos os dias e, mesmo que não pegasse, eu deixei um bilhete no livro que estava sobre sua cama.

– Que carta? – pergunta Henry, e eu sei que, não importa o que tenha acontecido, independentemente de como minha declaração tenha desaparecido, ela desapareceu. Penso nas cartas que Henry me escreveu nos últimos três anos. Penso nele esperando por uma resposta, vendo que eu falava com Lola e não com ele. – *Que carta?* – repete Henry.

Quase digo a ele. Deveria, mas me impeço. Não há motivo agora. Só vou constranger a nós dois.

– Era só uma carta de despedida. Deixei no balcão da loja, mas deve ter se perdido.

– E o que dizia? – ele pergunta.

– “Tchau.” É o que a maior parte das cartas de despedida diz, sabe?

– Mas por que você não respondeu às *minhas* cartas?

– Estava sempre ocupada. Conheci um cara chamado Joel.

– Ele virou seu melhor amigo? – pergunta Henry, parecendo magoado.

– Desculpa, Henry. Estava muito ocupada com a escola e com meus novos amigos. Mas eu deveria ter escrito. Sinto muito. De verdade.

– Você ficou com saudade?

– Fiquei – respondo, dizendo a mim mesma para não fazer algo idiota como chorar na frente dele.

Ou contar como eu precisava dele no enterro do meu irmão. Quão desesperadamente queria que simplesmente aparecesse sem ser convidado e segurasse minha mão.

– Então somos amigos de novo? – ele pergunta, e eu assinto. – Bons amigos.

– Bons amigos – repito e, como a prova de que Henry parece precisar, digo que vou aceitar o trabalho na loja.

– É claro que você vai aceitar. Pelo tempo que ela ainda existir.

Pergunto o que ele quer dizer, e Henry explica que mais cedo votou para vender o lugar.

– Vou ganhar algum dinheiro e, quando Amy e eu voltarmos de viagem, posso alugar meu próprio apartamento. Chega de pegação na seção de autoajuda.

– Vocês ficam se pegando na seção de autoajuda? – pergunto.

– Vou estudar e virar alguma coisa.

Você já é alguma coisa, penso.

– Tem certeza? – pergunto, e ele insiste que a única coisa sobre a qual tem certeza é

sobre Amy.

Sei que é hora de levantar, porque Henry começa a recitar poesia. Toda a poesia que conheço vem de dois lugares – a escola e Henry –, então faz um tempo que não ouço nenhuma nova. O último poema que ouvi na voz de Henry foi “A canção de amor de J. Alfred Prufrock”. O de hoje eu não conheço.

As palavras saem pesadas e embriagadas, e eu vejo o poema conforme Henry o declama. Um mundo com chuva, um sol escondido, alguém lutando para amar os dias terríveis.

– É “Agosto sombrio” – ele me diz. – De Derek Walcott.

O poema não é sobre Cal, não é sobre um garoto se afogando, mas agora tudo parece ser sobre Cal.

– *Tudo vai para o inferno; as montanhas fumegam* – recita Henry, as palavras soltas e perdidas de tanto cansaço. – *Não sabe que te amo mas não tenho como impedir a chuva?*

– Você ainda está procurando aquele livro para Frederick? – pergunto, e ele diz que sim.

Henry acredita no impossível, assim como Cal acreditava. Acha que vai encontrar o livro, contra todas as probabilidades.

A meu pedido, ele recita o poema de novo. Há algo nele que preciso encontrar. Uma resposta, talvez, para como se faz. Como uma pessoa volta a viver. Não consigo descobrir. O poema só causa dor, em lugares que nem consigo identificar.

Perco a noção do tempo, deitada aqui na calçada com Henry, enquanto os carros passam por nós. Poderia ser três anos atrás, com Cal vivo.

– Preciso voltar para casa – digo, mas Henry está bêbado demais para que eu possa explicar por que isso não é mais possível.

Ainda tem uma luz acesa dentro da livraria, conferindo a ela um leve brilho. Sempre amei esse lugar. O chão de tacos polidos, a madeira rica e pesada das prateleiras. Amava olhar para as lombadas dos livros, arrumadas certinho uma ao lado da outra. E também amava porque sempre podia encontrar Henry aqui.

Toco a campainha e, enquanto espero, olho pela vitrine. Vejo a cadeira em que George sempre ficava lendo, com Ray Bradbury em seus joelhos. Os livros estão expostos de maneira diferente, e não li nenhum deles – Zadie Smith, Jeffrey Eugenides, Jonathan Safran Foer, Simmone Howell, Fiona Wood, Nam Le.

Olho mais de perto para o livro no centro da vitrine – *Atlas de nuvens*, de David Mitchell. A capa é rosa. Embaixo há uma máquina de escrever pequena da qual voam folhas, que se transformam em nuvens ao subir. Não sei dizer como isso me faz sentir; triste, talvez, pela falta de sentido de um atlas de nuvens, considerando que se movem a cada minuto.

Michael vem até a porta com Frederick.

– Por sorte eu estava aqui jogando Scrabble – diz Frederick, tirando Henry das minhas mãos.

Pego a carteira e as chaves que caíram do bolso de Henry.

– Meu pai – diz Henry, enquanto passam pela porta.

– Meu filho – o pai dele responde, ajudando a levá-lo até o sofá da ficção. Ele volta para me cumprimentar com um beijo. – Sentimos sua falta. Henry sentiu sua falta.

– Amy está saindo com Greg Smith – digo, para explicar a bebedeira de Henry. – Eu o encontrei no banheiro feminino.

– Em minha defesa, eu estava bêbado demais para saber que era o banheiro feminino – diz Henry lá do sofá.

– Durma – o pai diz a ele. – Tudo estará melhor pela manhã.

– Sem ofender, pai – diz Henry –, mas amor não correspondido é a mesma merda de manhã e à noite. Talvez pior, porque você ainda tem o dia inteiro à frente.

– Não me ofendi – diz Michael. – Você está certo.

– Deviam matar as vítimas do amor não correspondido – diz Henry. – Deveriam dar um fim à nossa vida no mesmo segundo.

– Isso certamente reduziria a população – diz Michael, colocando o cobertor sobre o filho.

Henry me chama. Ele gesticula para que me aproxime, acenando e acenando até que esteja bem perto, então faz sinal para que eu me abaixe e fiquemos cara a cara. O hálito dele cheira a cerveja.

– Queria ter recebido a carta.

– Esquece a carta.

– Tá – ele diz. – Mas quero que saiba uma coisa.

– O quê? – pergunto.

– Senti saudades – ele diz para mim, então me dá um selinho e pega no sono.

Não gosto de admitir isso, mas sinto o beijo de Henry por todo o caminho para casa. Foi um beijo bêbado, um engano, ele estava tão louco que provavelmente pensava que eu era Amy, e não estou mais apaixonada por ele. Mas, mesmo assim, fico pensando no beijo.

Voltei para pegar o carro e já estou estacionada em frente à casa da minha tia, tentando reunir energias para me mexer quando Rose sai do depósito e entra no banco do passageiro.

– Você está me evitando?

– Estou *me* evitando – digo. – Desculpa por antes.

– Eu também – ela diz, puxando o ar em seguida. – Liguei pra sua avó. Ela me falou sobre a importância de um meio-termo.

– Ou seja, ela disse que você é teimosa e poderia tentar ouvir os outros de vez em quando?

– A conversa foi mais ou menos assim mesmo. Eu faria qualquer coisa por você. Até

ligar para minha mãe – diz Rose, virando de lado para me olhar. – Quer ouvir a boa notícia?

– Adoraria ouvir uma boa notícia.

– Eu acho que encontrei um trabalho de faxineira para você no hospital.

– Estamos fodidas se essa é a boa notícia.

– Não fala palavrão. Sua avó vai achar que aprendeu comigo.

– Podemos culpar Henry. Para um cara com um vocabulário tão extenso, ele usa bastante o termo “merda” – digo. – Não quero que pense que não valorizo o emprego que me arranhou, mas decidi que vou trabalhar na loja.

– Foi por isso que não tive filhos – ela diz, saindo do carro. – E não se esqueça de que a oferta da viagem continua de pé.

Fico deitada na cama pensando nesta noite, em Henry e no beijo, o que me leva a pensar em Joel, a última pessoa que me beijara de um jeito que significara alguma coisa. A gente se conheceu na praia, nas pedras pretas, onde a areia é plana e constante. Ele estava observando as piscinas naturais, e Cal foi até lá ver o que estava fazendo. Eles ficaram agachados na beirada por um século, Joel lendo os detalhes da praia, como as conchinhas que ficavam presas nas reentrâncias das pedras. Eu o conhecia da escola, então acabei indo até os dois. Podia sentir seus olhos na minha pele. Anos tinham se passado com Henry mal me reconhecendo como garota, e lá estava eu, visível para outra pessoa.

A gente se beijou numa festa mais para frente daquele ano. Joel sorriu, e eu soube o que significava. Fomos para um lugar tranquilo perto da água. O reflexo da lua flutuava na superfície. Tiramos a roupa e mergulhamos no mar.

– Podemos voltar – disse Joel quando terminamos. – Quando as coisas melhorarem.

Quanto tempo leva?, eu me pergunto antes de fechar os olhos e sonhar com nuvens, uma chuva sem fim e Henry.

Grandes esperanças

de Charles Dickens

Escrito na página de rosto: *Para minha querida Sophia, no primeiro dia da nossa nova vida no sebo. Veja a página 508. Michael*

Marcações na página 508

Esquecê-la! Você é parte da minha existência, parte de mim mesmo. Está em cada linha que li desde que vim aqui pela primeira vez, um menino grosseiro cujo pobre coração você feriu desde então. Está presente em tudo o que vi desde então – no rio, nas velas dos navios, nos charcos, nas nuvens, na luz, na escuridão, no vento, na floresta, no mar, nas ruas.

Carta deixada entre as páginas 508 e 509

Michael,

Como você não retorna minhas ligações para falar da venda da livraria e sempre desaparece quando passo por aqui, parece que não há outro jeito de falar com você a não ser por carta. Espero que tenha mais chances de encontrar você por meio deste livro do que pelo correio.

Escolhi a Bernadine and Saunders como corretores. Alugo o apartamento por intermédio deles e estou satisfeita com o serviço.

Os compradores mais prováveis são pessoas interessadas no imóvel, não no negócio. Devemos começar a queimar o estoque? Talvez vender para outros sebos quando possível?

Por favor, me diga o que acha.

Sophia

Henry

Acordo no sofá da ficção morrendo de ressaca e de dor de cabeça por causa da luz, com Rachel me mandando acordar. Ela segura minhas pálpebras abertas como costumava fazer anos atrás, quando ficávamos acordados até tarde conversando e não despertávamos com o alarme.

– Levanta, Henry!

– Que horas são? – pergunto, afastando suas mãos para poder fechar os olhos de novo.

– Onze. A loja está aberta há uma hora. Alguns clientes pediram livros que não consegui encontrar. George está gritando com um cara chamado Martin Gamble, que veio ajudar a criar a base de dados. E, num assunto não relacionado, Amy está esperando por você no jardim.

– Amy está aqui? – Sento e tento ajeitar o cabelo. – Como eu estou?

Rachel se recusa a responder, dizendo que não quer começar um novo emprego insultando o chefe, ou seja, eu.

– Obrigado – digo. – Fico muito agradecido.

Coloco o cobertor em volta dos ombros enquanto o cliente na seção de clássicos me olha com pena. Devolvo o olhar, porque, por mais que ame livros, se você vai para a seção de clássicos tão cedo pela manhã, então é certo que tem alguma coisa de errado com sua vida também.

Enquanto vou até Amy, que está maravilhosa de vestido azul, penso nos estranhos sonhos que tive. No primeiro, ela era invisível. Eu sabia de quem se tratava, mas, ainda que tentasse, não conseguia vê-la. No segundo, estava falando com Rachel no banheiro feminino. No terceiro, eu a estava beijando. Foi um bom sonho, ainda que a lembrança dele fosse altamente perturbadora. Cara, espero que não a tenha beijado. E se tentei? Rachel nunca vai me deixar em paz. Quanto mais penso a respeito, no entanto, mais acho que a beijei de fato. Me lembro de seus lábios de um jeito que não parece nada onírico.

Amy toca meu braço quando sento ao seu lado, e ficamos nos olhando por um tempo.

– Você está cheirando à cerveja – ela diz, e é verdade, mas não muito encorajador.

Me afasto um pouco dela e tento respirar para o outro lado.

– Sinto muito por ontem à noite – ela acaba dizendo. – Deveria ter contado, mas aconteceu tudo muito rápido. E acho que, se eu for ser honesta, honesta mesmo, sempre fui meio apaixonadinha pelo Greg Smith.

Deveria haver um botão para a gente desligar quando leva um fora: você fodeu comigo, então não te amo mais. Não acho que precisaria estar ligado a um assento ejetor que jogue a pessoa pra fora do universo, só um botãozinho que a tire de seu coração.

– Está me ouvindo? – pergunta Amy.

– Tudo aconteceu muito rápido, mas, se você for honesta, sempre foi meio apaixonadinha pelo Greg Smith – digo.

Eu deveria mandá-la embora. Deveria manter minha dignidade, mas no momento ela não é grande coisa, considerando que Amy está me contando tudo isso enquanto continuo embrulhado no cobertor e cheirando à cerveja de ontem à noite. Mas minha família é uma merda não só em termos de amor, mas também de dignidade. Então foda-se. Dignidade não está nos meus genes.

– É por isso que estou confuso – digo a Amy. – Porque, quando disse que me amava, aqui na livraria, não foi tipo: “Eu te amo, mas, se for ser honesta, também sou meio apaixonadinha pelo Greg Smith”. Eu ia me lembrar disso. Você só disse: “Eu te amo, Henry”. E, quando compramos as passagens de avião e eu gastei *todo* o meu dinheiro, você não disse: “Mas não esqueça de que sempre fui meio apaixonadinha pelo Greg Smith”.

– Você usou todo o seu dinheiro *e* uma parte do meu – ela diz.

Eu quero que ela seja honesta. Preciso saber por que escolheu Greg, e não eu.

– Isso é por causa do meu trabalho? De quanto eu ganho? – Ou de quanto eu *não* ganho, eu deveria dizer. – É porque moro com a minha família? Porque te levei na formatura na van da livraria?

– Henry – diz Amy, como se esse fosse um assunto em que não precisamos entrar. Mas eu a conheço. Conheço suas expressões. Conheço a que tem no rosto agora: é pena. Já a vi em seu rosto quando estava assistindo a um documentário sobre animais abandonados que ninguém queria, porque eram feios demais. Tenho cem por cento de certeza do motivo pelo qual Amy escolheu Greg Smith. Ele é mais rico, mais arrumado e vai para a faculdade. – Não vamos discutir. Você é um ótimo amigo. Mas não estamos mais na escola.

– Então estou certo.

– Não – ela diz, quando claramente quer dizer que sim. Amy balança a cabeça, tentando achar uma resposta que me satisfaça. – Greg é o cara com quem sempre me imaginei. Tipo, na faculdade. Fazendo coisas.

Ela toca meu braço por um segundo, deixando que eu sinta seu calor. Então olha mais além, para a livraria, e diz:

– Sempre tem a Rachel. Ela ainda gosta de você.

– Quero você – digo. – Não a Rachel. *Você*. – Ela sorri e toca meu braço de novo, agora com um pouco mais de força. – E se eu mudasse? – pergunto, e Amy hesita um pouco antes de responder.

– Não acho que importe. Não importaria.

A primeira parte da resposta é a verdade. Ela não *acha* que importa, o que significa que *talvez* importe. *Pode* importar.

Quero que prometa que se eu mudar e fizer diferença para ela, vamos voltar. Amy me dá um beijo de despedida que eu recebo como um “sim”.

Não há nenhuma parte minha que não doa esta manhã: meus dentes, minha cabeça, meu coração, meu orgulho e meus olhos. Até o fundo dos globos oculares doem. Coloco a

cabeça debaixo do chuveiro e tento me livrar da ideia de Amy sempre ter sido meio apaixonadinha por Greg.

Saio do chuveiro e me seco; então sento na beirada da banheira e deixo que o vapor que resta esvazie minha mente. Pouco depois meu pai entra, pedindo para usar o espelho.

– Rachel me contou sobre Amy – ele me diz.

– É temporário.

– Às vezes você tem que largar mão, Henry – ele diz, batendo a lâmina de barbear na lateral da pia.

Mas sei que meu pai não acredita nisso. Se fosse o caso, seguiria em frente em vez de reler *Grandes esperanças* enquanto torce por uma nova chance com minha mãe.

Eu o observo abrindo caminho na espuma em seu rosto, enquanto penso em como dizer o que quero dizer, e se realmente quero dizer. Tenho quase certeza de que sim.

– Quanto? – pergunto, e ele sabe do que estou falando.

– O prédio é nosso. Tem dois andares e um quintal grande nos fundos. Eu diria que bem mais de um milhão.

Fico em silêncio enquanto ele termina de se barbear, então passo a toalha.

– Tudo bem se você quer vender – ele diz.

No meu mundo perfeito, eu não me preocupo com dinheiro. No meu mundo perfeito, os livros poderiam ficar com a gente para sempre e todo mundo gostaria tanto de exemplares usados quanto meu pai, George e eu. Amy ia amá-los. Mas eu não vivo no meu mundo perfeito.

– Talvez a gente deva vender. Mamãe acha que é o certo, e ela entende do negócio.

Meu pai assente e fica à espera. Porque “talvez” não é resposta. Trata-se de uma questão de “sim” ou “não”. Isso me lembra de quando ele me disse que a coisa que mais amava na ficção era como os personagens deparavam com poucas questões que se resumiam a “sim” ou “não”. O mundo é complexo, ele me disse. E as pessoas também.

Tivemos centenas de discussões sobre personagens de livros nesta loja. A última foi sobre *Vernon God Little*, de D. B. C. Pierre. Gostei tanto que li duas vezes.

– Do que você mais gostou? – meu pai perguntou.

– Vernon – eu disse, citando o protagonista. – E do jeito como critica os Estados Unidos. Mas principalmente a linguagem. É como se ele tivesse deixado as palavras para secar ao sol por um momento, de modo que elas não soam como se espera.

– Talvez você até venha a ser escritor um dia – meu pai disse. – O que acha disso?

Na livraria, tudo parecia possível.

Mas nem tudo é possível. Claramente não, ou minha mãe não pensaria em vender. Ela ama este lugar tanto quanto todos nós, mas vê que o negócio está morrendo. Nem tudo é possível se, pelo resto da vida, eu ganhar o mesmo salário que agora. Nem tudo é possível para George.

– Sim – eu digo, passando o dedão por uma rachadura no tijolo. – Quero que a gente venda.

– E o que você vai fazer? – ele pergunta.

– A possibilidade de viajar com Amy ainda existe. Provavelmente vou pra faculdade ano que vem.

– Então está decidido – meu pai diz com tristeza. – Vou tomar as providências.

Desço as escadas e tento começar a me desapegar da livraria. Não olho pela Biblioteca de Cartas ao passar. Não confiro o *Prufrock* para ver se alguém anotou alguma coisa. Ignoro o jardim da leitura atrás de mim.

Vou direto para o balcão, onde George está gritando com o cara novo.

– Se você não tirar o computador do meio do caminho, vou enfiar na sua bunda.

É um processo esperando para acontecer. Pego o grampeador da mão dela, porque somos apenas um sebo e não podemos pagar um olho de vidro para alguém.

O cara novo – Martin – tem mais ou menos a idade dela. Parece um nerd arrumadinho e boa-pinta.

– Oi – ele me diz, sorrindo.

Parece um nerd *simpático*, arrumadinho e boa-pinta. Ou talvez só pareça nerd perto de George, com suas roupas pretas e cabelo preto com mecha azul. Longe da minha irmã gótica, provavelmente é mais do tipo popular do que nerd, e talvez seja por isso que ela não gosta dele.

– Sou o Henry – digo, esticando a mão.

– Martin Gamble – ele diz.

– Martin *Charles* Gamble – minha irmã interrompe, como se aquilo fizesse dele um completo babaca.

Martin não parece bravo. Talvez ele esteja até um pouco impressionado.

– Sua mãe me contratou para ajudar na loja e catalogar os livros. E para isso – ele agora se dirige a George – preciso carregar o laptop.

– Minha mãe não mora mais aqui – diz George. – Henry é o gerente do dia, e ele está prestes a te botar pra fora daqui.

– Desculpa, preciso falar com minha irmã só um minutinho – digo a Martin.

Faço sinal para George me seguir até a rua, mas fica claro que ela não está com saco para me ouvir. Começa a berrar antes que eu feche a porta, e eu adoraria que não o fizesse, porque estou morrendo de dor de cabeça.

– Ele estuda na minha escola. Está na minha classe. Costumava sair com a Stacy – ela diz. – Os dois ainda são amigos.

George não fala muito sobre como é a escola dela, mas sei quem é Stacy. É da turma dos populares e não curte muito ninguém que não esteja nela, o que significa que não curte

muito a minha irmã. Ela me disse que Stacy gosta de escrever GEORGE JONES É BIZARRA em lugares como a porta do banheiro, armários e mesas.

Olho através da janela para Martin.

– Ele não parece o tipo de cara que chamaria você de bizarra. Vamos fazer uma semana de teste.

– Não – ela diz, e fica claro que está irredutível, então tento uma abordagem diferente.

– Pense em como pode pegar no pé do cara em uma semana como chefe dele.

Noto que a ideia não havia lhe ocorrido, e agora parece bastante atraente. George olha pela janela para Martin e reflete por um breve momento.

– Tá. Mas ele não pode trazer os amigos aqui. É a minha casa.

– Justo – eu concordo, então aviso que tenho mais uma coisa a dizer antes de voltar para dentro. Sou rápido. Não há por que arrastar a coisa. – Votei com a mamãe. Vamos vender.

Não é uma grande surpresa. George assente e diz que tinha imaginado que eu faria isso. Não sei dizer se acha que é a decisão certa.

– Se não é o que você quer, pode votar contra.

– Não – ela diz. – Tudo bem. Vou votar com você.

Tento imaginar George longe da Howling Books, mas não consigo. Ela vive basicamente em três lugares – aqui, no restaurante chinês e na escola. E odeia a escola, então há só dois lugares de que gosta. Mas há três pessoas de quem gosta: eu, mamãe e papai. Ela já se sente mal por ter escolhido ficar na livraria em vez de mudar com mamãe. Se votar com papai, vai dividir a família no meio. Desse jeito, sou eu quem está dividindo a família. Ela só terá ido atrás de mim.

Voltamos para dentro, e logo a ouço dizer para Martin que ela é a chefe e ele tem que fazer o que ela manda, de modo que os amigos dele não podem dar as caras.

– Tá – ele diz, sorrindo de um jeito que a faz ficar vermelha, algo que eu nunca tinha visto.

Depois de lidar com as emergências da manhã, volto minha atenção para Rachel. Temos que compensar o tempo perdido. Meu pai pediu que ela catalogasse a Biblioteca de Cartas enquanto Martin catalogava o resto da loja.

Ela armou uma mesinha perto dos livros, com o laptop e um porta-lápis cheio de canetas. Típico. Rachel é superorganizada. Ama coisas de papelaria. Era o tipo de menina que tinha um suprimento infinito daqueles post-its fluorescentes um pouco maiores, nos quais escrevia tudo o que a professora dizia, palavra por palavra. Depois de fazer suas anotações, ela o arrancava do bloco e colava na página certa do romance, como se aquilo decifrasse o mistério de determinada palavra ou o motivo de o autor tê-la colocado ali. Encontrei um desses post-its cerca de um mês depois que ela mudou. Devia ter caído de um dos seus romances, e dizia: *Esta linha resume tudo*. Fora do livro, só me atormentava e era completamente inútil.

– E aí? Como foi o último ano? – pergunto, puxando conversa.

– Normal – ela diz, sem parar o que está fazendo: colocar os livros da Biblioteca de Cartas em ordem alfabética.

– Vai estudar biologia marinha? – pergunto. Ela só assente e segue com seu trabalho. – E o Cal, como ele está?

– Henry, preciso me concentrar – diz Rachel. – Catalogar essa biblioteca dá muito trabalho, e seu pai quer que eu termine em um mês, o que, honestamente, não seria possível nem que eu trabalhasse todos os dias e todas as noites.

– Eu ajudo. Podemos fazer juntos.

– Não preciso da sua ajuda – ela diz, cortante.

– Estamos brigados? – pergunto. – Parece que sim.

– Não estamos brigados. Só preciso me concentrar. Vai ser mais fácil sozinha.

Decido ser direto.

– A gente se beijou ontem à noite? – pergunto.

– Ah, é, a gente se beijou – ela diz. – Então entrei no banheiro e bebi água da privada.

– Um simples “não” bastaria – digo, voltando para o balcão com a certeza de que alguma coisa aconteceu ontem, ainda que eu não consiga me lembrar.

– Ela te achou do lado da privada – disse George, quando conversamos sobre isso mais tarde.

Isso é constrangedor para mim, claro, mas não pode ser por isso que ela está brava. Eu a observo enquanto atendo os clientes. Atendo e observo. Tenho certeza de que concordou que éramos amigos. Bons amigos. Lembro que pedi desculpas por não ter escrito. Mas há algumas lacunas entre essas coisas.

Lola entra na livraria por volta da uma da tarde, e eu pergunto de que se lembra. Ela não me diz nada de novo, só recapitula a minha queda e o vexame no banheiro feminino.

– Você não pode beber – ela diz.

– Isso já foi mais do que dito.

– Então... – ela começa, pegando uma balinha do pote ao lado do caixa. – As Hollows vão se separar. Hiroko me contou ontem à noite que vai se mudar para os Estados Unidos para estudar percussão. Então já era. Fim. Quatro anos trabalhando para nada. – Ela joga uma bala na minha cabeça, que bate e vai parar na mesa do Menu do Dia. – Desculpa. Mas agora me sinto melhor.

– Que bom que pude ajudar.

– Eu tinha conseguido um show pra gente na Hush. Agora vou ter que cancelar.

– Você pode procurar alguém para o lugar dela.

– Ninguém pode substituir a Hiroko. Não consigo compor com outra pessoa. Não quero tocar com outra pessoa. Ela vai embora, e é o fim das Hollows. Nosso último show vai ser na Laundry, no Dia dos Namorados. Fim da história.

Ela joga outra bala na minha cabeça, e eu preciso me mexer para que me acerte, porque é uma péssima notícia e não tenho nada a dizer que possa animá-la. As Hollows são a obsessão de Lola, sua paixão e praticamente seu único foco desde que ela e Hiroko se conheceram na fila para comprar ingressos para o Warpaint no oitavo ano.

Vou atender alguns clientes e, quando volto, Lola está olhando para a Biblioteca de Cartas.

– Você tem razão. Rachel parece brava.

Ela vai na direção dela para investigar por mim.

Elas conversam. Ouço risadas. Rachel balança a cabeça e continua a ordenar os livros. Lola a observa. As duas conversam um pouco mais.

– Vocês não estão brigados – ela diz quando retorna. – Concordaram em voltar a ser amigos ontem à noite. Você a beijou, mas não tem problema. Só que a fez pensar no ex.

Tento parecer feliz, porque estou. Se não estiver, sou o tipo de cara que se importa mais com o próprio ego do que com sua melhor amiga. E não sou esse cara.

– Mas o beijo deve ter sido bom. Se fez com que ela sentisse falta do cara...

– A qualidade do beijo não foi discutida – ela diz, anotando um endereço num pedaço de papel. – Justin Kent vai dar uma festa na sexta à noite. Hiroko e eu vamos tocar, vai ser nosso antepenúltimo show. Convida a Rachel. Ela precisa se animar.

É mais fácil falar do que fazer, pensei, já voltando a observá-la.

Na sexta, estou muito, muito confuso.

Fui simpático com ela todos os dias da semana, e todos os dias esperei que se comportasse como a pessoa que era. Todos os dias ela chegou para trabalhar no horário e passou direto por mim, no caminho até a Biblioteca de Cartas. Rachel não faz nenhum intervalo até o almoço, quando desaparece por meia hora. Ela não vai ao Frank's. Eu sei, porque fui procurá-la lá.

George está fazendo a mesma coisa com Martin. Na verdade, ele tem sorte quando ela o ignora. Quando lhe dá atenção, é para controlar seu trabalho e seus intervalos.

– Estamos pagando pouco para eles – comento na quarta, mas George me lembra de que ele ainda está em fase de teste e de que ela é a chefe, então não devo me meter.

Estranhamente, Martin parece gostar das interações com George. Não há nada que ela faça que ele não considere engraçado e esquisito, mas, no geral, legal.

– O que você está lendo? – Martin pergunta a George na sexta à tarde.

– *A metamorfose* – ela diz sem nem levantar os olhos.

– E sobre o que é?

– Um cara que vira um inseto gigante e acaba morrendo.

– Não é exatamente animador – comenta Martin.

– Que nem a vida – diz George.

– Como você consegue ler tanto? – ele pergunta.

Ela levanta os olhos do Kafka marcando a página com a mão.

– Sou uma garota esquisita no ensino médio. Tenho tempo de sobra para matar.

Ela levanta, e Ray Bradbury pula de seu colo para o de Martin. Ele faz carinho atrás das orelhas do gato, que começa a ronronar.

– Traidor – diz George, e eu decido que está na hora de encerrar a noite.

– Nós vamos à festa do Justin Kent. Todos nós. É uma coisa de trabalho.

– Vou receber por isso?

– Não.

– Então não vou – ela diz, já se dirigindo para a porta da frente para ir ao Frank’s.

– Ela vai – digo a Martin.

Mas eu não digo a ele que é porque minha mãe deu uma passada durante a semana e, ao ver como George o estava tratando, ameaçou diminuir sua mesada se não se esforçasse mais para que ele se sentisse bem-vindo.

Conversei bastante com Martin esta semana, e o assunto quase sempre esteve relacionado a George. Quanto mais falo com ele, mais gosto do cara. Já viu George em seu pior, e gosta dela.

– Sua irmã é divertida – ele disse outro dia, enquanto eu o ajudava a catalogar. – Inteligente. Original.

São todos bons motivos para gostar de George. E também são suas maiores qualidades.

Os dois só precisam de um tempo fora da loja para se conhecerem melhor. E eu e Rachel precisamos disso também. Três anos se passaram, e talvez o problema seja que precisamos nos reconectar. Conhecer as pessoas que somos agora.

É o que eu digo a ela quando vou lembrá-la da festa.

– Eu tenho que trabalhar esta noite – diz Rachel. – Tenho que dar conta do trabalho insano que seu pai me designou. Acho que ele está numa crise de meia-idade. Não só pediu que eu coloque todos os livros em ordem alfabética, porque as pessoas vivem misturando tudo, e não só quer uma lista de todos os livros da Biblioteca, como também que eu registre tudo o que foi colocado neles, como cartas e todas as anotações nas margens.

– Isso me parece algo de que você gostaria – digo.

– Um trabalho infinitamente chato e sem sentido?

– Você adora esse tipo de coisa. Amava ter que decorar a tabela periódica quando era pequena.

– Aquilo não era infinitamente chato e sem sentido. A tabela periódica lista todos os elementos que existem na Terra. Ela tem *todo* o sentido. Esta Biblioteca não tem. Ela é uma boa definição de “sem sentido”.

– Tá. Já chega – digo. – Você passou do ponto. Ficou a semana inteira de mau humor, então acho que preciso chamar sua atenção para o fato de que estou de coração partido e preciso me animar. Quero minha melhor amiga de volta, e quero que vá comigo à festa de hoje.

Ela começa a retrucar, mas eu digo que não vou aceitar um não como resposta.

– Vai embora agora e volta às nove. Dá uma carona pra George e aproveita pra falar sobre o Martin no caminho. Quero saber no que ela está pensando.

– Ela está pensando que não quer que você se meta na vida dela, Henry.

Rachel guarda o laptop e o resto de suas coisas e vai embora sem confirmar se vai na festa. Dou tchauzinho pela janela enquanto entra no carro. Ela me mostra o dedo do meio.

– Tudo certo – digo a Martin antes que vá embora. – Estou com um bom pressentimento quanto a hoje à noite.

Orgulho e preconceito e zumbis

de Jane Austen e Seth Grahame-Smith

Cartas deixadas entre as páginas 36 e 37

15 de janeiro de 2016

Querida George,

Estou animado para a festa de hoje. Acho que vai ser legal.

Martin

P.S.: Adoro a ideia da Biblioteca de Cartas.

Martin,

Nunca mais escreva neste livro.

George

Querida George,

Fiquei muito feliz com sua resposta. É tão encantadora por escrito quanto pessoalmente. Por que não posso escrever pra você neste livro? Sei que está sempre dando uma olhada nele.

Martin

Martin,

Sempre dou uma olhada nele porque escrevo para outra pessoa neste livro. É o nosso livro. Não o seu.

George

Querida George,

Posso te escrever em outro livro? Trabalhamos juntos e gostaria que fôssemos amigos. Por favor? O dia fica LONGO quando se cataloga todos os livros de um sebo. Estou digitando os títulos de TODOS OS LIVROS daqui. Não importa o que você acha que eu fiz (e o que é, hein?), não pode ser tão ruim a ponto de eu precisar fazer isso sem NENHUMA distração.

Martin

Martin,

Você está sempre com uma garota que me chama de bizarra.

George

Querida George,

Eu nunca te chamei disso. E não acho que você seja isso. Na verdade, estou tentado ser seu amigo desde que entrou na escola. É você que sempre me ignora e me insulta. Tem alguma prova de que eu não sou um cara legal?

E todo o tempo que te conheço, não fiz nada além de dizer a Stacy que te acho uma pessoa interessante. Me parece que você me trata do mesmo jeito que Stacy te trata. Acho que, no mínimo, você deveria fazer um teste comigo como amigo, e não só como funcionário. Estamos de férias. Podemos esquecer como as coisas são na escola? Estabelecer uma trégua?

Martin

Martin,

Tá. Você pode me escrever, acho. Mas NÃO neste livro. Me escreve no The Broken Shore, do Peter Temple. Já te vi lendo, e tem um exemplar aqui. Pode deixar a carta entre as páginas 8 e 9.

George

Querida George,

Estou absolutamente extasiado com sua oferta de amizade. Obrigado. Sério, obrigado. É quase demais para mim. Aguardo ansiosamente por nossa correspondência futura.

Martin

Rachel

Vou embora da livraria, me certificando antes de que Henry viu meu dedo do meio levantado. Aceno para aumentar o impacto e buzino para que Martin saiba que estou esperando. Não gosto de dar carona, mas no primeiro dia Sophia se ofereceu para pagar pela gasolina se eu o levasse, porque ele precisava estar de volta às seis para ficar com a irmã até que a mãe voltasse do trabalho. O que significa que temos ambos que sair às cinco, o que é ótimo para mim.

Estou pronta para ir embora assim que entro pela porta todos os dias e vou até a Biblioteca de Cartas começar meu trabalho de catalogação dos pensamentos aleatórios e entediantes de cada pessoa que já folheou aqueles livros.

– É um trabalho imenso, e não foi exatamente para isso que Sophia te contratou – Michael disse no meu primeiro dia. – Martin pode cuidar do restante da loja, mas queria que você se concentrasse nessa parte. Quero que registre todos os livros e todas as cartas ou qualquer outra coisa entre as folhas, além dos comentários principais.

– Comentários principais? – perguntei, olhando as prateleiras de alto a baixo para fazer uma estimativa do número de livros, que devia ser de no mínimo quinhentos.

– Isso. As anotações nas margens. Palavras circuladas e grifadas também seria bom, mas talvez seja demais.

– Será?

Consegui me segurar antes de dizer que ele estava louco.

Michael foi embora e me deixou ali, me sentindo como me sentia na escola depois que Cal morreu, quando tudo o que os professores me perguntavam parecia idiota e opressivo, e eu só queria dormir.

Martin finalmente entra no carro. Ele coloca o cinto de segurança sem dizer nada. Eu avisei no primeiro dia que acabei de tirar carta e que ele não deveria levar a mal o fato de que precisava dirigir em silêncio.

– O rádio não me incomoda. Só gente falando comigo.

Comecei com essa história porque era mais fácil do que responder às perguntas sobre Cal. A semana inteira tenho evitado questões sobre a praia, o último ano, meu irmão, minha mãe, a escola. Mas descobri que Martin estudou com meu irmão na escola.

Eu não estava planejando sustentar a mentira que contei na Laundry, mas, na saída da livraria no sábado, Amy perguntou para que faculdade eu ia, e de jeito nenhum que eu contaria justamente a ela que tinha repetido o último ano. George estava escutando quando eu disse que ia tirar um ano para mim, e não consegui me corrigir depois disso.

Mesmo que eu quisesse contar ao Henry, não tivemos espaço para esse tipo de conversa – ele fala o tempo todo da Amy. O que é pior do que catalogar cartas de amor sem sentido que nunca vão ser entregues porque foram colocadas entre as páginas de um livro? Ter que ouvir Henry falar sobre seu amor por Amy enquanto o faço.

Martin e eu atravessamos o rio e o mundo ficou mais verde. Eu o deixo em sua casa, e no caminho de volta passo por onde ele e George estudam, que é onde Cal estudava. Por algum motivo desconhecido, o pináculo da catedral me dá vontade de chorar.

Às vezes deixo que as lágrimas rolem quando estou sozinha, mas não hoje, porque estou no caminho para ver Gus. Foi Rose que sugeriu que eu fizesse terapia com ele. Os dois são velhos amigos da faculdade, e ela sabia que ele morava perto de Sea Ridge. Gus ligou para o depósito na segunda para ver como eu estava me adaptando e para avisar que estaria na cidade esta tarde. Se eu quisesse conversar, poderia encontrá-lo no St. Albert's.

– É só ligar para o pronto-socorro ou pedir para a Rose me bipar.

O pronto-socorro fica a uma curta caminhada do estacionamento. Chego antes de ter tempo de pensar o quanto vai me lembrar de quando eu, minha mãe e minha avó ficamos esperando pela notícia. Duas horas rezando para que Cal estivesse vivo, sabendo o tempo todo que não estava.

Há três pessoas esperando nas cadeiras no canto. Estão de mãos dadas, todas elas, em uma pilha de nós dos dedos descansando sobre as pernas de quem está no meio. Parece ser a avó. A garota à esquerda, com olhos desesperados, me lembra a mim mesma. A terceira mulher parece ser a mãe. Cometo o erro de olhar diretamente em seus olhos.

Saio da sala de espera para respirar. Estou pensando em pegar o carro e ir embora quando vejo Gus vindo na minha direção. Tem dois cafés em uma mão e acena para mim com a outra.

Gus olha para trás de mim, para a placa de emergência, e franze a testa. Atravessamos a rua na direção do parque e sentamos sob um bordo enorme e antigo para tomar o café.

– Desculpa por ter marcado aqui – ele diz. Quando eu garanto que está tudo bem, ele só responde: – Não parece estar.

– Tinha umas pessoas na sala de espera que pareciam a gente. Eu, minha mãe e minha avó.

– E como vocês parecem? – ele pergunta.

– Tristes – solto.

Ele toma um gole do café e diz que não é a impressão que tem de mim hoje.

– Você parece meio brava.

– Intuitiva – digo, e ele me manda parar de ser tão sabichona e dizer logo qual é o problema. – *Sabichona*. De onde será que vem essa palavra? – pergunto, tentando ganhar tempo. – Henry provavelmente sabe. O pai dele com certeza.

– Está gostando de trabalhar com eles? – pergunta Gus.

– Michael me pediu para catalogar a Biblioteca de Cartas.

Eu explico do que se trata e o quão frustrada aquele trabalho me deixa.

– Paga bem? – pergunta Gus, e eu assinto. – É um lugar agradável?

– Posso fazer meu próprio horário e intervalos sempre que quiser. E nem preciso atender clientes, a menos que Henry e George não estejam. Martin é legal. Ele foi contratado para catalogar o resto da loja.

– Se o único problema é a monotonia, ouça música com fones de ouvido.

– Pelo menos isso impediria as perguntas, acho. Todo mundo quer saber de Cal. – Um passarinho azul se aproxima dos nossos pés, e eu me deixo hipnotizar por seus detalhes. – Ainda não contei que ele morreu.

– Será que não é isso que está te incomodando? – indaga Gus.

– É só que eu não tenho mais paciência para coisas sem sentido. Quer dizer, o que Michael pretende fazer com o que estou catalogando? O arquivo vai ficar parado no computador dele até que decida deletar, e eu vou ter me esforçado tanto a troco de nada. Parece idiota, com tantas coisas mais importantes a fazer.

– E o que são essas coisas mais importantes que você tem a fazer? – quer saber Gus. – Só estou curioso.

Quando eu não respondo, ele sugere que eu tente escrever sobre o que anda me irritando.

Gosto de Gus. Mais do que isso, eu o respeito. Mas hoje sinto tanta vontade de mandá-lo à merda que tenho que botar a mão na boca para que as palavras não escapem.

Passamos o resto do nosso tempo olhando para o passarinho, que bica algo que não podemos ver, escondido em algum lugar sob a grama.

Passo na livraria às nove. George está esperando na porta. Assim que vê meu carro, ela grita para Henry que estamos indo e pula no assento da frente.

– Vamos – ela diz. – Se chegarmos antes, talvez nem nos encontrem em meio à multidão.

Não é uma má ideia, então eu dou a partida e sigo as indicações de George para chegar à casa de Justin. Eu me lembro dele da escola. Era um cara legal, meio maluco, mas tudo bem. Os pais dele pareciam estar sempre fora, então sua casa ficava disponível para festas. A festa da última noite do mundo foi na casa dele, acho. Estou pensando em quem posso encontrar – Amy, com certeza – quando George me tira dos meus pensamentos dizendo para virar à esquerda no semáforo.

Ela liga o rádio e procura uma estação até encontrar uma que está tocando David Bowie. Então se recosta no banco e diz:

– E o Cal, como anda?

Não posso evitar as perguntas eternamente, muito menos num espaço assim restrito, então só abro a janela e digo que ele está bem. Deixo de fora o detalhe de que também está numa urna sobre a lareira de casa. Fico surpresa que ela se lembre dele. Eu sabia que estudavam na mesma escola, mas não consigo imaginar que seus caminhos se cruzassem com muita frequência.

Cal era um garoto alto e magrelo, com uma nuvem de cabelos castanhos que o faziam parecer um dente-de-leão. Um dente-de-leão com óculos, fones de ouvido enormes no

pescoço e um livro na mão. George tem cabelo preto comprido com uma mecha azul do lado esquerdo. Agora ela também tem uma tatuagem que corre ao longo da clavícula; e o número quarenta e quatro, escrito em azul-claro com uma caligrafia suave. Ouvi Martin perguntando sobre a tatuagem durante a semana.

– Quarenta e quatro. É o significado da vida? – ele perguntou.

– Não, ou seria quarenta e dois – ela disse.

Eu sabia disso porque meu irmão tinha lido *O guia do mochileiro das galáxias*.

Agora, ela me pergunta:

– Mas o que ele está fazendo?

Parece que o estou apagando ao não responder às perguntas dela, então digo o que ele estaria fazendo se estivesse vivo.

– Intercâmbio. Mas não oficialmente. Está morando com meu pai.

É meio que verdade. O plano era que meu pai passaria três meses na França, e Cal e eu iríamos com ele. Se não tivesse se afogado, era onde meu irmão estaria.

– Faz sentido – diz George, de um jeito que me faz pensar que ela o conhecia melhor do que eu imaginava. Quando pergunto a respeito, ela se explica: – Eu não o conheço muito bem. Ele foi legal comigo na escola uma vez. Me deu aqueles Kikos Marinheiros, sabe? Disse que eram como viajantes do tempo. Que hibernavam até que as condições melhorassem. Ainda nem os coloquei na água. Estou guardando.

Não sabia que Cal tinha uma queda por George, mas devia ter. Ele devia gostar dela de verdade, porque não daria aquele tipo de coisa para qualquer garota. Olho para ela, que está com as botas no painel, cantarolando com Bowie. Então imagino meu irmão na escola, com o pacote de Kikos Marinheiros na mão, tentando criar coragem para entregá-los. Ele devia ter escrito um discurso de antemão. Devia ter escolhido o momento certo, em que estivesse sozinho, para falar com ela. Queria que ele tivesse vivido tempo o bastante para que alguém como George pudesse se apaixonar por ele. É tudo tão intenso que o carro até desvia um pouco.

– E vocês continuaram conversando? – pergunto. – Depois disso.

– Não muito.

Cal e eu não contávamos tudo um ao outro, mas achei que sabia a maior parte das coisas a seu respeito. Achei que sabia tudo o que era importante, e o fato de gostar de uma garota parece importante. Isso poderia me deixar triste, mas tem sido um ano tão silencioso, sentada na praia tendo apenas Woof ou minha mãe como companhia.

Então digo a George para aumentar o volume. É um programa dedicado ao Bowie, e a próxima música é “Young Americans”, que era uma das favoritas do meu irmão, e George diz que dela também. Quando o refrão começa, canto junto, como Cal faria se estivesse aqui. George fica surpresa por um segundo, e acho que ia comentar alguma coisa sobre eu ser tão esquisita quanto meu irmão, mas então começa a cantar também.

Orgulho e preconceito e zumbis

de Jane Austen e Seth Grahame-Smith

Cartas deixadas entre as páginas 44 e 45

15 de março a 15 de abril de 2014

Querida George,

E aí, como anda o nono ano? Achei no balcão esta máquina de escrever antiga que pertencia ao meu avô, e vou começar a usar nas nossas cartas.

O “i” viiiiiiive emperrando. Viu?

Estou gostando da escola. Tenho lido e nadado bastante, mas não os dois juntos, claro. Cortei o cabelo, e minha irmã disse que ficou bom. Mas acho que ainda pareço esquisito. Minhas orelhas são grandes demais. Nunca tinha percebido isso. As suas são ótimas, tão pequenas que não sei como cabem todos os piercings nelas. Gostaria de contar quantos são algum dia. Falei demais?

Píteas

Querido Píteas,

Você até poderia contar meus piercings, se um dia me dissesse quem é. Agora sei que cortou o cabelo e é orelhudo, então tenho essas duas dicas. Mas ninguém na escola corresponde a essa descrição.

Também tenho lido bastante, mas não tenho nadado. Eu não nado. Mas gosto de ficar na banheira, que tem o bônus de não impedir a leitura.

Acabei de ler Fahrenheit 451, de Ray Bradbury (temos um gato com o nome dele até). É só um bombeiro que queima livros. Me fez pensar em um mundo em que não há livros, e esse mundo me deixa preocupada. Gosto de morar em uma livraria e do fato de que nunca preciso ficar sem eles. Minha família morreria, tenho certeza. Henry preferiria que colocassem fogo em seu próprio corpo a deixar sua coleção queimar.

Como anda o nono ano? Ok, a não ser pelo fato de que de repente Martin Gamble está em todo lugar que eu vou, rindo de mim, virando a capa do meu livro para ver o que é. Você não é Martin Gamble, né? Não acho que seja, mas a ideia vive passando pela minha cabeça. Ele está saindo com Stacy, então é altamente improvável. A menos que as cartas sejam uma piada, e tenho certeza de que não são. Acabei de me convencer sozinha de que você não é Martin.

Num assunto não relacionado e muito mais triste, meus pais andam brigando muito. Eles são muito discretos, e isso me assusta. Meu pai diz que eles nunca vão se divorciar, não enquanto o exemplar deles de Grandes esperanças estiver na Biblioteca de Cartas. É o livro dos dois. Meu pai diz que os lembra do quanto se amam, mas não sei. Os dois não parecem se amar no momento, e não quis comentar isso, mas Pip e Estella nem terminam juntos.

Até mais,

George

Querida George,

Fiquei muito chateado quando meus pais se divorciaram. Ainda sinto falta do meu pai, e estou planejando passar um tempo com ele em breve, fora do país. Mas fica mais fácil. Ou você se acostuma com a dificuldade.

Não, eu não sou Martin Gamble. Mas ele é bem legal. Talvez só esteja tentando puxar assunto.

Píteas

Henry

George vai embora assim que Rachel chega, para deixar claro que quer se livrar de Martin. Mas não me deixo enganar. Pedi a ela que me ajudasse a me arrumar, porque tenho quase certeza de que Amy vai estar na festa hoje à noite. Enquanto ela cuidava do meu cabelo, eu disse que achava que Martin gostava dela. George nem me mandou calar a boca.

Conto isso a Martin no caminho para a festa e o interrogo sobre seus sentimentos.

– Você é sempre assim? – ele pergunta.

– Assim como?

– Metido a cupido.

– Preferiria que minha irmã fosse feliz – digo. – Acho que você poderia restaurar a fé dela na vida e no amor.

– Nenhuma pressão então – ele diz.

– Você gosta dela? – insisto.

– Gosto – ele admite. – Já faz um tempo. Foi uma das razões pelas quais vim trabalhar na livraria. Uma das minhas mães tinha me arranjado um trabalho no escritório dela, mas então vi o anúncio da vaga na Howling e me candidatei.

– Tenta dar um beijo nela hoje à noite – digo.

– Não acho que vai funcionar. Eu acho que George gosta que as coisas andem bem devagar, melhor não ter pressa. Escrevi para ela esta semana.

– Boa – digo. – Ela vai gostar.

– Na verdade, não parece ter gostado muito, mas também já não parece odiar tanto quanto antes.

Vejo Amy entrando na festa assim que chegamos.

– Como estou? – pergunto a Martin, e ele diz que estou bem.

– George fez um bom trabalho.

– Mas pareço responsável?

Martin coça o pescoço enquanto pensa a respeito.

– Acho que sim. E você é responsável. Cuida de uma livraria.

– Cuido de um sebo que está mal das pernas – digo, fazendo essa importante distinção antes de sair do carro.

A primeira pessoa que vejo lá dentro é Rachel. Pelo jeito que me olha, dá para saber que George fez mesmo um bom trabalho.

– Estou ótimo, não é? – pergunto.

– Difícil dizer. Seu ego está na frente.

– Muito engraçado – digo, enquanto Martin desaparece pelo corredor. – Ele me disse no caminho que gosta da minha irmã.

– Disse ou você arrancou isso dele?

– Martin me ofereceu essa informação depois de algumas perguntas persuasivas.

– George pareceu muito disposta a chegar cedo só pra evitar o cara. Para de tentar arranjar alguém pra ela.

– Está planejando brigar comigo a noite toda?

– Só se você continuar falando essas idiotices – ela diz enquanto vamos para a sala, cheia de gente muito bem vestida – Você não comentou que era uma festa de aniversário – Rachel diz ao olhar para as bexigas. – Ou que era formal.

– Não é tão formal – digo, enquanto uma garota de rosa passa pela gente.

Rachel tenta movimentar o ar à sua frente com um gesto.

– Estou engasgando com todo o tafetá e perfume, Henry.

– Lola não falou que era esse tipo de festa. Mas você fica bem de jeans velho – digo.

Rachel vai até a cozinha atrás de água. Amy e Greg estão lá, parecendo saídos de uma página de revista. Ele está de terno – mas um terno muito legal, tenho que admitir. Ela usa um vestido dourado que me faz perder o ar por um segundo.

Como Rachel, estou vestido de maneira casual. Lola com frequência esquece de repassar qualquer informação que não seja ligada a música. Pego água para nós dois e vamos até o jardim, para nos esconder de todas aquelas pessoas vestidas formalmente.

As Hollows vão se apresentar no que parece ser um palco alugado. Sentamos na primeira fileira e eu aceno para Lola. Ficamos olhando para ela atentamente para não termos que conversar, mas uns cinco minutos depois Lola vai até o microfone:

– Testando, vocês dois estão me deixando louca, parem de me encarar e conversem, testando.

– Então... fiz alguma outra idiotice na sexta à noite, além de tudo o que me disseram? – pergunto, tentando puxar papo.

– Muitas, muitas coisas – diz Rachel.

– Tipo?

– Você cantou – ela diz.

– Perturbador. Que música?

– “I Will Always Love You”, da Whitney Houston.

– Mais perturbador ainda. Foi o fundo do poço?

– Poderia ficar pior que isso? – ela pergunta.

– Eu ter voltado vestido de couro branco para o bis.

– Nada de couro. Só movimentos dramáticos dos braços.

Ela faz uma breve imitação da minha dança que parece desconcertantemente correta.

Não consigo deixar de reparar as mudanças nela. Tenho feito isso a semana toda. Eu costumava conhecer tudo, até a cicatriz atrás do joelho, como um rio descendo do ponto onde a madeira afiada de uma cerca tinha entrado, no sétimo ano. Mas a sensação agora é de que estamos sendo apresentados um para o outro de novo.

– É estranho, não é? Esse reencontro.

– Acho que sim – ela diz.

– Me ajuda aqui, Rachel. Estou tentando. Me atualiza.

– Atualizar você?

– Garotos. Escola. Amigos. Você tem evitado perguntas a semana toda.

– Não tenho muito o que contar – ela diz.

Rachel afasta um pouco a cadeira para que algumas pessoas passem. Continuo olhando para ela e à espera de uma resposta, então ela diz:

– Tá. Bom, você já sabe sobre o garoto. Joel Winter.

– Seu ex.

– Mais ou menos. É. Não sei. Deixamos a coisa em aberto.

– Você tem uma foto? – pergunto enquanto as Hollows começam a tocar.

Ela balança a cabeça negativamente.

– Não tem nem uma foto no celular?

Rachel cede, pega o aparelho e abre uma foto para me mostrar.

– Ele parece com o Greg Smith – digo, e ela guarda o celular no bolso. – Não é um insulto. Só quis dizer que é um cara bonito.

– Você tem que parar de ser assim patético – diz Rachel. – Precisa parar de pensar em Amy, encarar Amy, desejar Amy. Só para. Se não conseguir fazer isso, pelo menos finge que a esqueceu, porque ela não vai voltar se você estiver atrás dela. Não é o estilo da Amy.

Rachel está certa, estou sendo patético. Mas tenho certeza de que neste momento tenho permissão para isso, e meus amigos precisam lidar com isso, em vez de ficar apontando.

– É agora que você me diz como sou ótimo.

Ela não diz nada. Rachel voltou uma pessoa completamente diferente. Ela é grosseira. Foi grosseira a semana inteira, e não só comigo. Com meu pai também.

Há um intervalo na música, e aproveito para dizer a Rachel exatamente o que penso.

– Você mudou, e não de um jeito bom. Costumava ser incrível. Divertida e interessante. Sempre estava lá para todo mundo. Agora você é grossa. Comigo e com meu pai, o que é uma merda. E com George e Martin.

– Tenho dado carona pra ele – ela lembra.

– Porque minha mãe paga a gasolina e aí você pode sair às cinco. Você nem conversa

com ele no carro. – Respiro fundo. – Faz três anos que foi embora. Não escreveu, claramente não está nem aí pra mim e agora voltou só pra dizer que sou patético. Reclama de ter que catalogar a Biblioteca de Cartas, diz que meu pai está numa crise de meia-idade... Ele até pode estar, mas talvez isso seja compreensível, já que está prestes a perder o sebo. E eu perdi Amy, e George sente falta da mamãe. O que foi que *você* perdeu, Rachel? Além do senso de humor.

Ela me mostra o dedo do meio.

– Muito adulta – digo, e Rachel levanta o outro. – Se não quer trabalhar na loja, peça demissão. Se não quer estar aqui nesta festa, vá embora. Você tem carro.

– Obrigada por me lembrar disso, Henry – ela diz, então derrama o que sobrou da água na minha calça e vai embora.

Fico ali sentado, alternando entre me sentir horrível por causa do que disse a Rachel, me sentir bem por ter me defendido e principalmente, por causa do último ato dela antes de partir, me sentir como se tivesse feito xixi na calça.

Cerca de meia hora depois, Martin se aproxima de mim e senta ao meu lado.

– Festa legal – ele diz, mas o que realmente está dizendo é: *Este é o pior lugar em que estive na minha vida inteira. Vai à merda por ter me trazido aqui.* Mesmo quando está sendo grosseiro, Martin é educado. – No carro, você meio que disse que eu deveria tomar uma atitude em relação a George – ele continua. – Que se eu fizesse alguma coisa, ela receberia isso bem.

– Achei que você ainda não ia fazer nada.

– Não ia. Então mudei de ideia, porque a gente já estava conversando fazia tipo uma hora, e ela estava rindo das coisas que eu dizia, e meio que se aproximou de mim, então pareceu que você estava certo e que eu podia dar um beijo nela.

– Mas eu estava errado?

– Você estava errado – ele confirma. – Ela não gostou nada, nada. Não tem nenhum interesse em mim e está apaixonada por outra pessoa.

Isso é novidade.

– Quem?

– Não sei. Alguém em quem ela tem interesse, imagino. – Martin balança a cabeça de leve, como se não conseguisse ver sentido naquela noite. – “Você se acha tão gato”, ela disse. E eu não acho. Acho que sou meio bobo. Gosto de computadores e quero ser advogado.

Enquanto ele fala, recebo uma mensagem de George dizendo que está indo embora com Rachel. Aceno para me despedir de Lola e Hiroko, então digo a Martin que vou levá-lo para casa.

– Talvez a festa não tenha sido uma boa ideia – digo enquanto atravessamos o gramado da entrada, onde estão Greg e Amy. – Eles vivem aparecendo na minha frente. Acho que o cara está fazendo de propósito.

– Gosto mais da Rachel que da Amy – diz Martin, como se aquilo de alguma forma fosse relevante.

– Ela não te deixa falar no carro – eu o lembro.

– Mas me deixa escolher a estação de rádio. Me deixa comer. Ela para se eu preciso comprar alguma coisa no meio do caminho. Só não conversa.

Antes que eu possa responder, Greg aponta para minha calça e grita:

– Não conseguiu achar o banheiro?

– Não seja idiota, Greg – diz Amy, o que me dá certa esperança de que, com o tempo, ela vai se dar conta de que ele não consegue evitar ser um idiota, porque isso faz parte dele.

– Não fui eu que mijeí na calça – ele diz.

Eu deveria ser maduro e me afastar. Mas não sou maduro, e minha vida está aí para provar. Pego a mangueira de jardim que está próxima do meu pé. O bico é do tipo pistola, o que é muito conveniente para mim. Não molho Greg por inteiro. Só onde Rachel me molhou. No ponto exato. Fico muito satisfeito por fazer isso com seu terno caro.

Enquanto Greg grita comigo, Martin e eu entramos na van e vamos embora.

Rachel

O que eu perdi? O que eu *perdi*? Só tudo, seu idiota completo. Perdi mais do que você perdeu, isso é certeza. Perdi Cal; perdi minha mãe como ela era, perdi meu antigo eu. Perdi um *oceano inteiro*. É setenta e um por cento da Terra, noventa e nove por cento da biosfera. Eu perdi noventa e nove por cento da biosfera, e você perdeu Amy.

Você perdeu uma garota que, da última vez que eu conferi, fazia desenhinhos dela mesma no lugar dos pontos dos “is”. Uma garota que se olha no espelho a cada poucos minutos. Uma garota que te vê cair no chão na frente dela e nem te ajuda a levantar.

Eu me atiro na multidão, só pensando no carro, na fuga, em talvez ir embora e deixar esta cidade para trás, abandonar o emprego, Henry e Rose. Então George puxa a barra da minha camiseta e pede uma carona para casa.

Finjo que não noto que está chorando. Digo que Henry está no jardim dos fundos e que ela deveria ir atrás dele. Não vou para casa. Ainda não sei exatamente para onde vou, mas não é para a livraria ou para o depósito. George se afasta de mim, atravessa a multidão, passa por um grupo de garotas que riem dela. George para e diz alguma coisa para elas, mas está em menor número e chorando, então isso só as faz rir mais.

Reconheço uma das garotas. Cal e Tim me mostraram Stacy no livro do ano uma vez.

– Ela basicamente manda em tudo – disse Cal. – Se não gostar de você, ninguém gosta.

– E ela gosta de vocês? – perguntei a eles.

Tim disse que tinham sorte por ela nem saber que existiam.

George não tem essa mesma sorte esta noite. Cal ia me odiar por não ajudá-la. Tenho a estranha sensação de que está aqui, me observando, ainda que seja impossível.

Vou até lá e afasto George das garotas. Sua mão é pequena e quente. Segura a minha como se precisasse daquilo, então não solto. Atravessamos o gramado de mãos dadas, passando por Amy e Greg, passando pelas pessoas sentadas na cerca. Continuo segurando até chegar ao carro.

Antes de entrar, ela manda uma mensagem para Henry dizendo que vai embora comigo, então guarda o celular em silêncio. Já estamos no fim da rua e George ainda não diz nada.

– Você está bem? – pergunto, e ela leva o rosto aos joelhos.

– Caraaaalho – diz George, e eu encosto o carro para poder me concentrar nela. – Eu estava falando com Martin. Estávamos escondidos no banheiro de cima para evitar a multidão. Cara, Henry é um idiota. Ele nem procurou saber que tipo de festa era. Bom, Martin está lá comigo, com os joelhos próximos dos meus, fazendo um monte de gracinha só pra me fazer rir. Ficamos conversando um século, e é ótimo. Não converso daquele jeito com ninguém, pelo menos não cara a cara. Então ele se inclina e me beija. Fui pega de surpresa, então o empurrei e as coisas ficaram estranhas. Martin disse que tinha achado que eu queria, e fiquei com tanta vergonha que falei que ele precisava superar aquela coisa de se achar tão gato, porque não é o caso, então ele foi embora antes que eu pudesse consertar as coisas e agora o cara deve estar se sentindo um idiota quando a idiota sou eu.

– Por que você é uma idiota?

– Porque eu meio que queria que ele me beijasse, mas, ao mesmo tempo, gosto de outra pessoa. – Ela me encara com manchas de rímel nos olhos. – Mas essa outra pessoa nem é uma opção de verdade. Quer dizer, eu gostaria que fosse, mas não parece que seja.

George fica bem parecida com Henry quando começa a falar. Não é exatamente fácil seguir sua linha de raciocínio.

– Essa outra pessoa me escreve pela Biblioteca de Cartas. Ele deixa, ou pelo menos deixava, cartas entre as páginas 44 e 45 de *Orgulho e preconceito e zumbis*.

Ela puxa um pouco a blusa para mostrar a tatuagem azul com o número quarenta e quatro.

– E você sabe quem é? – pergunto, pensando que pode ser qualquer um.

– Acho que sei. Tenho quase certeza. Mas ele não veio buscar as cartas que deixei por um tempo. Então parei de escrever.

– Tem certeza de que não é Martin? – pergunto, e ela confirma. – Gosto dele – digo, e é todo o conselho que tenho a oferecer. – Ele parece gostar mesmo de você, e está aqui, enquanto o cara das cartas não está.

– Eu sei – ela diz, mas fica claro como se sente quanto ao outro garoto, independentemente de ser bom ou não para ela.

– Ele é tão lindo – diz George, se referindo ao cara das cartas. – Se for quem estou pensando, é o cara mais fofo que já conheci. Fico deitada na cama pensando nele, sabe? – E eu sei. Mesmo que há um tempo não faça mais isso, eu sei. – O que eu faço? – pergunta George, e me ocorre que não deve ter muitas amigas se quer saber a minha opinião a esse respeito. – Se fosse você...

Penso naquela noite, quando estava desesperadamente apaixonada por Henry. Quando Lola e eu entramos na livraria aos risos para que eu pudesse me declarar. Em retrospectiva, não foi minha melhor ideia.

– Eu ficaria na boa. Esperaria para ver.

Ela não sabe da carta que escrevi para Henry. Só digo que gostava de alguém que não gostava de mim do mesmo jeito. Então conheci um garoto chamado Joel que gostava. Digo a ela como é bom quando alguém de quem você gosta definitivamente gosta de você também, sem nenhum tipo de confusão.

– Rolou sexo? – ela pergunta, e mais uma vez percebo como George e eu somos parecidas.

Nós duas tínhamos ótimos irmãos, mas nenhuma irmã com quem conversar. George parece mais nova esta noite. Ela se segura na beirada do assento do carro enquanto espera minha resposta.

– Rolou – digo. – Depois de um tempo, quando eu me sentia segura. É algo importante. Independente do que digam.

Ela faz perguntas a respeito disso. Enquanto respondo, quase me sinto como me senti

naquela primeira noite em que Joel e eu ficamos juntos no quarto. Os pais dele tinham ido viajar. Já tínhamos nos decidido. Suas mãos passavam pela minha pele com um toque aveludado. O ato em si foi só ok a princípio, mas foi ficando cada vez melhor conforme criávamos intimidade. As partes de que sinto falta vinham depois, quando ficávamos deitados juntos no calor dos corpos, falando sobre o futuro.

– Esteja segura – digo a George, então dou a partida e a levo para casa.

Meu plano é levar George até a livraria e continuar dirigindo. Mas, quando chegamos, olho pela janela e vejo Michael, Frederick e Frieda conversando enquanto tomam café.

Isso me lembra daquelas noites no nono ano, quando eles ajudavam Henry e eu com as aulas de literatura. Aquele lugar estava sempre cheio de gente que amava livros e queria falar sobre eles. Michael cobrava para dar aulas particulares a outros alunos, mas dizia que eu era como uma filha e se recusava a aceitar meu dinheiro.

Henry está certo. Não tenho mais senso de humor. Perdi meus amigos de Sea Ridge por conta disso. Eles tentaram ficar ao meu lado, mas eu os afastei, assim como afastei Joel.

– Tudo bem? – pergunta George.

– Na verdade, não – digo, e entro com ela na livraria para falar com Michael.

Pergunto se podemos falar a sós por um minuto, então vamos na direção da Biblioteca de Cartas. Ele apoia a mão em alguns livros, como se verificasse a temperatura deles.

– Tem vinte anos de história aqui – ele diz, passando os olhos pelas prateleiras.

Eu já sabia de todas as coisas que Henry disse mais cedo. Sabia que Sophia e Michael tinham se divorciado e que estavam prestes a perder a loja. Mas fiquei meio casca-grossa desde que Cal morreu. A tristeza de perdê-lo se apropriou de mim, e a tristeza das outras pessoas não consegue atravessá-la.

– Sinto muito por ter sido grosseira a semana inteira – digo, e Michael aceita meu pedido de desculpas sem dizer mais nada, acrescentando apenas que sabe que se trata de um trabalho difícil.

– Por isso deixei com você.

– Já está tudo em ordem alfabética, mas levei quase a semana inteira. – Tento usar o tom certo, gentil e delicado, mas acho que perdi essas oitavas, de modo que as palavras saem ásperas. – Na semana que vem, vou continuar registrando as anotações. Mas acho que vai levar mais de seis meses, mesmo com hora extra.

– É um trabalho imenso mesmo – ele diz com todas as oitavas que perdi.

Ele está certo, mas não é isso que estou querendo dizer.

– Se me der as chaves da loja, posso trabalhar dobrado. Posso catalogar em silêncio, sem ser interrompida pelos clientes.

– Obrigado – Michael diz, passando os olhos pelas lombadas dos livros. – Na verdade, é uma biblioteca de pessoas – ele explica, me dando uma chave.

George e o pai vão para cima, e Frederick e Frieda vão para casa. Fico lá sozinha, trabalhando na Biblioteca de Cartas, tentando vê-la como uma biblioteca de pessoas. Se

for, é de pessoas que Michael não conhece. É como a caixa com os pertences de Cal no carro. Reúne um monte de sombras que não levam a nenhuma conclusão que preste.

Mas eu prometi. A Biblioteca de Cartas é o coração da loja, que por sua vez é a vida de Michael. E de Henry. Não sei como planejam viver sem ela. Fico imaginando a família inteira voltando para este lugar do mesmo jeito que eu e minha mãe vagamos pelo quarto de Cal.

Já estou trabalhando há uma hora, incluindo os comentários e as anotações das pessoas na base de dados, quando pego o exemplar de *Prufrock e outras observações*. Vou para a página vinte e dois, mas é claro que minha carta de amor não está mais lá. Puxo alguns livros e olho atrás deles. Folheei todos que estavam perto do T.S. Eliot, mas não encontro nada. Muita gente usa a Biblioteca. É possível que algum desconhecido tenha pegado a carta antes que Henry abrisse o livro para ler seu poema favorito, “A canção de amor de J. Alfred Prufrock”.

Ele o leu para mim uma vez, uma noite no oitavo ano em que fiquei para dormir. Estávamos deitados no chão da livraria quando eu disse que não gostava de poesia.

– Não consigo entender, então não me faz sentir nada.

– Espera aí – disse Henry, então voltou com um livro da Biblioteca de Cartas.

Henry leu o poema para mim, e pareceu mesmo uma canção de amor. Posso ouvir sua voz – *nos demorados nas câmaras do mar*.

Lembro que, enquanto ele lia, fiquei olhando para uma marca no teto – parecia um sol em forma de lágrima.

Ouso perturbar o universo, Henry prosseguira. Não sei do que se trata realmente o poema, mas, deitada perto dele, com sua voz tão próxima do meu ouvido, eu queria perturbar alguma coisa – a gente, de modo que ele parasse de me ver como Rachel, sua melhor amiga.

Adorei o poema por causa das partes que me diziam algo sobre a vida que eu não conseguia entender.

– Agora explica – eu disse.

– Até dá para explicar, mas você acha que é preciso uma explicação para gostar dele? Você acha lindo, e isso é o bastante – disse Henry, fechando o livro. – O que prova que não odeia poesia.

Ele fechou os olhos e, depois de um tempo, começou a roncar. Peguei o livro de seus dedos adormecidos e reli o poema.

Esta noite, vejo as palavras e frases que Henry sublinhou ao longo dos anos. Também vejo que outras pessoas fizeram o mesmo, marcando as ideias que tanto amavam. No oitavo ano, eu não tinha notado essas marcas. Nem tinha notado a página de rosto. Esta noite, leio a dedicatória.

E., deixei este livro na biblioteca porque não aguento ficar com ele, mas tampouco aguento jogá-lo fora. F.

Não preciso que ninguém me diga que E. é alguém que morreu. E que algumas das

linhas da canção de amor pertencem a ela – que ela esteve nessa página, a mesma página de nós dois, Henry e eu, e amou as mesmas palavras que amamos.

Na livraria vazia, minha raiva de Henry passa. Sento no chão e releio o poema. E o ouço em minha cabeça com a voz dele. Penso em coisas esquisitas enquanto faço isso. Como este exemplar guarda a memória daquela noite com Henry – assim como guarda as memórias de E. e F. e de inúmeras outras pessoas, imagino.

As lembranças estão nas palavras. E disso vem a estranha ideia de que minhas lembranças estão presas em todas as cópias deste poema, de modo que qualquer pessoa que o leia, em qualquer exemplar, acessa minhas lembranças sem sabê-lo.

Decido esperar até que Henry volte. Pego o exemplar de *Atlas de nuvens* da vitrine, coloco os cinco dólares devidos no balcão, levo-o até o sofá da ficção e começo a ler.

Atlas de nuvens

de David Mitchell

Bilhete encontrado na folha de rosto.

Para minha querida Grace, em seu primeiro dia na faculdade. Todos os homens (e todas as mulheres) têm o desejo de saber, disse Aristóteles (e o papai). Beijos e aproveite essa jornada maluca e um pouco confusa, mas espero que boa.

Henry

Levo Martin para casa. Rimos por um tempo por causa de Greg, então ficamos ambos em silêncio. Imagino que esteja pensando em George. Penso na briga com Rachel, que me leva a pensar nela de modo geral, que me leva ao grande mistério do que aconteceu com ela e do motivo pelo qual voltou com tanta raiva de mim e do mundo.

– Ela costumava ser demais – digo a Martin. – Ganhava de todo mundo nas competições de natação da escola. Era a melhor aluna em ciências e matemática todos os anos, até Amy chegar. Pode perguntar qualquer coisa sobre ciências que ela sabe a resposta. Sempre quis estudar os peixes que vivem nas profundezas do oceano, aqueles assustadores que vivem na mais completa escuridão.

– Já eu morro de medo de tubarão – diz Martin.

– Né? Mas Rachel não.

Martin vai me falando o caminho para sua casa, que fica do outro lado do rio, em uma avenida margeada por árvores. É de ripas de madeira e tem uma enorme figueira no jardim. Além dela, vejo duas mulheres sentadas na varanda.

– Minhas mães – diz Martin, e eu aceno para elas enquanto ele sai do carro.

Este lado da cidade me faz lembrar de Amy, de tanto que ela falava a respeito daqui. Nunca se acostumou de verdade a morar em Gracetown, e dá para ver o motivo. Eu amo aquele lugar, mas as ruas realmente não são tão verdes quanto as daqui.

Penso nela enquanto atravesso a ponte de volta. Penso que esperar que se dê conta de que Greg é um idiota talvez seja inútil, e em como tocou meu braço antes de ir embora da livraria. Penso em como, até agora, ela sempre acabou voltando para mim. Então desvio do caminho para passar na rua dela.

Não fico sentado nos degraus na frente do prédio esperando por ela. Deixo um bilhete na caixa de correio.

Só não acho que ele seja bom o bastante para você.

Henry

Deparo com Rachel quando abro a porta da loja. Está lendo *Atlas de nuvens*, apertando os olhos para enxergar as páginas, à meia-luz.

– Achei que você não gostasse de ficção – digo, acendendo a luz para que enxergue melhor.

– Talvez eu esteja mudando.

Atlas de nuvens é uma mistura de narrativas em épocas diferentes. Rachel me pergunta se estão interconectadas.

– Como essas coisas se juntam?

É o que ela faz com ficção – lê a última página primeiro, pede spoilers, procura o significado das coisas na internet.

– É um romance ou uma reunião de contos? – insiste Rachel. – Só me diz isso.

Quando eu me recuso, ela franze a testa e marca a página em que parou com um pedaço de papel.

– Vamos dar uma volta? – ela sugere, e saímos juntos da loja.

Fazemos o mesmo caminho de quando estávamos no nono ano, fazia calor e não conseguíamos dormir. Descendo a High Street e atravessando um quarteirão enorme para voltar à livraria. Então repetíamos, quando estávamos a fim, que era quase sempre.

– Desculpa – ela diz. – Pela festa. E pelas coisas que disse sobre o seu pai. Me desculpei com ele também e disse que ia terminar o trabalho. – Ela sorri. – E desculpa por ter derrubado água na sua calça.

Conto sobre Greg e a mangueira, e ela ri.

– Eu devia ter ficado. Ele costumava deslocar partes do corpo para impressionar as meninas, sabia? No nono ano, me disse que podia deslocar o pênis.

– Mas não tem osso no pênis. Tem osso no pênis?

– O corpo adulto tem duzentos e seis ossos, mas nenhum deles lá.

– E o que ele deslocava então?

– É um mistério que não quero resolver – ela diz, apertando o botão do semáforo de pedestres. – Não tenho sido eu mesma ultimamente – ela diz, se balançando nos calcanhares. – Cal morreu há dez meses. Ele se afogou.

O semáforo abre e atravessamos a rua.

Tenho essa ideia idiota de que deveria estar chovendo quando ela me diz isso. Deveria ser uma noite diferente. Sem estrelas. Sombria. É a pior notícia que alguém já me deu, e eu mal posso acreditar.

Penso na última vez que o vi. Ele entrou procurando livros sobre o oceano. Lembro que comprou um que eu havia encontrado em outro sebo – *The Log from the Sea of Cortez*, de John Steinbeck. Eu não tinha lido. Comprei para revender porque gosto de *Ratos e homens* e *As vinhas da ira*.

Cal me disse que era sobre uma expedição que Steinbeck fez com seu melhor amigo, Ed Ricketts, ao Golfo da Califórnia.

O objetivo era coletar e observar a vida marinha na costa. Embora eu nunca tenha chegado a ler e tenha esquecido quase tudo o que Cal me disse, não esqueci a parte sobre a amizade entre um escritor e um cientista. Parecia certo, o equilíbrio entre essas duas coisas. Não sei muito sobre Steinbeck ou Ricketts, mas podia imaginar um cientista e um poeta coletando espécimes, fazendo desenhos deles, observando-os de dois polos opostos da vida. Um devia despertar as ideias do outro.

Eu os imaginei sentados no barco ao crepúsculo, queimados de sol, repassando os pensamentos do dia. Conversando até tarde da noite e realmente entendendo algo sobre o mundo com a ajuda da ciência e da literatura. Meio como se fossem metade um do outro e estivessem destinados a ser amigos.

Parece idiota contar a Rachel sobre uma breve conversa que tive com seu irmão, quando ela teve milhões de conversas com ele que significaram alguma coisa de fato. Mas conto mesmo assim, porque o que mais posso fazer?

Rachel engole em seco, enxuga os olhos e agradece, como se de alguma forma tivesse ajudado, o que não pode ser verdade.

Li sobre a morte, claro, mas ninguém que eu conhecia havia morrido antes. Me sinto um idiota agora por ficar reclamando que Amy partiu meu coração. Se eu perdesse George, nada mais importaria; nem consigo imaginar como seria não a ter. Nem sei como imaginar.

Rachel chora cada vez mais, parecendo constrangida.

– Não estou deprimida – ela diz, como se fosse a pior coisa do mundo. – Não, retiro o que disse. Estou, sim. Estou muito deprimida, Henry. Tão deprimida que meus amigos na praia começaram a me evitar. Terminei com Joel; não conseguia *sentir* mais nada. Faço terapia. Falei com meu terapeuta hoje. Droga, Henry, eu repeti o último ano. Tudo está uma bagunça.

Ofereço a manga da camisa para que possa enxugar os olhos e o nariz, mas Rachel já está usando a da própria blusa para isso. Ela ri, funga e pisca, tentando limpar o rímel.

– Saiu tudo?

– Mais ou menos – digo. – Mas você parece bem. De verdade. De qualquer maneira – continuo –, devo dizer que acho que você tem que estar deprimida, mesmo. A depressão é mais do que justa. É a resposta mais apropriada nesse caso.

– Faz quase um ano – ela diz, mas não parece tempo o bastante para mim.

Se George morresse, sentiria sua falta para sempre.

– Por que não me ligou? Eu teria ido. Para o enterro e tal.

Rachel balança a cabeça, como se nem ela mesma pudesse se compreender.

Decidimos dar mais uma volta no quarteirão, enquanto Rachel fala. Ela me conta que sua mãe ficou destrocada por dentro depois do enterro e ainda não voltou a si. Me conta que o mesmo aconteceu com ela. Que o Natal foi horrível, porque elas fizeram as comidas favoritas de Cal e ninguém comeu nada. Que há uma caixa com as coisas dele trancada no porta-malas do carro.

Começa uma tempestade de verão. Rachel olha para o céu e depois para mim.

– Ainda não contei a ninguém aqui. Não fale pra ninguém, por favor. Voltei pra esquecer tudo isso por um tempo.

Fico imaginando como ela vai conseguir esquecer algo desse tipo. E fico imaginando como seguir com a vida se não esquecer.

Rachel

É um alívio contar para Henry, botar tudo para fora – a perda de Cal, o fato de eu ter repetido de ano e como tudo está em ruínas agora. É um alívio chorar e ouvir Henry me dizer que é a reação adequada e depois me oferecer sua manga.

Eu me sinto exausta em seguida. Quase tão cansada quanto nos dias depois que arrastamos o corpo de Cal para fora do mar e tentamos trazê-lo de volta à vida na praia.

Sento em um banco e digo a Henry que não tenho certeza de que consigo ficar de pé. Às vezes tenho vontade de correr, às vezes queria poder nadar e às vezes só quero ficar sentada no mesmo lugar para sempre, porque não tenho a energia necessária para outro dia sem Cal.

A história que Henry me contou, sobre o livro do Steinbeck, é perfeita. Posso ver Cal no balcão da Howling, pegando balinhas grátis do pote e rolando-as de um lado para o outro enquanto fala com Henry. Cal o adorava. Adorava contar estranhos fatos científicos quando ele aparecia em casa para comer pizza nas noites de domingo.

Depois de um tempo, volta a chover um pouco. A umidade no céu provoca faíscas.

– É melhor a gente ir – diz Henry.

Ele não é muito fã de trovões.

– Acho que vou ficar aqui – digo. – Vai parar de chover logo mais.

– Não – ele diz, ajoelhando de costas para mim, de modo que eu possa subir nele de cavalinho.

Henry levanta e eu envolvo sua cintura com as pernas e enfio meu queixo em seu pescoço, como fazia quando era criança e brincávamos na escola.

– Assim é muito melhor – digo quando ele começa a andar.

– Imagino que seja, quando se é a pessoa carregada.

– Eu te salvei na outra noite – digo. – É sua vez de retribuir.

A chuva aperta.

– Esqueci. A gente tem que ficar debaixo de algo pontudo em uma tempestade de relâmpagos? – pergunta Henry, acelerando o passo na High Street.

– Claro que sim. Também ajuda se você estiver em cima de uma poça d'água.

– Então a gente não fica embaixo de nada pontudo – ele diz.

– A gente não fica debaixo de nada pontudo – confirmo.

Ele começa a correr. A sensação de ausência de peso, do movimento e das risadas é boa. Conto os segundos entre os raios e os trovões e explico que a carga elétrica está a pelo menos seis quilômetros da gente.

– Não é que eu não acredite em você – ele diz, acelerando o passo no último trecho do caminho para o sebo. – Só não quero arriscar.

Henry para, se atrapalha com as chaves e abre a porta. Enquanto sobe para pegar toalhas para a gente, mando uma mensagem para Rose dizendo que estou na livraria e que talvez acabe passando a noite aqui.

Não quero ir para casa. Quero deitar na cama de cobertores que Henry costumava montar no chão quando éramos pequenos e conversar até dormir.

Digo isso a Henry quando volta. Ele parece aliviado por haver algo prático que de fato possa fazer. Ele monta a cama com três cobertores, com um extra para nos cobrirmos. Como é uma noite quente, nem precisamos dele, então o colocamos sobre os outros. O conforto é o mesmo de um colchão.

Ficamos em silêncio por um tempo, ouvindo os estalos da loja – os passos de alguém lá em cima indo ao banheiro e voltando para o quarto.

Olho para a chuva caindo do lado de fora, iluminada pelos postes de modo que cada linha de água fica visível.

– Sonhei que Cal me disse que podia ver o mundo de cima – digo a Henry. – Ele disse que os segundos escorriam das pessoas, pequenos pontos saindo da pele, só que ninguém conseguia ver.

– É um sonho bonito – diz Henry.

– É mesmo? Não seria melhor se os segundos se somassem? Temos uma quantidade de segundos para viver determinada no nascimento ou uma quantidade desconhecida?

– Uma quantidade desconhecida – decide Henry.

– Como você sabe?

– Eu não sei. Mas acredito nisso. – Ele vira o corpo para me encarar. – Acredito que estou me somando a alguma coisa.

– Não quero mais chorar – digo. – Sempre penso que está acabando, então me dou conta de que ainda tem mais. Esta noite, por exemplo.

– Você já foi ao topo daquele penhasco em Sea Ridge e gritou com toda a força dos pulmões? – ele pergunta.

– Já.

– Já nadou até ficar esgotada?

Olho diretamente para ele, porque não ligo se vir quão triste estou, quão esgotada de tudo.

– Odeio a água agora. – Conto que posso até ficar olhando para ela, mas não suporto a ideia de mergulhar. – Foi o que o levou – digo. – A água o levou, Henry. Uma coisa que eu amava o levou. – Ele estica um braço para que eu possa usar de travesseiro. – Imagine se você tivesse que passar a vida toda sem ler, sem nem se aproximar dos livros.

Henry balança a cabeça e diz que nem quer imaginar.

– O que posso fazer para ajudar? – ele pergunta.

– Me distrair.

- Posso fazer isso. Ninguém consegue se concentrar perto de mim.
- É verdade – digo, me aproximando dele. – E qual é o seu plano? De vida, para depois que a livraria for vendida.
- Tenho vários. Posso ir para a faculdade. Virar advogado ou talvez professor de literatura.
- Você nunca quis ser professor de literatura. Sempre quis trabalhar na loja.
- Eu seria pobre, como meu pai.
- Seu pai tem dois filhos ótimos e uma livraria. Ele pode não ser rico, mas não é pobre.
- Minha mãe o deixou. Ele trabalha o dia todo, todos os dias, tentando desenterrar primeiras edições para que a gente se mantenha. Acho que é uma vida difícil. – Ele se remexe. – Livros não pagam uma noite legal com a namorada.

O que ele quer dizer é que não pagam uma noite legal com Amy.

- Sabe a melhor noite que já tivemos? Sem comparação? Aquela vez quando você leu “A canção de amor de J. Alfred Prufrock” para mim.
- Achei que você odiasse poesia – ele diz. – E lembro bem que disse nas entrelinhas que poesia não fazia sentido. Que todos os poetas do mundo poderiam desaparecer e ninguém ia se importar. Que, na verdade, isso deixaria milhares de pessoas muito felizes.
- Não foi bem isso que eu quis dizer. Você está distorcendo minhas palavras.
- E o que foi que você disse então? Não lembro.
- Eu disse que os poetas e a poesia não fazem diferença na vida real.
- Vida real?
- Palavras não podem curar o câncer ou trazer alguém de volta dos mortos. Isso inclui romances. O que eu quis dizer foi que não têm uma utilidade prática. Adorei quando você leu aquele poema para mim, mas o mundo continuou igual.
- E mesmo assim você acha que a gente não deveria vender uma livraria de segunda mão.
- Minha teoria não é perfeita – digo, já preparada para pegar no sono.

. . .

Acordo cedo, com o braço de Henry me envolvendo e Lola batendo na vitrine. Abro a porta e vejo que está com as mesmas roupas de ontem à noite. Imagino que tenha vindo atrás de Henry, mas, quando me vê, me abraça forte pelo pescoço.

- Café? – ela sugere.

Vamos ao Frank’s, que fica ao lado. São sete horas. Faz um tempão que não acordo tão cedo assim. Está fresco, mas a luz amarela e densa promete um dia quente. Pedimos café e torradas e sentamos a uma mesa.

- A noite foi boa? – pergunto, apontando para suas roupas.

Ela coloca açúcar no café e mexe.

– Tocamos até as três, depois fui comer alguma coisa com Hiroko. Faltam dois shows antes do fim.

– Vocês deveriam gravar suas músicas – eu digo enquanto Frank traz a comida. – Registrar tudo o que já compuseram do princípio ao fim.

– Não sei se quero o fim gravado – ela diz, passando manteiga na torrada. – Mas vou pensar. Então... vi que você e Henry estavam deitados juntos no chão.

– Voltamos a ser amigos.

– Vocês dois nunca foram só amigos – ela diz. – Eram inseparáveis até Amy chegar.

– Mesmo que eu gostasse dele, não há nada que possa fazer.

– Fala pra ele.

– Já falei.

– Fala na cara dele e fica esperando pra ver o que acontece. Talvez seja diferente dessa vez.

– E você e Hiroko? – pergunto. Eu sempre tinha me perguntado se havia alguma coisa entre as duas. – Vocês são inseparáveis.

Ela fica em silêncio, pensando a respeito.

– Mas não somos namoradas. Ela é a única pessoa com quem consigo compor. Somos colaboradoras. Pense em todas as músicas que não teríamos se Mick Jagger e Keith Richards nunca tivessem composto juntos.

– Ainda acho que você deveria gravar suas músicas – insisto. – Podem até vender no último show.

Ela lambe a geleia do dedão. Dá para ver que ainda está triste com a partida de Hiroko, mas não odeia a minha ideia.

Vou para casa tomar banho e me trocar. Rose deixou um bilhete para mim no banco da cozinha.

Vi você saindo do pronto-socorro ontem. Estava indo atrás de você, então vi Gus. Tem alguma coisa errada? Me liga se precisar de mim em casa hoje.

P.S.: Sua mãe ligou. Tem uma mensagem dela na secretária.

Aperto o botão e ouço minha mãe falando sobre minha avó, Sea Ridge e as novas turmas da escola. Ela conta que está planejando vir à cidade em breve.

– Estou com saudade – diz, parecendo triste.

Apago a mensagem e vou tomar banho.

. . .

Henry está atrás do balcão quando volto. Aceito o café que me oferece e sento com ele enquanto bebo. Michael se junta a nós depois de um tempo, assim como Martin, George, Frederick e Frieda. Sophia chega com croissants, de modo que é o segundo café da manhã

que tomo hoje.

Pergunto a Michael se podemos fechar a Biblioteca de Cartas enquanto catalogo tudo.

– É difícil registrar os comentários quando as pessoas continuam mexendo nos livros – digo, então fica claro que Sophia não sabe da tarefa que Michael me passou.

– Por que isso? – ela pergunta a ele.

– Minhas razões não são mais da sua conta – ele diz, e me dá permissão para fechar a Biblioteca.

Coloco um recado na vitrine – A BIBLIOTECA DE CARTAS ESTÁ FECHADA PARA CATALOGAÇÃO. SENTIMOS MUITO PELA INCONVENIÊNCIA – e depois volto ao trabalho.

Eu perderia a noção do tempo se não fosse por George e Martin, que ficam trocando bilhetes através do exemplar de *The Broken Shore*. Decido que o fechamento da Biblioteca não se aplica aos funcionários, então não digo nada. No começo, George coloca suas cartas no livro com timidez, mas o último pedaço de papel ela simplesmente enfia nele, irritada.

Para lhe dar alguma privacidade, eu me concentro nas anotações no *Prufrock e outras observações*. Levo bastante tempo para registrar tudo o que foi anotado e, no fim, acabo tendo que deixar algumas coisas de fora. Inúmeros desconhecidos fizeram comentários nas margens, circularam palavras, sublinharam ideias.

Pelo que consigo descobrir, o poema que Henry me leu naquela noite é a canção de amor de alguém que não se tem em muito alta conta. Trata-se de um homem debatendo consigo mesmo se deve ou não dizer a uma mulher o quanto a deseja. As anotações nas margens são principalmente de pessoas preocupadas que a vida esteja passando sem que tomem qualquer atitude. Ou, para citar Henry, de gente que se sente meio mal consigo mesma.

– É por isso que você gosta dele? – pergunto a Henry em seu intervalo.

– Acho que muita gente gosta de Eliot por outras razões além do fato de se sentirem meio mal consigo mesmas. Presta atenção na linguagem. É linda.

– Mas é basicamente sobre o fato de que ele quer transar, não?

– Acho que ele está mais refletindo se vai ou não se arriscar.

Henry fica comigo a tarde toda, ajudando e discutindo Eliot. Há tantos comentários no livro que minhas mãos doem, então eu leio enquanto ele digita. Finalmente, chegamos à última, então Henry volta para o balcão.

Estou cansada demais para começar a catalogar outro livro. Reviso o que fiz hoje e me certifico de que esteja formatado. Então salvo o arquivo e desligo o laptop. Martin ainda não está pronto para ir embora, então mato o tempo dando uma olhada em alguns livros. O que mais me interessa é *Sea*, de Mark Laita. É um dos livros mais lindos que já vi; não posso acreditar que alguém deixaria um exemplar na Biblioteca de Cartas, para que outras pessoas fizessem anotações nele.

Eu o tiro da prateleira. As criaturas são hipnóticas, se destacando das páginas com suas cores brilhantes. Sento no chão e folheio o livro. Paro quando chego à página com o polvo

do Pacífico Norte, uma criatura vermelha espetacular, sem olhos que eu consiga identificar, o corpo terminando na boca aberta e uma espécie de maravilhamento cego. Há uma pequena seta apontada para o animal e, ao lado, duas palavras, escritas com uma letrinha miúda e esmerada, do tipo que Cal usava: AMO ISSO.

Não tenho dúvida de que é a caligrafia do meu irmão. Sei disso pela voltinha para cima no fim do “o”. Sei disso porque ele amava polvos. Sei disso porque ele amava este livro. Sei disso de uma maneira que não tenho como provar. E não me deixa triste, não exatamente. Me vem uma sensação que não consigo nomear.

Penso sobre isso pelo resto da semana. No domingo, decido que a sensação tem algo a ver com Cal estar na Biblioteca junto com um monte de outras pessoas que não existem mais. Seus traços estão escondidos, nas pequenas linhas dos livros. Em uma biblioteca de que ninguém pode emprestar.

The Broken Shore

de Peter Temple

Cartas deixadas entre as páginas 8 e 9

16 a 22 de janeiro de 2016

Oi, Martin, aqui é a George.

Estou escrevendo para explicar algumas coisas de ontem à noite. Eu estava errada, você é um cara legal. Gostei da nossa conversa no banheiro. Gostei de saber que tem um cachorro chamado Rufus, que até onde sabe é um vira-lata. Gostei de saber que o escolheu porque era o cachorro mais esquisito do abrigo e achou que ninguém mais ia pegá-lo. Eu estava falando sério: quero conhecer o Rufus um dia. Também quero conhecer suas mães e sua irmã mais nova. Acho que você seria um ótimo advogado de direitos humanos. Achei legal que você gosta de livros de mistério. Gosto de você.

E o beijo, ou o princípio de beijo, foi legal.

Mas tem aquele cara de quem eu falei. Sei que ele parou de escrever porque está viajando, então vou esperar até que volte. Espero mesmo que a gente possa ser amigos. Vai ser um longo verão na livraria se não conseguirmos fazer isso.

George

Querida George,

Obrigado pela carta. Ainda me sinto meio idiota, mas sua explicação ajudou. (O beijo foi “legal”? Me sinto muito lisonjeado, obrigado.) Tem minha palavra de que não vou tentar te beijar de novo. E, sim, podemos ser amigos. Eu gostaria disso. E gostaria que continuássemos amigos quando voltarmos pra escola.

Seria um longo verão se não conseguíssemos ser amigos, mas seria um ano ainda mais longo.

Martin

Querido Martin,

Obrigada pela resposta. É um grande alívio. Eu quis dizer que foi muito legal. Mais do que legal. Você beija bem. É claro que podemos continuar amigos depois que as aulas começarem, mas pode criar um problema pra você, com a Stacy e a turma dela.

George

Querida George,

Então pronto, somos amigos. No trabalho e na escola. Você precisa parar de se preocupar com o que as outras pessoas pensam, sabia? É grande parte do seu problema.

Martin

Martin,

Eu tenho um problema?? É você que é amigo da Stacy, uma garota que chama os outros de aberração.

George

Querida George,

Desculpa. Escrevi o último bilhete rapidinho, no fim do meu intervalo pro almoço. Não quis dizer que você tinha um problema de verdade, só que você tende a ficar sozinha na escola, e sei de pelo menos uma pessoa que já tentou se aproximar de você (eu!) e não recebeu uma resposta amistosa da sua parte. Só quis dizer que você é uma ótima pessoa, e talvez o cara de quem gosta já teria dito quem é se você fosse um pouco mais receptiva.

Martin

Querido Martin,

Vai se foder. E para com os bilhetes.

George

Querida George,

Não vou parar. Sou seu amigo. Amigos não fazem isso. E, aliás, amigos não mandam outros amigos se

foderem.
Martin

Martin,
Vai. Se. Foder.
George

Henry

Martin vem até mim por volta das quatro da tarde, do dia 22 de janeiro, uma sexta-feira. Sei o dia porque estou olhando para o calendário, e Tom, um cliente que meio que vive na seção de livros que tratam do sobrenatural, está tentando me fazer virar a página com a força da mente. Interrompo o teste das minhas habilidades psíquicas quando Martin me olha com o mais próximo de raiva que já vi vindo dele.

– Sua irmã – ele diz, segurando um papelzinho – mandou eu ir me foder.

– Ela me diz a mesma coisa o tempo todo – afirmo. – Se fosse você, não levaria a sério.

Compartilho com ele a verdade universalmente reconhecida sobre a minha família – somos péssimos quando se trata de amor. Martin só diz:

– Não estou tentando ficar com ela. Só quero ser seu amigo.

Ele vai embora para descontar suas frustrações na catalogação da livraria.

Eu também ando tendo algumas semanas difíceis quando se trata de garotas. Amy respondeu meu bilhete na semana passada com uma mensagem indecifrável.

Obrigada. Significa muito neste momento, Henry.

Ela não me mandou mais nada depois disso, e não consigo deixar de conjecturar o que “neste momento” significa.

Também passei as duas últimas semanas tentando animar Rachel, mas não sei o que dizer. Não posso fazer nada óbvio, já que ela não me deixa contar a ninguém sobre Cal. A única coisa que consigo pensar em fazer é tentar conversar sobre isso, mas ela me disse expressamente que palavras não mudam nada e que não quer conversar.

Pelo menos não está mais sendo grosseira. Está sendo o que só posso descrever como obsessiva, mas isso *antes* de encontrar a anotação de Cal na nossa cópia de *Sea*. Agora foi um passo além de obsessiva. Trabalha sem interrupção, vasculhando atrás de mais palavras do irmão, ainda que não tenha me dito isso.

Frederick vai até o balcão para verificar como anda a busca pelo Walcott. Não tenho nenhuma novidade, mas, aproveitando que está aqui, faço uma pergunta hipotética.

– Se você tivesse um amigo que está triste por causa de uma morte na família, vamos dizer, mas não quisesse que você ficasse com pena, o que faria? Se achasse que esse amigo precisava falar a respeito disso, mas ele mesmo se recusasse?

– Acho que a gente tem que respeitar a vontade dos outros. Se alguém não quer conversar, não pode ser forçado a isso. – Seus olhos vão para Rachel e voltam para mim. – Você pode tentar arrancar uma risada dela.

Eu costumava fazer com que Rachel sorrisse só de estar na mesma sala. Agora, sua testa está permanentemente franzida, o que até assusta alguns clientes. Não que isso importe, porque George os assusta também.

Volto a trabalhar, pensando no que escreveria para Rachel se optasse por essa saída. Depois de um tempo, Frederick volta e diz:

– Acho que eu tentaria reunir coragem. Seria sincero e conversaria sobre as coisas que outras pessoas talvez tivessem medo de mencionar. A morte é algo de que nos afastamos. Só aparece na literatura e na televisão, atraindo nossa atenção por completo.

Na quietude da tarde, escrevo uma carta para Rachel. Sigo o conselho de Frederick e tento ser corajoso e honesto, o que quero acreditar que é o meu normal. Ou pelo menos, perto disso. Não tento fazê-la rir. Pareceria desrespeitoso. Conto que estou triste por causa de Cal, o que talvez não seja a coisa certa a dizer, mas é a verdade.

Quando ela vai ao Frank's, vou até a Biblioteca. Tinha pensado em colocar a carta no *Prufrock*, mas o exemplar de *Atlas de nuvens* está ao lado de sua mochila, então a coloco entre as páginas seis e sete. Coloco o livro na cadeira dela, para que não passe despercebido.

Vou até o Frank's para comer um pão doce em comemoração. Quando volto, o exemplar de *Atlas de nuvens* da Biblioteca está virado de frente, com a capa à mostra. Espero Rachel ir embora e vou até lá, esperando encontrar uma carta.

Atlas de nuvens

de David Mitchell

Cartas deixadas entre as páginas 6 e 7

22 a 29 de janeiro de 2016

Querida Rachel,

Espero que não se importe que eu tenha escrito esta carta. Sei que veio para cá para esquecer Cal, mas dá pra ver que está pensando nele a cada segundo. E como poderia ser diferente?

Isso provavelmente vai parecer idiota pra você, mas estou com dificuldade de acreditar que ele esteja morto. Talvez eu conseguisse fazer isso se tivesse ido ao funeral ou visto seu corpo. Mas, nas minhas lembranças, ele está vivo, então não consigo fazer meu cérebro processar a informação de que a gente nunca mais vai se ver.

Isso não é pena, Rachel. Talvez seja um pouquinho, vai, mas é principalmente uma observação. Você parece triste a maior parte do tempo. Mas, às vezes, parece confusa. Como se você também não conseguisse processar essa informação. Odeio o fato de que você pode ficar esquecendo e lembrando o que aconteceu, esquecendo e lembrando. Acho que deve ser exaustivo.

Eu queria ter ido ao enterro. Queria ter sido um bom amigo. Você tem meu celular, se precisar que eu te carregue nas costas no meio de uma tempestade.

Sei que você disse que palavras não vão trazer Cal de volta, e é claro que é verdade. Mas, se quiser, pode deixar uma carta para mim no Atlas de nuvens (tem um exemplar na Biblioteca), entre as páginas seis e sete. Sempre vou responder.

Henry

Querido Henry,

Obrigada pela carta. Gostei do que disse e que esteja disponível para conversar.

Mas, honestamente, todo mundo está sempre me dizendo para falar sobre isso, mas nunca fez muito bem. Como eu disse, palavras não vão trazer meu irmão de volta.

Rachel

Querida Rachel,

Eu entendo, de verdade. Sabe onde me encontrar se as coisas mudarem.

Henry

Querida Rachel,

Tá, eu disse que entendo, e entendo mesmo, mas discordo de você. Vou ficar na livraria esta noite. Todo mundo foi pra casa e estou pensando no sentido das palavras. Na verdade, tenho pensado no sentido delas desde que você detonou toda a poesia e todos os poetas, três anos atrás.

“Eu te amo, vamos nos beijar, vamos transar.” Essas palavras se mostraram muito úteis ao longo dos anos. Imagino que tenha dito a Joel que o amava e que elas também tenham sido úteis nesse momento. E sei que você disse a Cal que o amava. Essas palavras significam alguma coisa, Rachel.

Henry

Querido Henry,

Sim, eu disse a Joel que o amava e definitivamente disse o mesmo a Cal. Ainda digo, todos os dias. Só quis dizer que essas palavras são inúteis no grande esquema das coisas.

Rachel

Querida Rachel,

O amor não entra em algum lugar no grande esquema das coisas? Ele não é o grande esquema das coisas?

Henry

Querido Henry,

Você sabe o que quero dizer. É só que as palavras não nos impedem de morrer. Não nos devolvem os mortos. A morte é o maior do maior esquema das coisas.

Rachel

Querida Rachel,

Acho que você está com todo o esquema de cabeça para baixo. A vida é o grande esquema; a morte é um acontecimento pequeno no fim dele.

Acho que a gente deveria sair para dançar. É sexta. Vamos convidar George e Martin.

Henry

Querido Henry,

A morte não é nada pequena. Se você acha isso, é porque nunca a viu. Mas sim. Vou sair para dançar com você. Vamos a algum lugar em que ninguém nos conheça. Já te vi dançar. Vou jantar com Rose hoje. Te encontro na frente da Laundry às nove. Podemos ver as Hollows e depois ir a algum lugar.

Rachel

Henry

Martin e eu nos encontramos do lado de fora do restaurante chinês aquela noite. Ele pergunta onde George está, e tenho que dar a notícia de que ela não virá.

– Parece que somos só nós dois.

– Achei que fosse uma tradição familiar – ele diz.

– Eu também – digo, tentando não soar infeliz demais.

Nós vamos ter que bastar, mas não somos páreo para uma família inteira.

Enquanto esperamos que Mai Li nos leve até a mesa, penso na conversa que tive com meu pai mais cedo.

– O jantar de sexta à noite está cancelado por um tempo – ele disse. – Não estou no clima, nem sua mãe. George vai na casa dela hoje à noite, e eu vou comer com Frederick e Frieda.

Ele pegou um pouco de dinheiro do caixa para que eu pagasse o jantar de Martin e junto me deu um livro que tinha comprado para mim durante a semana.

É uma edição dos clássicos da Penguin dos contos de Jorge Luis Borges. Tem borboletas na capa, cujas asas se encaixam para formar um hexágono. Algumas se afastam do grupo.

– Leia “A memória de Shakespeare” – disse meu pai, e eu prometi que ia fazê-lo.

Meu pai me apresentou aos contos de Borges em uma noite do meu primeiro ano do ensino médio, quando eu estava procurando algo interessante para ler. Ele pôs um livro nas minhas mãos e disse que eu deveria ler “A biblioteca de Babel”. Fiz isso com o dicionário do lado. Entendi bem mais ou menos. Era cheio de referências matemáticas e científicas que eu queria discutir com Rachel, mas ela já tinha ido embora. Decidi que era sobre pessoas que precisavam de respostas do mundo e do universo e que enlouqueciam tentando encontrá-las.

Mai Li se aproxima e explica que, como somos apenas os dois, vamos ficar na mesinha perto do banheiro. Todo mundo bate a porta nas costas da minha cadeira. Não há espaço na mesa para meus cotovelos. Mal há lugar para o cardápio, que eu olho pela primeira vez na vida, porque tenho que escolher um prato individual.

Não parece certo falar de livros sem minha família aqui, mas tampouco parece certo não falar, então conto a Martin brevemente sobre o Borges que meu pai me deu esta noite. Eu o passo para ele de modo que possa dar uma olhada. Tento explicar “A biblioteca de Babel”, mas é impossível colocar em palavras.

– Rachel conseguiria explicar melhor.

– Você gosta dela – diz Martin, e penso em nós dois, no tempo que a conheço, em todas as coisas que sei e que quero saber.

Penso nas cartas que temos trocado esta semana e no quanto fico esperando pela próxima.

– Ela é minha amiga mais próxima.

Mas eu não tenho certeza se “amiga” abarca tudo o que Rachel significa para mim.

Pego o livro de volta e pergunto a Martin como estão indo as coisas com George. Fico surpreso quando ele diz que melhoraram. Não parece o caso.

– Há uma semana ela estava mandando você se foder.

– E eu disse, respeitosamente, que tinha decidido não obedecer – ele responde.

– E?

– E ela me disse, respeitosamente, que se eu não fosse me foder ela iria embora.

– Não consigo entender como as coisas melhoraram – comento.

– Fui legal com ela a semana toda, e essa tarde avançamos bastante. Acho que talvez tenhamos voltado a ser amigos. – Antes que eu possa perguntar exatamente qual foi o avanço, Martin muda de assunto. – E como andam as coisas com Amy?

Percebo que não pensei muito sobre isso esta semana, desde que comecei a escrever para Rachel. Tenho pensado nela e em Cal. Eu o conheço desde que a conheço. Quando era pequeno, ele me seguia por toda parte, fazendo perguntas. Quando ele fez doze anos, virou um supercrânio e nossa dinâmica mudou. Sinto falta dele.

– Você conheceu alguém que já morreu? – pergunto a Martin, e ele menciona a avó. Paramos de conversar para pedir a comida, então eu me inclino sobre a mesa e faço a pergunta que vem me incomodando desde que Rachel me deu a notícia. – Para onde as pessoas vão? Quer dizer, elas estão aqui e de repente não estão. Não consigo entender.

– Alguém que você conhecia morreu? – pergunta Martin.

– Esquece. Vamos falar de outra coisa – digo.

Ele muda de assunto imediatamente, e passamos o resto do jantar falando de ficção policial, política, os livros que ele vai ter que ler no último ano e se bolinhos fritos são melhores do que os feitos no vapor.

É fácil passar o tempo com Martin, então, quando saímos e ele aponta para um anúncio da Pavement, uma casa de shows não muito distante, concordo em dar uma passada por lá. Temos tempo antes de encontrar Rachel, e a Pavement não é o tipo de lugar aonde um cara como Martin deveria ir sozinho.

Levamos cerca de dez minutos andando. Ao chegar, deparamos com uma fila cheia de gente com cara irritada. Acho que vi a casa na lista de lugares mais violentos para frequentar do jornal de Gracetown.

A fila anda. Pagamos e carimbam nossas mãos. Meio que fico torcendo para que peçam a identidade de Martin e não possamos entrar, mas ninguém faz isso. Passamos com toda a tranquilidade. Atravessamos o espaço até o lado oposto. Há uma banda tocando, que ameaça engolir pequenos animais no palco, fazendo todo mundo aplaudir.

– Fica de costas pra parede – digo a Martin, que olha em volta como se esperasse encontrar um amigo. Ele observa dois caras que passam por nós; um conduz o outro por uma corrente. – É melhor não encarar.

Depois de um tempo, Martin se inclina para mim e grita no meu ouvido:

– Quando George vai chegar?

– Quê? – grito de volta.

– George. Quando ela vai chegar?

– George não viria num lugar destes nem morta – digo, olhando em volta. – Ela já deve ter voltado da casa da minha mãe e agora deve estar envolvida numa partida tranquila de Scrabble com meu pai.

Martin assente e, como se algo tivesse acabado de ficar claro para ele, diz:

– Ceeeeerto.

Algo acaba de ficar claro para mim também.

– George disse a você que ia estar aqui. Esse foi o grande avanço da tarde?

– Levei café a semana inteira, e aqueles donuts que ela gosta. É irracional concluir que, se a pessoa bebe o café e come o que você compra pra ela, vocês estão ficando amigos?

– Não – digo.

– Então hoje à tarde perguntei se ela não queria me encontrar em algum lugar, e George falou que estaria na Pavement.

Seria uma coisa se George tivesse dito que estaria na Laundry e depois não aparecesse. Mas fazer com que Martin viesse aqui esperá-la é muita sacanagem. Por mais que me doa, digo a Martin que talvez seja hora de procurar outra garota.

– Vamos na Laundry. Eu te pago uma cerveja enquanto esperamos pela Rachel.

– Acho que vou pegar um táxi e ir direto pra casa – ele diz, parecendo murchar a cada minuto que passa.

Não vou deixá-lo aqui sozinho, então passo o braço por seus ombros e o conduzo para fora.

Deixamos a Pavement e andamos na direção da Laundry.

– Por quanto tempo vou ter que pagar? – pergunta Martin. – Quer dizer, quanto um cara tem que se esforçar para ser amigo da sua irmã?

Estou começando a me perguntar a mesma coisa. Sei que George teve problemas na escola e que não foi culpa dela. Mas ela está jogando fora a chance de ter um bom amigo ao seu lado durante todo o último ano.

– Só posso te dizer que tenho certeza de que ela vale a pena.

Ao dizer isso, vejo Amy mais à frente. Ela está encostada em um prédio não muito distante da livraria. Meu coração ainda bate descontrolado quando a vejo. Tudo o que ela tem que fazer é aparecer para que eu volte ao ponto de início.

– Estou esperando por Greg – ela me diz.

Quero perguntar o que “neste momento” significa, porque “neste momento” parece esperançoso. Antes que eu tenha tempo de dizer qualquer coisa, Greg estaciona e sai do

carro.

– Para de importunar a Amy – ele diz.

Eu o ignoro e me dirijo a ela.

– O que você quis dizer com “neste momento”?

– Não me ouviu? – pergunta Greg, mas me mantenho de costas para ele enquanto falo com Amy.

– Você está bem? – pergunto.

– Acho que é melhor você ir – ela diz. – Depois conversamos.

– Estamos conversando agora – digo.

– Você não me escutou? – insiste Greg, desta vez gritando no meu ouvido.

– Não. Meus ouvidos não estão na frequência das suas idiotices – digo, me virando para deparar com quatro caras que reconheço da escola, todos eles idiotas.

– Talvez seus ouvidos *devessem* estar na frequência das minhas idiotices – diz Greg, e Amy ri, o que o deixa ainda mais nervoso do que um segundo antes.

Não há muito tempo, só o bastante para investir contra o cara que está segurando Martin.

– Corre – grito, mas ele não sai do lugar.

É um ato corajoso. Idiota, claro. Mas corajoso.

Eles o jogam no carro antes, o colocam no banco de trás e batem a porta. Depois me pegam. É preciso todos eles para me colocar no porta-malas. A última coisa que vejo é Amy me olhando da calçada.

Alguém dá a partida, e sinto o ritmo da estrada abaixo de mim. É pouco dizer que a noite não está saindo exatamente como eu imaginava. Do porta-malas, sinto a vibração dos pneus contra o asfalto. Queria ser o tipo de cara que não entra em pânico, mas não sou. Sou o tipo de cara que entra em pânico com facilidade. Eles não vão nos matar. Mas vão fazer alguma maldade, e nesse momento acho melhor nem tentar imaginar qual é.

O tempo todo em que estou deitado aqui, penso em como Amy pode estar com esse cara. Tento interpretar a expressão em seu rosto antes de me fecharem no porta-malas. Raiva de Greg? Choque? Pena? Medo?

Não é possível que ela esteja meio que apaixonada por Greg neste momento. O que ele tem para justificar tal coisa? Parte de mim está feliz por Amy tê-lo visto me jogando no porta-malas, porque de jeito nenhum que ela vai conseguir continuar com ele depois disso. O amor é uma coisa louca, mas não pode ser completamente insana.

Tento descobrir para que lado estamos indo baseado na velocidade do carro. Primeiro vamos devagar, porque a High Street fica cheia numa sexta à noite, mas de repente parece que estamos pegando umas quebradas. O carro vai ganhando velocidade, e tenho a sensação de que estão nos levando para o porto do lado oposto da cidade.

Levamos uns quinze minutos até parar. Um deles abre o porta-malas, mas Martin

continua se debatendo, então ele resolve fechá-lo para ir ajudar os outros. Eu o impeço no último minuto. Estou livre, mas não vou fugir. Não posso deixar Martin e, de qualquer forma, não há para onde correr.

Eu estava certo. Estamos do outro lado da cidade, perto das docas. Há caixas de madeira atrás de nós e uma estrada à frente. Há alguns depósitos espelhados dos dois lados da via, mas é só isso. Ninguém vai nos encontrar. Se nos amarrarem, talvez fiquemos aqui a noite toda.

Só tenho tempo de mandar minha localização para Rachel e a mensagem “me ajuda!” antes de ser tirado do porta-malas. Martin está amarrado a um poste. Eles usaram fita adesiva para isso, e não fizeram questão de economizar. Ele está bem preso. Também está pelado. Imagino que suas roupas estejam no carro, com o resto de suas coisas.

Eles fazem o mesmo comigo. Me obrigam a tirar toda a roupa ameaçando chutar Martin. Posso ouvi-lo no fundo dizendo numa voz derrotada:

– Chutem. Não estou nem aí.

Tiro minhas roupas mesmo assim.

Em menos de dez minutos, estou preso pelado do outro lado do poste. Eles filmaram tudo. Tenho certeza de que Greg é o tipo de cara com um bom plano de internet móvel, de modo que estaremos na rede antes que peguem a estrada.

Quando Greg acaba de filmar, ele diz que posso me encontrar no YouTube se procurar por “idiota”, então pega minhas roupas, minha carteira, meu celular e as chaves da livraria. Grito para ele que isso transforma uma brincadeira imbecil em roubo com violência, então ele joga todas as nossas coisas, menos as roupas, no chão, entra no carro e vai embora.

– Não gosto de Greg Smith. Não gosto *mesmo*.

– Bom, acho que o sentimento é mútuo – diz Martin.

– Que tipo de cara faz isso com alguém? – pergunto.

– O tipo de cara que acha que precisa se vingar por alguém ter esguichado água em seu terno novo?

– Você acha que é a mesma coisa? – Olho para mim mesmo. – Isso me parece pior.

– E é – diz Martin. – Só estou dizendo que talvez você devesse ficar na sua a partir de agora.

– Eu mandei nossa localização para Rachel – digo. – Nós só precisamos esperar.

– Ótimo.

– Em uma escala de um a dez, quão bravo você está comigo?

– Estou pelado e preso com fita adesiva a um poste. É tudo o que posso dizer. É uma descrição precisa dos meus sentimentos. Não é culpa sua. Prefiro me concentrar em sair daqui.

Carros passam pela gente sem parar. Não ouço ninguém buzinar, então talvez nem nos

notem. Ou talvez mais pessoas sejam presas peladas a postes por idiotas do que seria de imaginar.

– Pelo menos está quente – digo.

– Você é um otimista incorrigível.

– Eu acho que ajuda bastante, se considerarmos que a vida é uma merda.

– Por que George não é otimista? – pergunta Martin. – O cara de quem eu te falei está escrevendo pra ela pela Biblioteca de Cartas há *três anos*. Ela tem quase certeza de que sabe quem é e gosta dele, então por que não fez nada a esse respeito?

Três anos é um longo tempo se correspondendo com alguém. É um compromisso. É romântico. Penso em George sentada na janela da loja, bancando a cínica quanto ao amor, quando o tempo todo estava apaixonada por um admirador secreto.

– Talvez não seja quem ela pensa. Talvez o cara seja um psicopata – diz Martin.

– Psicopatas usam a internet agora – digo.

– *Por quê?* – ele pergunta.

– Mais vítimas em potencial, acho.

– Não, por que George não quer conhecer esse cara. Se tem tanta certeza de quem se trata?

– Ela está com medo – digo. – É tímida.

– Não parece tímida. Parece hostil e agressiva.

– É um escudo – digo, descobrindo algo sobre minha irmã naquele mesmo instante.

– Funciona bem – diz Martin, mas acho que concorda comigo, porque parte da raiva desaparece da sua voz.

Procuro pelo Volvo de Rachel, me perguntando se minha mensagem chegou.

– Tomara que Amy tenha chamado a polícia – diz Martin.

Amo Amy, com suas falhas e tudo, mas sei, sem sombra de dúvida, que ela não chamou. Sei que ela não o fez quando viu que me trancaram no porta-malas. Sei que não anotou a placa, como Rachel teria feito. Sei que não entrou em um táxi e disse “Siga aquele carro”. É por Rachel que temos que esperar. É ela que vai nos salvar.

Orgulho e preconceito

de Jane Austen

Anotações na folha de rosto

Cadê meu sr. Darcy?

Ele é do século XIX, então está morto, certo?

Mas é um personagem de um livro, não pode estar morto.

Se ele é um personagem de um livro, é deprimente que você goste dele.

Vai se foder.

Você não pode escrever palavrão em um exemplar de Orgulho e preconceito. É um clássico.

Quem é você?

Quem é você? Só sei que está desesperada.

Você está escrevendo neste livro. Está me respondendo. Quem de nós é desesperado?

O livro não me incomoda. Só me incomoda que a ideia de algumas pessoas de homem perfeito seja um personagem.

Eu nunca disse que ele era perfeito. Darcy tem falhas.

E você está procurando por um cara com falhas?

Talvez esteja. Quem é você?

Albert Finnegan. De acordo com minhas ex-namoradas, sou cheio de falhas.

Eu sou uma das suas ex-namoradas, Albert. Sei que você é cheio de falhas.

Jennifer?

A própria. Você nunca me disse que tinha lido este livro.

Li muita coisa. Se me deixasse falar, saberia.

Terça, 7 de agosto de 2010. Às duas, na lanchonete da escola.

O que tem?

Vamos conversar sobre Orgulho e preconceito.

Rachel

A catalogação para de ser chata assim que abro o *Prufrock*. Até as menores observações, que não significam nada para mim, devem significar alguma coisa para outras pessoas, então sou muito cuidadosa ao documentá-las. Quando fico tentada a pular alguma, penso nas anotações de Cal em *Sea*, o que me impede de fazê-lo.

Encontro muita gente na Biblioteca esta semana. Mesmo nas linhas sem assinatura leio histórias. Pablo Neruda é bem sensual. Alguém leu tudo com um marcador pink na mão e destacou o que tenho quase certeza de que são todas as referências a sexo. Sinto meu rosto corar de leve e minhas orelhas queimarem enquanto leio.

Também fico vermelha sempre que recebo uma carta de Henry através do *Atlas de nuvens*. Elas não são românticas. Falam de palavras e da morte, principalmente, mas gosto de recebê-las. Amo recebê-las. Faço intervalos só para que haja uma à espera quando voltar. Fico decepcionada se no meu retorno não encontro nada.

A cada carta, quero falar com Henry mais e mais. Não sei se me apaixonei de novo, ou se só estou procurando por uma distração, ou se as cartas de amor que encontro na Biblioteca estão me deixando meio louca.

Na segunda, começo a ler uma série de cartas escritas de A para B em *A culpa é das estrelas*. A princípio, os dois não se chamam de A e B. A princípio, são só frases numa página, escritas em canetas de cor diferente. A usa azul. B usa preta. Eles escrevem um debaixo do outro. *Engraçado*, A anota depois de uma frase em particular. *Hilário*, B comenta embaixo. Na página 50, eles estão dizendo um ao outro quais são suas frases preferidas. Na página 100, A diz que é um cara, e B também. Na página 150, fica bem claro que os dois se gostam. De acordo com a última página do livro, eles se encontram em 2 de janeiro de 2015, na frente de uma casa noturna chamada Hush.

Vou para casa todas as noites desta semana pensando em A e B, o que me leva a pensar em Henry, e tenho que admitir que isso me mantém acordada à noite. O único jeito de conseguir dormir é me distrair com *Atlas de nuvens*. Sempre que penso em beijar Henry, leio uma página. São 544 páginas. Já quase terminei.

Minhas opções de distração acabaram, de modo que, quando Henry me convida para sair para dançar, eu desisto. Digo que vou.

Levo Martin para casa e desisto daquela história de não conversar, porque gosto de Martin e também porque sei que ele e Henry conversam, e fico pensando se uma das coisas sobre as quais conversam sou eu. Não posso perguntar diretamente, mas fico esperando que ele deixe algo escapar sem querer.

Falamos sobre a catalogação primeiro. Martin também está encontrando coisas nos livros, mas não as mesmas que eu. Ele acha coisas que as pessoas deixam para trás por engano, as histórias acidentais delas.

Mas, esta tarde, falamos principalmente sobre George no caminho para casa. Ele me conta o que aconteceu depois da festa.

– George me escreveu uma carta dizendo que sentia muito. Fizemos as pazes, mas

depois estraguei tudo dizendo que ela tinha um problema. Então comprei café e comida pra ela, e ficamos bem. – Ele sorri e dá dois soquinhos no ar, de um jeito que me lembra Cal. – Então eu perguntei se ela queria fazer alguma coisa esta noite e George disse que sim. Vamos nos encontrar depois do jantar com Henry. Como amigos, claro.

– Claro – digo.

Ele parece tão animado que eu sinto que deveria dizer algo. Se fosse Cal ao meu lado, falando que ia sair com a garota de quem ele gosta “como amigos”, eu ia aconselhá-lo a tomar cuidado. Mas não digo isso a Martin. Não é como se eu estivesse tomando cuidado com meus sentimentos em relação a Henry.

Entro sorrindo no restaurante, um italiano que não fica muito longe do depósito. Estou pensando em Henry, A e B, *A culpa é das estrelas* e macarrão. Então vejo minha mãe sentada ao lado de Rose.

– Surpresa – ela diz, em uma voz sem emoção. – Estava com tanta saudade de você que tirei um dia de folga da escola.

Dou um beijo nela, que me diz que estou com um cheiro gostoso.

– Rose me emprestou um perfume.

– Você parece feliz – diz minha mãe.

Talvez eu esteja imaginando, mas parece uma acusação, só que em um tom leve.

– Estou morrendo de fome – digo, esticando o braço para pegar um pedaço de pão.

– Fico feliz – ela diz, e posso dizer que fica mesmo, mas ao mesmo tempo não fica.

Ofereço pão às duas e Rose quebra o silêncio dizendo que ouviu falar muito bem do restaurante.

– Licença – diz minha mãe, então sai para fumar.

– Minha mãe está brava comigo – eu digo, e Rose parece genuinamente surpresa.

– Por que estaria? Sua mãe só fala de você desde que chegou. Só cometeu o erro de ir me encontrar no pronto-socorro.

Olho para minha mãe através da janela e me pergunto se em algum momento vamos seguir em frente.

– Incomoda você? Não fica pensando em Cal o tempo todo, com os aparelhos apitando e pessoas morrendo?

– Não. Nunca penso em Cal lá.

– Então você se acostumou? – pergunto. – À morte?

– Não – ela diz, se servindo uma taça de vinho enquanto pensa. – Eu acredito que duas mortes nunca são iguais. Seria terrível se elas fossem.

Rose muda de assunto com uma série de perguntas sobre o sebo. Me concentro nisso, de modo a não encarar minha mãe quando ela volta para a mesa. Conto sobre a Biblioteca de Cartas e o fato de que Michael quer que eu a catalogue toda antes de vender.

– Acho que ainda é muito cedo para ofertas.

– Vai ser rápido – diz minha mãe. Rose concorda dizendo que o imóvel é incrível, mas ela balança a cabeça e diz: – Não vão manter o imóvel. Vão derrubar e construir prédios de apartamentos. Tem uma porção deles subindo aqui. Atrás do depósito mesmo há um terreno pronto.

Não é culpa da minha mãe que o plano seja demolir a livraria, mas fico irritada que mencione isso. A mãe que existia antes da morte de Cal era uma incansável otimista, que tirava o melhor das coisas.

– Você contou sobre seu irmão pra todo mundo? – minha mãe pergunta.

– contei para o Henry. Mas não estou planejando contar pra mais ninguém, caso uma de vocês depare com Sophia.

Espero que Rose discuta comigo, mas ela diz que tampouco consegue falar sobre aquilo.

– É bobagem, mas só contei para o meu chefe no hospital. Não quero pensar nisso no trabalho.

A comida chega, e minha mãe diz que minha avó quer saber se eu olhei a caixa com as coisas de Cal que ela me deu antes de partir.

– Ainda está no carro – confesso. – Mas vou ver.

Volto a pensar na família na sala de espera. Eu a descrevo para Rose, que se lembra dela.

– Era o pai da garota – ela explica. – Sofreu um acidente de carro.

– E?

– E está bem agora – ela diz.

Minha mãe solta o ar, aliviada.

O fato de que ela se preocupa com uma família desconhecida faz com que eu me sinta melhor. De alguma forma, quer dizer que, mesmo que a morte de Cal tenha mudado nós duas, não nos mudou por completo. Ambas estávamos lá no momento em que meu irmão morreu, e às vezes eu me preocupo que ter visto aquilo haja alterado algo fundamental em cada uma de nós. Às vezes me preocupo que tenhamos perdido parte da nossa humanidade naquele dia, e que ela nunca vá voltar. É difícil negar que somos pessoas mais duras sem ele, penso enquanto minha mãe sai para fumar outro cigarro.

Perto do fim do jantar, recebo uma mensagem de Henry: me ajuda!

Ele também me enviou sua localização.

Enquanto leio, minha mãe e Rose conversam sobre vermos um filme esta noite. Com pipoca, chocolate e travesseiros no chão.

– Tenho que ir – digo a elas, e fico aliviada por ter um motivo para escapar, aliviada por não precisar dizer à minha mãe que não posso ficar com ela porque combinei de sair para dançar. Pelo menos agora não vou embora para me divertir. – Henry precisa de mim.

Ligo para Lola, porque não quero ir dirigindo sozinha até as docas. Antes que eu diga “alô”, ela começa a dizer numa correria que eu estava certa.

– É a ideia perfeita. Juntamos nossas economias e minha avó vai ajudar. Vamos alugar o estúdio de um amigo por um preço *incrível*. Vamos poder gravar todas as nossas músicas, da primeira à última, tudo o que já compusemos, para poder vender no nosso último show, e talvez até depois disso. – Ela faz uma pausa breve para respirar, mas não o bastante para que eu consiga falar. – Está procurando Henry? Eu o vi com Amy e Martin mais cedo, perto da livraria.

A menção a Amy machuca, e por um momento penso em ignorar o pedido de ajuda de Henry e ir para casa. Por outro lado, não chega a surpreender que ele estivesse falando com Amy. Ele nunca disse que não gostava mais dela. Não tem nada acontecendo entre nós dois, é coisa da minha cabeça.

Conto tudo a Lola rapidamente, e a voz dela passa de animada a preocupada.

– A gente remarca a gravação – Hiroko fala no fundo.

Mas dá para notar que Lola não está muito animada com a ideia.

– Vê se a George pode ir com você – ela diz. – Se não puder, me manda uma mensagem e a gente vai.

Dirijo até a livraria, estaciono na frente e mando do carro uma mensagem para George avisando que preciso de ajuda para ir atrás de Henry. Não é tão tarde, mas ela já estava de pijama – azul com estampa de nuvem – e nem se deu ao trabalho de se trocar.

– Aonde vamos? – pergunta George, e eu peço que procure a localização no meu celular.

George vai me guiando enquanto dirijo pela cidade. Depois de uns cinco minutos, ela solta:

– Martin me chamou pra sair. Eu disse que estaria na Pavement.

– A Pavement é o mesmo tipo de lugar de três anos atrás? – pergunto.

– Pior – ela diz, então começa a se defender. – Ele disse que eu tenho um problema. Fiquei tão irritada...

Quase a lembro de que comprou café e comida para ela, mas me impeço. Guardei rancor de Henry por três anos, então não posso julgá-la. Mas a Pavement?

– Percebi que tinha exagerado logo em seguida. Mas não consegui voltar atrás.

Ela se concentra no celular. Já estamos do outro lado da cidade, nos aproximando das docas.

– Vai mais devagar – ela diz. – Henry está em algum lugar por aqui.

Estamos em um trecho sombrio da estrada, com postes de luz dos dois lados. Não tem ninguém aqui, só caixotes e depósitos.

– O que ele veio fazer neste lugar? – pergunta George, e eu estou me perguntando a mesma coisa.

Começo a ficar realmente preocupada quando chegamos ao ponto marcado no mapa e não o encontramos.

Estaciono. George está olhando o celular, mas eu o pego da sua mão.

– Acho que ele está no sentido contrário.

Faço o retorno e o localizo antes de George. Ele brilha no escuro, com os braços para trás como um Caravaggio suburbano. Tenta acenar para o carro, mas seus braços estão presos.

– Ah, merda – George diz quando vê Martin.

Paro perto deles. Henry Jones pelado é uma visão e tanto. Tento disfarçar o fato de que estou gostando disso.

– Oi – ele diz quando descemos do carro.

– Oi – digo. – Parece que vocês se meteram em encrenca.

– Vocês estão pelados – diz George.

– Verdade? – comenta Henry. – Não tínhamos notado.

– Por que estão pelados? – pergunta George.

– Por que está de pijama? – questiona Martin, enquanto ela dá a volta até seu lado do poste.

– Tive que sair correndo pra salvar vocês.

– Talvez eu não precisasse ser salvo se *alguém* não tivesse me dito que ia estar na Pavement hoje à noite.

– Alguém disse que *talvez* fosse à Pavement hoje – corrige George.

Decido que vai ser melhor para todo mundo se soltarmos os dois o mais rápido possível. Não tenho nada que ajude no banco de trás, então abro o porta-malas e encontro uma tesoura e uma faca de carne que por alguma razão foram colocadas ao lado das coisas de Cal. Fico olhando para a fita adesiva que fecha a caixa de Cal e quase a abro. Fecho o porta-malas quando George se aproxima.

– Usa a tesoura pra soltar o Martin. Vou soltar o Henry com a faca.

Henry faz algum comentário sobre como é estranho que alguém tenha uma faca no porta-malas, mas, como Martin aponta, tem sido uma noite estranha. A faca de carne talvez seja a coisa mais normal nela.

– Sua mão é firme? – pergunta Henry.

– Não muito – digo. – Vou tomar cuidado nas suas partes mais sensíveis.

– Meu corpo é todo sensível, na verdade.

– Você não fica nada mal pelado – digo, para aliviar o clima.

– Vou assumir então que fico muito bem.

– Fecha os olhos – ouço Martin dizer a George. – *Para de me olhar!*

– Relaxa – diz George.

– *Relaxa?* – ele repete. – Se não queria ser minha amiga, poderia ter simplesmente dito. Preciso implorar todo santo dia? Você nem se deu ao trabalho de pedir desculpas.

Ele grita a última parte, e George não diz nada pelo que parece ser um longo tempo. Finalmente, ela acaba falando bem baixinho:

– Desculpa.

– Quê? – diz Martin. – Você vai ter que falar mais alto.

– Desculpa – George diz alto.

– Tá – diz Martin.

– Cuidado com meu pênis – diz Henry, e de repente me dou conta de que a situação é hilária.

Faz dez meses que não acho nada engraçado. Normalmente finjo rir. Digo que algo é engraçado. Tento fazer piadas. Mas, desde que Cal morreu, nada parece engraçado de verdade. A não ser por esta noite, com Henry Jones pelado à minha frente. É hilário.

– Não ria enquanto está com um objeto cortante na mão – ele diz. Por algum motivo, acho isso engraçado também. – Você está tremendo. – George também começa a rir, e Martin. Henry diz: – Fico feliz que meu saco pelado seja hilariante pra todos vocês.

Mas ele também está rindo, feliz que todo mundo esteja feliz, porque Henry é esse tipo de cara.

Entramos todos no carro. Henry e George convencem Martin a passar a noite na livraria, para que eu não tenha que levá-lo até o outro lado do rio.

– Você pode dormir na minha cama – diz Henry. – Eu durmo na loja com Rachel.

Depois que Henry e Martin se vestem, sentamos todos atrás do balcão para assistir ao vídeo no YouTube.

– Não dá pra ver muita coisa – diz Martin.

– Sua – aponta Henry. – Tem um close meio chocante em mim. – Ele larga o celular e decide que não se importa. – As pessoas vão ver a gente pelado. E daí?

– Eu volto para a escola depois de ter feito papel de ridículo – diz Martin.

– Vou estar lá com você – diz George, e ele olha para ela de um jeito que sugere que é um belo prêmio de consolação.

Os dois sobem a escada. Henry e eu deitamos no chão, em frente à Biblioteca de Cartas. Ele apaga a luz, de modo que somos apenas vozes na escuridão.

– Às vezes fico preocupado que Amy tenha escolhido Greg Smith porque ele beija melhor do que eu.

– Falando como alguém que já te beijou, posso garantir que não precisa se preocupar com nada nesse departamento.

– Desculpa por não lembrar bem desse beijo – ele diz. – Fui melhor do que Joel?

– Foi diferente.

– Vocês fizeram sexo?

– Essa pergunta é muito pessoal.

– Somos melhores amigos. Melhores amigos podem fazer perguntas pessoais.

– Você e Amy fizeram sexo?

– Tem razão. É uma pergunta muito pessoal.

– Você ainda está apaixonado por Amy? – pergunto.

– Você ainda está apaixonada por Joel? – ele rebate.

– Talvez a gente deva partir pra outro assunto.

– As coisas mudaram entre nós – ele diz, mas não menciona como, e não tenho certeza se está falando dele e de Amy ou de nós dois.

– O que aconteceu de bom nos últimos três anos? – pergunta Henry. – Você só me contou sobre as coisas ruins.

Não penso nas coisas boas há um tempo, mas muitas delas aconteceram antes de Cal morrer.

– Fui a melhor em ciências no segundo ano. E em matemática. Nadava cinco quilômetros todo dia com minha mãe. Meu pai visitava a gente e nos levava pra fazer windsurfe. Virei capitã do time. E você?

– Fui o melhor em inglês. Me saí muito bem no último ano. Fui ao baile com a Amy. Lola e Hiroko compuseram uma música sobre mim. Ganhei um concurso de contos.

– É uma boa lista – digo.

– Nós podemos tentar sair para dançar uma outra noite? – pergunta Henry.

Aceito seu convite pela segunda vez:

– Claro.

– Adoro ficar deitado aqui com você, abaixo dos livros – ele diz.

Então pegamos no sono.

The Broken Shore

de Peter Temple

Cartas deixadas entre as páginas 8 e 9

1 a 5 de fevereiro de 2016

Querida George,

Fiquei contente com o pedido de desculpas, mas, sério, pode parar agora. E daí se todo mundo da classe vai ter me visto pelado? A maior parte das imagens era de Henry mesmo.

Se quiser mesmo compensar o que fez, talvez possa me contar sobre o cara das cartas. Quem acha que ele é?
Martin

Martin,

Sei que você me disse para parar, mas só preciso dizer mais uma vez: desculpa. E, para compensar, vou te contar sobre o cara, que acho que é o Cal Sweetie.

Não tenho certeza absoluta, mas, antes da primeira carta chegar, ele vinha bastante à livraria, e não só pra falar com a Rachel. Também passava bastante tempo na Biblioteca de Cartas.

Ele tentou falar comigo na escola, mas nem dei corda. Tá, você tem razão, eu fico um pouco na defensiva, mas sou a garota que lê livros usados quando todo mundo tem celulares de última geração. Também uso roupas de segunda mão. Meu pai vai às reuniões da escola e anuncia para o professor que não tem dinheiro para me mandar pro acampamento.

Me deixa ser clara: não ligo que a gente fique sem grana às vezes. A livraria vale a pena. Mas isso não abre o caminho para a popularidade. E é mais fácil manter as pessoas à distância do que ouvir alguém me chamar de esquisita.

Mas Cal não é assim, e perdi minha oportunidade de falar com ele na escola, depois ele e a irmã mudaram para Sea Ridge. As cartas continuaram chegando, mas vi Tim Hooper, o melhor amigo dele, com nosso livro na Biblioteca, o que me deixou ainda mais certa de que era Cal escrevendo.

Eu poderia ter dito que sabia quem ele era, mas não tinha certeza e que gostava dele assim até que parou de me escrever. Acho que ele era meio nerd e um pouco estranho a princípio, mas, em algum momento desde a interrupção das cartas, comecei a achar que também era bonitinho. E fofo. E bonzinho. Agora quero ficar cara a cara com ele e conversar.

George

Querida George,

Conheci Cal um pouco, e ele é mesmo todas essas coisas que você escreveu. Espero que vocês se encontrem e que dê tudo certo.

Você pode achar que precisa manter as pessoas à distância, mas, se não fosse tão reclusa na escola, acho de verdade que teria muitos amigos. Você é interessante e engraçada. Adoro suas roupas. E adoro tudo em você.

Martin

Atlas de nuvens

de David Mitchell

Cartas deixadas entre as páginas 6 e 7

30 de janeiro de 2016

Querida Rachel,

Obrigado por me salvar a noite passada. Você ronca, aliás. Mas não é um som desagradável. É tipo um ronronar suave. Quando vamos sair pra dançar?

Henry

Querido Henry,

Estou sempre pronta pra te salvar. Você baba, aliás. Mas é uma baba do tipo agradável. Quando quer sair pra dançar?

Rachel

Querida Rachel,

Você puxa o cobertor, mas não me importo. George e Martin parecem estar se dando bem hoje. Acho que, se a gente esperar uma semana, estarão ainda melhor e talvez concordem em ir com a gente. Que tal sábado?

Henry

Querido Henry,

Tá.

Rachel

Henry

Decidimos dançar no sábado na Bliss, um lugar com um DJ que, de acordo com Lola, tem uma playlist bem razoável. Faço um círculo grande em volta do dia 6 de fevereiro no calendário da loja, de tão animado que estou.

A entrada de menores de idade é permitida. Se você mostrar a identidade na entrada e tiver mais de dezoito, ganha uma pulseirinha amarela. Sem ela, nada de bebida. O que significa que George e Martin podem ir também. Nem precisei convencer Rachel. Só convidei e ela aceitou.

Nós dois nos mandamos cartas a semana inteira por meio do *Atlas de nuvens*. Às vezes nem nos damos ao trabalho de esperar a outra pessoa se afastar da Biblioteca. Olho para Rachel e ela me olha de volta enquanto coloco o bilhete entre as páginas.

– É meio sexy – sussurro para Lola hoje à noite no trem.

A Bliss fica no norte da cidade, perto de uma estação, então deixamos os carros em casa. O trem está cheio. Rachel e George estão sentadas juntas. Martin em um assento atrás delas. Lola e eu estamos de pé no meio do vagão.

– É por isso que você está tão arrumado? – pergunta Lola, pegando a barra da minha camisa.

Sinceramente, não tenho certeza de por quem estou me esforçando. Amy pode estar lá. Rachel está aqui.

– Não sacaneia a Rachel – diz Lola.

– Como assim?

– Você sacaneou a Rachel uma vez e sobrou pra mim também. Só estou dizendo para não fazer isso de novo.

– Vou ter que me repetir: como assim?

– Ela foi em casa mais cedo. Cortei o cabelo dela. Depilei as pernas dela. Emprestei essa roupa.

– Ela está linda.

E já parecia linda antes.

– Acho que talvez quisesse ficar linda pra você. Mas, se for viajar com a Amy, coisa que você vai fazer se ela pedir, como a Rachel fica?

– Ela disse que queria se arrumar pra mim?

Lola me dá um tapinha leve na cara, e eu capto a mensagem.

Ficamos em silêncio por um tempo, então ela diz:

– Ando pensando em pedir a Hiroko pra ela ficar.

Até eu, por pior amigo que seja, sei que é uma péssima ideia. Ouço suas razões – quanto mais músicas gravam, mais Lola se convence de que as Hollows podem estourar.

- Ela não precisa estudar música.
- Ela quer estudar música. Não pode pedir que abra mão disso.
- Posso só lançar a ideia – diz Lola.

Quando o trem para e as portas se abrem, ela sai na minha frente a toda velocidade e com a intenção de encontrar Hiroko, imagino.

Vamos todos dançar hoje à noite, não beber, então nem precisamos de uma pulseirinha amarela. A música está alta. Não vamos conseguir conversar. Vamos para a pista e começamos a curtir. Adoro dançar. Não sou bom nisso, fato, mas também é fato que não estou nem aí. Rachel e eu nos aproximamos quando começa a tocar “Sister Midnight”, do Iggy Pop. A playlist do DJ é a cara da Lola, reunindo todas as músicas que já dançamos no quarto ou na garagem dela.

Martin e George vão procurar uma mesa, então ficamos só Rachel e eu. Conto aos gritos sobre o plano de Lola de pedir a Hiroko que fique. Embora eu não consiga ouvir a resposta direito, a expressão de Rachel me diz que ela concorda que é uma ideia ruim. Péssima, na verdade.

Uma música lenta do Radiohead começa a tocar. Rachel e eu nos olhamos desconfortáveis por um segundo ou dois, então eu penso: foda-se; somos amigos. Posso dançar juntinho com ela se quiser.

É mais fácil conversar, porque minha boca fica bem na orelha dela. Digo que senti sua falta, e ela me pergunta especificamente do quê.

– Tudo o que eu sabia de ciências vinha de você, pra começar. Virei um crânio por causa do que você me ensinou. Faz uma pergunta. Vou provar.

– Quais são os nove planetas do Sistema Solar? – Ela me observa enquanto penso. – Parece que você está sofrendo.

– É a minha cara de gênio. Você não tem uma?

– Espero que não.

– Bom, acho que isso quer dizer que você não é um gênio então. Tá. Os nove planetas: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.

– São oito.

– Graças ao que você me ensinou no sétimo ano, eu sei que foi uma pegadinha. Só há oito planetas. Plutão é um planeta-anão.

– Impressionante – ela diz. – Você deveria me beijar.

– Eu deveria elencar os oito planetas com mais frequência. Ouvi direito? – Eu me afasto para olhar seu rosto, sua boca, suas orelhas, suas sardas, seu pescoço. – Você quer que eu te beije?

Ela aponta por cima do meu ombro. Olho naquela direção e vejo Amy.

– Quer Amy de volta? – pergunta Rachel, mas nem espera pela minha resposta e já enlaça meu pescoço. – Relaxa. Só vamos deixar sua garota com ciúmes.

Então ela se inclina e me beija. Por bastante tempo.

Rachel

Não era minha intenção beijar Henry.

Quando o puxo para perto, é de frustração. Vi Amy antes dele. Ela está com um vestido incrível e o cabelo perfeito. Greg não está por perto. Meu palpite é que veio se certificar de que Henry não vai a lugar nenhum.

– Quer Amy de volta? – pergunto a Henry, que responde com o corpo. No segundo em que a vê, se vira totalmente em sua direção. Eu me aproximo. Ele parece surpreso e preocupado, então digo para relaxar. – Só vamos deixar sua garota com ciúmes.

É um bom beijo. O primeiro que me fez sentir alguma coisa em um longo tempo. Estaria mentindo se dissesse que não o percebi pelo meu corpo inteiro. Mantenho os olhos fechados, mas a luz parece atravessar as pálpebras, e um show de luzes acontece na escuridão. Os pensamentos se transformam em um caleidoscópio, sem qualquer ordem particular. Por que Amy vivia largando alguém que beijava daquele jeito? Cal devia ter vivido o bastante para beijar uma garota. No que Henry está pensando? Quando devo parar?

Eu me afasto primeiro. Tento ler a expressão de Henry – confusa, preocupada, animada, ou talvez os três.

– Ela ainda está olhando? – pergunto.

– Está – ele diz, e eu posso sentir sua respiração na pele.

– Ela vai voltar em menos de um mês – digo, tentando não soar triste demais.

Não ficamos lá. Digo a Henry que o plano vai funcionar melhor se formos embora agora, e juntos. Não encontro Lola, George ou Martin em nenhum lugar, então mandamos uma mensagem avisando que vamos embora.

Henry sugere andar até em casa. É menos de uma hora de caminhada, e se cansarmos podemos pegar um táxi. É uma noite gostosa. Há uma porção de pessoas na rua. É nesses momentos que amo a cidade. Odeio de dia, quando o céu está cinza e o calor emana do concreto.

Atravessamos as ruas sem falar. O beijo deixou as coisas entre nós esquisitas. Decido poupá-lo do sofrimento.

– Não significou nada, Henry. Eu só estava ajudando você. Não precisa ficar constrangido com algo tão pequeno. – Tento explicar como é ver seu irmão na praia com aquela expressão, parecendo *vazio*. – Nada parece importante depois disso. Ou pelo menos as coisas menores.

– Discordo – ele diz.

– Mas você não sabe o que eu sei – digo.

– Discordo que o amor e o sexo sejam coisas pequenas. Não preciso ter visto um cadáver para saber que estou certo quanto a isso.

Cortamos caminho pelo parque. A irrigação está ligada, então paramos um pouco para

molhar as pernas no leve jato de água.

Henry aponta para as luzes do parque e as mariposas que as rodeiam.

– Por que elas fazem isso?

Olho para as mariposas, como uma tempestade dourada na luz, e digo que é a fototaxia.

– É quando alguém automaticamente se aproxima ou se afasta da luz. As mariposas têm fototaxia positiva, o que quer dizer que são atraídas por ela.

Olho para ele, que olha para as mariposas. Tem algumas sardas leves no lado esquerdo do rosto, descendo pelo pescoço e desaparecendo dentro da gola.

– Ninguém sabe ao certo – digo. – Mas algumas pessoas acham que mariposas migratórias usam o céu da noite para se localizar. Elas seguem as luzes no céu.

– Mas elas ficam voando em volta dos postes – ele diz.

– Elas usam a Lua como guia, voando em sua direção sem nunca esperar chegar lá, então deparam com luz artificial e acham que talvez seja ela.

– Estão bem distantes da Lua – ele diz.

– É – concordo. – Mas não sabem disso.

Ficamos sentados por um longo tempo. Henry tira os sapatos e as meias para molhar os pés. Olhamos para as mariposas. Henry comenta o reflexo da água na grama, os melros cantando à noite, as sombras dos prédios. É como se escolhesse partes do mundo para mostrar para mim, como quem diz: “Viu? É lindo”.

. . .

Chegamos à livraria às duas. George, Martin e Lola pegaram um táxi, então já estão aqui. George e Martin estão conversando no jardim da leitura. Lola está desmaiada no sofá da ficção. De acordo com George, Hiroko não recebeu bem o pedido de Lola para que ela ficasse no país.

– Ela bebeu muito vinho muito rápido – diz Martin.

Coloco um copo d’água ao lado dela e a deixo dormir.

Henry monta uma cama com cobertores de novo. Eu planejava ir para casa, porque vi o futuro hoje à noite. Amy vai voltar para Henry e ele vai voltar para ela. Mas não tenho como evitar. Mando uma mensagem para Rose dizendo que vou passar a noite aqui. Ela me responde com uma carinha piscando. Ela vai se decepcionar quando Henry e Amy voltarem.

Assim como eu, mas ele já está deitado na nossa cama no chão, e a ideia de passarmos a noite conversando é muito atraente. A livraria é atraente, e tem prazo de validade, ou vai ter assim que encontrarem um comprador, então decido aproveitar o máximo de Henry e deste lugar enquanto ainda estão aqui.

Ficamos ouvindo os ruídos da rua e da livraria.

– Lembra que seu pai costumava nos dizer que este lugar era assombrado? – pergunto a

ele.

– De acordo com ele, livros de segunda mão são assombrados. Têm fantasmas nas páginas.

– E você acredita em fantasmas – digo.

– Não desacredito. *Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha nossa vã filosofia.*

– *Hamlet?* – pergunto.

– Muito bom.

– Alguém sublinhou na Biblioteca.

– Então vai ver que tem uma verdade aí.

– Eu vejo Cal – conto. – É uma alucinação, mas parece real. Sinto até o cheiro de chiclete.

– Isso é possível? – ele pergunta, e eu digo que é.

– Alucinações podem incluir cheiros e sons.

– E você tem certeza de que não é um fantasma? Nunca achou que poderia ser?

– Sei que não é, mas não consigo evitar esperar que seja. Às vezes começa um programa na TV que ele amava e eu fico tão triste porque Cal nunca vai saber como termina. Então eu penso que, se ele for um fantasma, pelo menos pode ver *Game of Thrones*.

– Vai ver que passa *Game of Thrones* o tempo todo onde ele está.

– A gente pensa esse tipo de coisa porque não consegue imaginar como seria não existir.

Eu me aproximo dele, porque o pensamento me faz querer me aproximar dele. Henry estica o braço para que eu possa deitar nele, fazendo a ideia da inexistência um pouco menos assustadora.

– Você está quente – ele diz.

– É uma noite quente.

– Cal acreditava – ele diz, e sei que voltamos a falar de fantasmas.

– Cal acreditava em todo tipo de coisa – digo, e ele ri, como se lembrasse os jantares de domingo à noite na minha casa.

– Ele costumava confundir minha cabeça com suas teorias sobre o tempo – diz Henry. – Como a teoria do bloco-universo. Ainda não entendo.

– Ela afirma que o passado, o presente e o futuro acontecem todos simultaneamente – digo, pensando na noite em que Cal me explicou a teoria.

Ele tinha acabado de ler um livro sobre isso, *Objective Becoming*, de Bradford Skow, que dizia aos leitores para imaginar o tempo como outra dimensão, tal qual o espaço, e então imaginar que dava para ver o universo de cima, saindo dele e olhando para baixo. Se eles conseguissem fazer isso, então veriam todos os eventos de sua vida espalhados, da

mesma maneira como poderiam ver a Terra do espaço.

– Acha que é verdade? – pergunta Henry.

– Nunca estive do lado de fora do universo, então não sei dizer.

Cal achava que era. Ou pelo menos gostava dessa ideia.

– Pense assim – ele me disse uma vez. – Esta casa em que estamos não deixa de existir só porque saímos dela. É a mesma coisa com o passado.

– É uma ideia legal – digo para Henry agora.

Ficamos em silêncio por um tempo, então Henry diz:

– Significaria que, se estivéssemos alto o bastante, fora do universo, conseguiríamos ver o que está à nossa frente?

Digo a ele que poderia dar uma olhada no livro para descobrir, mas Henry só balança a cabeça e boceja.

– Se meu futuro já existe em outro lugar, não quero saber. Quero viver com a ilusão de que tenho total controle sobre a minha vida.

Também quero isso. Quero tocar a cicatriz que acabei de notar no queixo de Henry. Quero beijá-lo de novo, e de verdade dessa vez. Acho que, quando voltei à cidade, eu sabia que este momento chegaria. O momento em que eu não ia me sentir cheia de tristeza pela morte de Cal, mas cheia de carinho por Henry.

– Se nossas vidas estão lá, no futuro, mapeadas, então quem as escreve? – indaga Henry. – Porque, se o futuro está definido, então alguém tem que planejar. E, com sete bilhões de pessoas no mundo, seria impossível. A logística nunca funcionaria.

– Então você acha que somos governados pelo acaso.

– Tenho certeza disso.

Quero acreditar nisso. Porque, se não formos governados pelo acaso, então Cal sempre ia morrer naquele dia, e nasceu com um futuro terrível.

Henry me aperta mais forte e diz que as pessoas podem pirar procurando respostas. Ele leu um conto de Borges chamado “A biblioteca de Babel”. É sobre pessoas procurando por respostas, procurando por um livro que as continha.

– E aí? – pergunto. – Elas encontram?

– Não existem respostas. Você sabe disso.

Conto a Henry sobre os últimos dias de Cal, as razões pelas quais me sinto tão traída. Em retrospectiva, os dias que antecederam sua morte foram lindos e cheios de significado. A luz parecia diferente. Leitosa e dourada. Passamos mais tempo falando do futuro do que nunca.

Lembro uma noite em que Cal entrou no meu quarto.

– Shhh – ele fez, e acenou para que o seguisse.

Fomos até a praia e caminhamos no limite do mar. Vimos um peixe prateado grande

demaís para sobreviver nas poças e o empurrámos com delicadeza para o mar. O azul-escuro aveludado e o prateado me parecem surreais agora, mas aconteceu. Eu nunca tinha feito a conexão, mas os peixes dos meus sonhos deviam vir dessa lembrança, nadando das profundezas até a superfície.

Cal me disse naquele dia que não andava conseguindo dormir porque ficava pensando em todas as coisas que queria ver – o sol da meia-noite e seu oposto, a noite polar, com o sol permanecendo acima do horizonte. Ver a luz refletida no mar e na neve à uma ou às duas da manhã, com tudo coberto de azul.

Conto a Henry que falávamos sobre o mundo todo, cada lugar em que gostaríamos de mergulhar – Alasca, Golfo do México, Malásia, Japão, Antártida.

– Depois do enterro, achei cruel que no mês antes de sua morte Cal tenha pensado tanto na vida que queria ter.

– Não sei como falar com você sobre isso – diz Henry –, porque nunca estive na sua posição. Mas vou estar, em algum ponto do futuro, porque o contrário é impossível. E me parece que você está olhando para tudo da perspectiva errada.

Henry diz que talvez Cal tivesse sorte. Seus últimos dias tinham sido lindos, cheios de uma luz dourada.

– Talvez o universo não o tenha ferrado. Talvez estivesse tentando dar seu melhor pra ele.

– Isso não é muito científico – digo.

– Às vezes a ciência não basta. Às vezes poetas são necessários – diz Henry.

E é neste momento, neste exato momento, que eu me apaixono de novo por ele.

Orgulho e preconceito e zumbis

Jane Austen e Seth Grahame-Smith

Cartas deixadas entre as páginas 44 e 45

2 de janeiro de 2015

Querida George,

Feliz ano novo! Você fez alguma coisa? Passei a noite na praia com minha irmã, vendo os fogos de artifício. Listamos nossas resoluções de Ano-Novo (mas mantive uma em segredo: de te contar quem eu sou). Disse a ela que gostaria de namorar, e é verdade. Gostaria de namorar, mas só se a namorada em questão fosse você. Sei que não vai aceitar isso sem saber quem eu sou, então estou tentando criar coragem.

Meu maior medo é que te conte e você fique tão decepcionada que nunca mais queira falar comigo. Meu segundo maior medo é que você ria.

Tenho que dar um jeito de contar logo, porque meu amigo vai se mudar, e é ele quem tem deixado minhas cartas e pegado as suas. Faz um tempinho que mudei também, mas nunca mencionei isso porque achei que você poderia descobrir quem eu era.

De qualquer maneira, minha irmã não precisa tomar a resolução de namorar, porque ela já tem alguém. O que ela quer agora é tirar o certificado de mergulho do nível seguinte. É uma das minhas vontades também. Vi uma foto de uns cânions submersos na Califórnia. Tinha uma porção de criaturas brilhando. Tão abaixo d'água, as coisas precisam ter iluminação própria, porque nem um raiozinho de sol chega. Um explorador chamado William Beebe descreveu as profundezas como o espaço sideral, e talvez seja por isso que eu quero tanto ir para lá. Parece tão lindo. Toda a escuridão e toda a luz se movimentando.

Píteas (nome verdadeiro prestes a ser revelado)

Querido Píteas,

Eu gostaria de saber quem você é e não acho que poderia ficar decepcionada. Amo receber suas cartas. Fico à espera delas.

Gostaria de ser sua namorada. Meu medo é que, quando nos conhecermos de verdade, você não goste de mim.
George

Querida George

Eu não gostar de você? Impossível.

Píteas

Henry

A semana passa em meio a distrações e confusão. Fico pensando em Rachel e esperando que Amy volte. Rachel me garante todos os dias que é só questão de tempo.

– O beijo vai funcionar, Henry. Confia em mim.

O beijo já funcionou. Funcionou comigo.

Eu me distraio tentando arrancar mais informações de Martin sobre a situação dele com George.

– Não tem nada acontecendo – ele continua me dizendo, mas não é verdade.

Sei que tem alguma coisa entre os dois. E eles não param de trocar cartas.

– Ela ainda gosta do outro cara – diz Martin, agachando em frente à seção de não ficção. – Ela meio que só fala disso.

– Que merda – digo.

– É, Henry. É meio merda – ele diz.

Tenho procurado na Biblioteca de Cartas por qualquer pista desse cara misterioso, mas, até agora, não encontrei nada. A catalogação está realmente andando. Eu me distraio na terça olhando a base de dados de Rachel. Tem tanta gente na Biblioteca, tantas pessoas que deixaram partes de si naquelas páginas ao longo dos anos. Deito ao lado de Rachel e compartilho as frases sublinhadas por desconhecidos de que mais gosto.

– *Você está presente em tudo o que vi desde então – no rio, nas velas dos navios, nos charcos, nas nuvens.*

Leio o discurso de Pip para Estella, e Rachel me diz que foi meu pai quem o sublinhou e que dedicou o livro à minha mãe. Vou até a página de rosto e encontro sua caligrafia.

– É tudo sobre Pip, não acha? – pergunta Rachel. – O discurso. Ela é parte dele. Não tem nada sobre quem ela é.

– Mas o amor do meu pai pela minha mãe não é só sobre ele.

Rachel afirma que não foi o que ela quis dizer.

– Foi só algo em que pensei.

– Mas amor sempre é sobre a pessoa que sente, não é? – sugiro. – Tipo, na maior parte.

– Talvez. Mas seria legal se não fosse.

– O amor de Amy meio que é só sobre ela, mas não me importo com isso.

– Talvez devesse – diz Rachel, e continua a catalogar.

Na tentativa de me distrair de Amy, acabo pensando em outras coisas de que preciso me distrair, como Rachel. Tenho escrito para ela para não pensar em Amy, só que, estranhamente, meus pensamentos retornam ao beijo. E de maneira perturbadora.

Na quarta, em um esforço para me distrair de Amy, Rachel, Martin, George e o fracasso

das grandes esperanças de meu pai, jogo Scrabble com Frederick e Frieda. Estão os dois contra mim, sentados ao balcão, caso algum cliente apareça.

– Às vezes um beijo só é bom – diz Frieda. – Não precisa significar algo.

Frederick estuda suas peças.

– É. Mas, nesse caso, os dois se conhecem há bastante tempo.

Eles discutem em silêncio antes de incluir uma palavra no tabuleiro.

– Mas eu gosto de Amy – digo.

– Eu não gosto – diz Frieda.

Frederick se mantém neutro.

Olho para Rachel. Se ela não tivesse me beijado, tudo teria permanecido igual. Só tenho que esquecer o que aconteceu.

Para mudar de assunto, pergunto a Frederick se meu pai comentou alguma coisa sobre a venda. Os dois são bons amigos. Talvez meu pai tenha contado algo a ele antes de falar com a gente.

– Apareceram alguns interessados. Mas acho que seus pais não estão muito de acordo.

– O preço não é alto o bastante? – pergunto, posicionando um quadradinho para formar a próxima palavra.

– Não tenho certeza – ele diz. – Acho que seu pai não quer vender para investidores.

– Minha mãe não venderia a livraria a investidores – digo, então uma onda de clientes entra e eu faço um intervalo no Scrabble para poder atendê-los.

Frederick e Frieda continuam jogando, agora um contra o outro. Quando termino o atendimento, eles foram para o jardim de leitura e Lola ocupou o lugar deles no balcão.

É a primeira vez que a vejo desde que a levei para casa no domingo de manhã. Lola não falou muito sobre o que tinha acontecido porque estava de ressaca, mas o resumo da coisa pareceu ser que Hiroko achava que ela estava sendo incrivelmente egoísta ao pedir que ficasse. Considerando que Lola começou o pedido com algo próximo de “Você vai arruinar a minha vida e não é ninguém sem mim”, não fico surpreso que Hiroko tenha reagido mal.

– Vocês duas se falaram? – pergunto, e Lola sacode a cabeça em negativa.

– Sei que está do lado dela. Se não fosse comigo, *eu* estaria do lado dela. Hiroko diz que só penso em música. Que nem uma vez nessa história toda pensei nela. Mas a única coisa que eu quero desde o oitavo ano é essa banda. Não me inscrevi na faculdade. Se ela tivesse dito que pretendia continuar estudando, talvez eu tivesse feito isso.

– Você nunca quis fazer faculdade de música – eu a lembro. A vida toda, Lola teve um único sonho: tocar suas próprias músicas no palco. – Vocês ainda vão fazer o show no dia 14?

– Não sei se Hiroko quer fazer um último show comigo.

Em um esforço para distrair Lola de Hiroko, conto a ela sobre aquilo de que quero me distrair.

– Sabe o beijo que a Rachel me deu?

O choque da minha pergunta a tira momentaneamente de sua comiseração.

– Eu não sabia que ela tinha te beijado.

– Você não viu? No sábado?

– Não lembro muita coisa de sábado. Mas por que ela não me contou?

É uma pergunta interessante, e a resposta em que consigo pensar é que Rachel não sente nada por mim, então nem acha que vale a pena mencionar o beijo para Lola. Reparo no triângulo de pele à mostra enquanto Rachel se estica para pegar um livro. Quero beijar esse triângulo de pele.

– Ela disse que era só pra deixar Amy com ciúme. Para me ajudar.

– Ah, é. Cai na real! Ela gosta de você, Henry.

Atlas de nuvens

de David Mitchell

Cartas deixadas entre as páginas 6 e 7

10 de fevereiro de 2016

Querida Rachel,

Acho que não te agradei o bastante pelo beijo. Na verdade, foi a coisa mais legal que uma garota já fez por mim.

Tenho procurado livros do Derek Walcott na internet esta semana, para o Frederick. Encomendei alguns, mas tenho o pressentimento de que nenhum dos exemplares vai ser o certo, então vou continuar com a busca. Estou lendo uma coletânea de peças de Tennessee Williams. Terminei Um bonde chamado desejo ontem à noite. É bem sensual. Bem triste. Me fez sentir que o amor é uma coisa que pode se desfazer nas minhas mãos. O desejo, por outro lado, é algo vivo e forte. Mas sei que você não está interessada em nenhuma dessas coisas, estando completamente morta por dentro, como disse.

Na verdade, acho que você está o oposto de morta. Acho que está tentando se sentir assim para não ter que pensar em Cal. É por isso que não contou a ninguém além de mim?

Henry

Querido Henry,

Não acho que eu tenha dito isso. Que estava completamente morta por dentro.

Não sei por que não contei a mais ninguém sobre Cal. Não pode ser para não ter que pensar nele, porque faço isso o tempo todo.

Ultimamente, ando repassando a semana que levou à morte dele. Um pássaro gigante apareceu. Cal e eu estávamos sentados na praia. Tínhamos nos entupido de peixe com batatas e estávamos lambendo o sal nos dedos quando o pássaro pousou na frente dele.

Cal ofereceu sua última batata, mas o pássaro não queria aceitar. Ele olhava diretamente para o meu irmão, com olhos diferentes dos de qualquer outro pássaro que eu já tinha visto.

Eu não gostei do jeito como olhou, ou do jeito que nos seguiu até em casa, como uma forma grande e cinza voando baixo. Não gostei que já estivesse lá quando chegamos.

Minha mãe adora observar pássaros, e foi para fora com seus livros tentar descobrir de que espécie era. Ela estudou suas asas, seus olhos, seu bico e suas garras, mas não conseguimos chegar a nenhuma conclusão. Suas asas brilhavam na escuridão, como uma pérola sob uma luz azul ou verde.

Na noite antes de Cal morrer, eu o vi lá fora com o pássaro. Meu irmão passou um dedo pela extensão de seu peito, mas ele não se moveu.

Então ele foi para a praia, e vi algo em sua sombra no gramado, no modo como voou acima de Cal, como se fosse uma lua. Os azuis e os roxos da noite pareciam inundá-lo. Em retrospectiva, parecia que até a luz estava me dizendo o que viria a seguir. Acho que foi um sinal. Acho que recebemos uma porção de sinais, mas os ignoramos porque não acreditávamos neles.

Fico imaginando se o futuro manda dicas para que nos preparemos e o luto não nos mate quando chegar a hora.

Rachel

Querida Rachel,

Acredito em muitas coisas em que você não acredita. Sabe que sou supersticioso.

Mas não acredito que o futuro nos mande sinais. Acho que olhamos para trás e avaliamos o passado com o presente em vista. Acho que é isso que você está fazendo.

Talvez você precise olhar para a frente e começar a avaliar o futuro.

Henry

Henry

Mando uma mensagem para Rachel depois do jantar para conferir se ela está bem. As cartas que trocamos à tarde pareceram importantes. Eu ligaria, como nos velhos tempos, mas ela me explicou que o depósito não tem paredes e Rose trabalha muito, então, quando está em casa, precisa dormir.

Eu: O que tá fazendo?

Rachel: Terminei de ler o *Atlas de nuvens*. Gostei. Mas acho que não entendi direito.

Eu: Você não é a única.

Rachel: Mas acho que é um romance. E que as histórias estão conectadas. Os personagens têm todos a mesma marca de nascença. Alguém escreveu um comentário no meu exemplar falando de transmigração da alma. Você acredita nisso?

Eu: O que é isso?

Rachel: A passagem da alma para outro corpo depois da morte.

Eu: Não sei se acredito. E você?

Rachel: Não acredito, mas é um conceito bonito.

Eu: Você tem sempre tanta certeza das coisas. Imagino como deve ser, ter tanta certeza.

Rachel: Você tem certeza quanto a Amy. Tem certeza de que vender é a decisão certa.

Eu: Tenho certeza de que é a decisão mais rentável.

Em vez de responder, Rachel me liga. Ela entra no assunto sem nem dar “oi”.

– Isso é importante, Henry. Quero que imagine, de verdade, que a loja fechou. Quero que se imagine indo todas as manhãs para um emprego das nove às cinco. Imagine que Frederick e Frieda não vão estar lá. Nem George, Martin, eu, Michael ou os livros.

– Tá.

– O que está imaginando? – ela pergunta.

– Eu sentado numa mesa, escrevendo.

– E o que está escrevendo?

– Uma carta pra você.

– Nesse trabalho, você não pode escrever uma carta pra mim. Não deixam que escreva no tempo livre. Agora imagina que você tem um salário bom. Amy te espera em casa. Vocês moram num apartamento. Dormem numa cama normal.

Paro de imaginar

– Sei tudo isso, Rachel. Sei que a vida não vai ser tão boa sem a livraria. Mas também sei que ela não vai durar pra sempre. Não posso lutar contra o futuro.

– O futuro ainda não chegou – ela diz, se referindo à minha última carta.

Rachel

Tem sido uma semana estranha. Meus sonhos com Cal foram substituídos por sonhos com Henry. É como se eu tivesse voltado no tempo, para o nono ano, quando pensamentos com ele me assombravam.

Henry tem distraído a mente de Amy falando comigo. Decidi que não é uma ideia de todo ruim, então na terça-feira mando uma mensagem perguntando como Joel está, para distrair minha mente de Henry.

Estou bem, ele responde. Melhor agora que me escreveu.

Me sinto mal por usá-lo, embora não tivesse certeza do que estava fazendo. Tenho saudade dele. Começou esta semana, depois que beijei Henry.

Não faz sentido, mas, quando leio a mensagem de Joel, quase posso sentir o mar nela. Ele estava na praia, olhando para o mar, e pela primeira vez desde que cheguei a esta cidade quero ouvir seu ritmo.

Ligo para minha mãe em seguida, para dizer que esqueci o barulho do mar. Quando ela atende, sei que está na praia. Estou no depósito, com o celular na orelha como se fosse uma concha.

– Está tudo bem? – ela me pergunta depois de um tempo.

– Sim e não – digo. – E com você?

– Sim e não – ela repete.

– E quando vai ficar? – pergunto, mas não recebo resposta.

Minha mãe tira o aparelho do ouvido de novo e ficamos só ouvindo as ondas.

À noite, quando Henry manda uma mensagem, penso em não responder. É perigoso falar com ele, porque só me faz querer falar mais e mais. Desligo o celular e então o ligo de volta. Fico olhando para a mensagem por um tempo e acabo decidindo que seria falta de educação não responder.

Digo que terminei de ler *Atlas de nuvens*. Digo que acho que as histórias estão todas conectadas, mas não tenho certeza absoluta. Fico olhando para a capa, para todas as folhas voando em direção ao céu, e penso na transmigração da alma. Não quero pensar nisso sozinha.

Paro com as mensagens e ligo quando ele parece incerto quanto à Howling, porque sei que vai se arrepender se venderem o lugar. Isso só o irrita. Henry diz que não pode mudar o futuro, e eu penso nele com Amy e em quanto o quero.

– O futuro ainda não chegou – digo, e espero convencê-lo disso. – Henry – eu o chamo antes que desligue. – Eu quero ter uma segunda chance.

– Oi?

– Uma segunda chance. Na noite de domingo, 14 de fevereiro. Quero que seja a última noite do mundo de novo e que a gente a passe junto. Quero que prometa que,

independentemente do que acontecer com Amy, não vai me trocar por ela nesse dia. O fim do mundo vai ser às seis da manhã do dia 15. Quero ver Lola e Hiroko tocando sua última música juntas. Quero ver o sol nascer.

– Combinado – ele diz. – E eu quero te levar pra caçar livros.

– Combinado – digo.

– Posso te pedir mais uma coisa? – diz Henry.

– Dependendo do que for...

– Amanhã é a única noite de sexta-feira do mês que não vamos ao restaurante chinês, por causa do clube do livro. Quero que esteja lá comigo. Talvez seja o último.

– Combinado – repito, e então desligamos.

Grandes esperanças

de Charles Dickens

Cartas deixadas entre as páginas 508 e 509

11 de fevereiro de 2016

Michael,

Sei quão chateado está por perder a livraria. Também estou. Mas ignorar a venda não muda nossa situação. Por mais que nós dois desejemos que a livraria se recupere, isso não vai acontecer. Podemos conversar, por favor?

Alguns investidores têm feito ofertas generosas. (Dá uma olhada na papelada que eu deixei na sua mesa.) Também podemos ir a leilão. Se não quiser conversar, poderia pelo menos me dar permissão para tomar todas as decisões sozinha?

Sophia

Sophia,

Frederick e eu andamos conversando a respeito da venda. Você consideraria nos dar um pouco mais de tempo para que possamos comprar sua parte?

Michael

Querido Michael,

Eu queria poder dizer que sim. Sei que deixaria você feliz. Mas já viu quanto esse prédio vale? Veja a papelada que deixei na sua mesa. Onde vocês conseguiriam tanto dinheiro? Não quero que se endivide, e qualquer dívida ia afetar as crianças. Isso também me magoa, mas, por favor, aceite a realidade, pelo bem de Henry e George.

Sophia

Henry

O clube do livro – para o qual fornecemos os exemplares, o vinho e o queijo – começa às sete horas da segunda sexta-feira de cada mês. Antes de meus pais interromperem os jantares em família no restaurante chinês, essa era a única noite em que não íamos.

Meu pai não vai estar no clube esta noite. Ele nos ajuda a arrumar a comida e a bebida, então entra no carro e vai embora.

– Aonde o papai foi? – pergunta George, ao descer a escada.

– Não tenho ideia – digo.

Rachel ainda não chegou; ela foi levar Martin em casa e se trocar. George e eu servimos o vinho.

– Preciso de ajuda – ela diz quando acabamos.

Eu a sigo até o jardim da leitura. Sentamos, e minha irmã vai direto ao ponto.

– Sei que você acha que devo sair com Martin. E eu sei que você gosta dele.

– Acho que você gosta dele também – digo. – E sei que Martin gosta de você.

– É verdade que a gente conversa bastante. Fui na casa dele ontem à noite. Conheci suas mães, a irmã mais nova e o cachorro.

George fala um pouco mais sobre ele e sobre as coisas que têm feito juntos. Eles foram ver um filme do Tarantino. Foram ver *Aliens* no cinema da Meko Street, que passa filmes antigos.

– Mas tem esse outro garoto. A gente se escreve pela Biblioteca de Cartas. Ou se escrevia... Sei que você vai dizer que ele não está aqui, enquanto Martin está, mas gosto dele há bastante tempo. – George respira fundo. – É o Cal.

– Cal?

– Cal Sweetie. Irmão da Rachel.

George acrescenta isso porque não digo nada e ela deve estar pensando que não juntei as coisas. Mas juntei as coisas no momento em que ela falou o nome dele. Só estou ganhando tempo.

– Faz três anos que ele foi embora – digo. – Como poderia ter deixado as cartas no livro?

– Tim Hooper – ela diz. – Ele entregava as cartas de Cal e levava as minhas.

– E por que não pode ser o próprio Tim?

– É o *Cal* – ela insiste, com firmeza. – Sei que é. Ele está na França com o pai. Quero que peça o endereço dele a Rachel para que eu possa escrever para ele. Quero mandar uma carta. – George pega um envelope selado do bolso. – Se, por alguma razão, Rachel não quiser passar o endereço, ela mesma pode mandar.

Pego o envelope e coloco no bolso.

– Posso perguntar o que diz?

– Diz “eu te amo”.

É uma coisa gigantesca para George. Ela não faz nenhuma brincadeira, não diz que somos péssimos no amor. Está se arriscando pela primeira vez na vida, e o pior de tudo é que ela e Cal teriam sido perfeitos um para o outro. Levo a mão à carta. Eu tento não chorar.

Seria justo dizer que estou um pouco transtornado ao voltar do jardim de leitura para a loja. Meu pai saiu. Faz uma semana que não vejo minha mãe. George está apaixonada por um garoto morto. Eu não consigo parar de pensar em beijar minha melhor amiga. Além de tudo, o fim do mundo está chegando. Fico tentado a tomar um pouco de vinho, mas já sei aonde isso vai levar.

Rachel entra e fica ao meu lado, perto da mesa com o queijo e o vinho.

– O que foi?

– Nada. Tudo está superbem. Na verdade, acho que vou ligar para minha mãe pra falar da venda.

– Vocês não deveriam vender a loja – ela diz.

– Você sempre chamou de loja, desde que éramos pequenos. É um *sebo*. Não é como se vendesse qualquer coisa. Talvez seja, em muitos sentidos, mas esta livraria é especial. Livros são especiais, Rachel. Livros são importantes. Palavras são importantes – digo. – Elas fazem diferença, na verdade. Não são sem sentido, como você sugeriu. Se fossem, não poderiam começar revoluções, não mudariam a história. Se fossem apenas palavras, não comporíamos ou ouviríamos músicas. Não imploraríamos para que alguém lesse pra gente quando somos pequenos. Se fossem só palavras, então as histórias não estariam por aí desde antes da escrita. Nem teríamos aprendido a escrever. Se fossem só palavras, as pessoas não iam se apaixonar, se sentir mal, sofrer e deixar de sofrer por conta delas. Se fossem só palavras, Frederick não procuraria desesperadamente pelo Derek Walcott dele.

Paro para respirar. Rachel me entrega um copo de água.

– Concordo – ela diz enquanto bebo. – E, se você realmente se sente assim, deveria ligar para sua mãe e impedir a venda.

Vou até a frente da livraria, me sentindo completamente desnorteado agora. Palavras importam e começam revoluções, mas não posso me alimentar de uma revolução. Não dá para pagar o aluguel com uma revolução. Fico andando de um lado para o outro da rua pensando nisso, quando viro e vejo Amy à minha frente, como se tivesse se materializado do nada.

Ela me encara por um tempo, e eu a encaro de volta. Finalmente, Amy acaba dizendo:

– Sinto muito por Greg e pelo vídeo no YouTube.

– Você demorou um tempo pra dizer isso.

– Queria vir antes, mas Greg e eu estávamos terminando.

No minuto em que ela diz isso, esqueço o motivo pelo qual estou aqui fora. Ela olha

para a vitrine e depois de novo para mim. Então faz um sinal para que eu a siga. Fico onde estou por uns cinco segundos e então começo a andar, como se fosse vítima de algum tipo de feitiço.

– Não posso mais fazer isso, Amy. Você não pode ir e voltar e ir e voltar.

– Eu não vou mais embora – ela diz. – Tenho certeza desta vez.

As pessoas vão chegando para o clube do livro. Elas me cumprimentam quando passam, e eu respondo, tentando parecer normal quando estou tudo menos isso. Depois que um grupo entra, Amy e eu ficamos sozinhos na rua de novo. O clube do livro vai começar, e eu deveria entrar, mas não quero.

Amy se aproxima.

– Você ainda tem a passagem? – ela pergunta, e vejo nós dois no avião.

Eu nos vejo nas galerias de arte, nos shows e nas livrarias de Nova York. Não hesito. Eu a beijo com a confiança que Rachel me deu, lembrando suas palavras. Sou ótimo nisso. Beijo melhor que Greg, o Idiota.

O beijo dura certo tempo. Então vêm as risadas, a conversa, mais beijos e mais conversa. O tempo passa e eu nem percebo. Amy voltou. Ela é minha de novo.

Entro na loja ligeiramente tonto. Rachel está concentrada demais no clube pra perguntar se liguei para minha mãe, o que é bom. Não posso dizer a ela que não liguei, porque teria que contar o motivo. Não quero ter que admitir que, em menos de uma hora, Amy me fez mudar de ideia e agora eu quero vender a livraria. Vai haver um momento certo para contar isso a Rachel, mas não é agora.

Eu me forço a me concentrar no clube do livro. Josie, que o frequenta há cerca de oito anos, está com um exemplar de *Quando tudo volta* na mão, e eu me dou conta de que vai falar sobre a morte do filho. Quero avisar Rachel, mas ela leva o dedo aos lábios para que eu faça silêncio. Quando não obedeço, ela cobre minha boca. Tampe seus ouvidos sem nem pensar.

– O que está fazendo? – ela sussurra.

– É sobre a morte – sussurro de volta.

– Tudo bem, Henry – ela diz, e tira minhas mãos dos seus ouvidos. Aproveito para tirar as dela da minha boca. Ficamos perto, olho no olho, nariz com nariz, de mãos dadas. – Quero ouvir – ela diz, e vira para o grupo sem soltar minha mão.

Depois de Josie, todo mundo começa a falar da própria vida, às vezes fazendo relação com o livro, às vezes não. Todo mundo fala sobre morte.

– Estou bem – garante Rachel enquanto a encaro, à procura de sinais de que não esteja.

Quando volto a olhar, Frederick está de pé, daquele seu jeito todo formal.

– Minha mulher, Elena, morreu há vinte anos – ele diz, e todo mundo fica quieto.

Ele fala para o grupo da noite em que ela morreu, quando ele ficou sentado ao seu lado lendo em voz alta o livro favorito dela.

Rachel olha para mim.

– O Walcott – dizemos juntos.

Rachel

Sentimentos estranhos se misturam em mim esta noite. Estou acesa, de mãos dadas com Henry e com a lembrança do nosso beijo. Estou quente, corada por seu olhar; e calma, porque tenho quase certeza de que ele é meu e de que sou dele. Henry entrou, pegou minha mão e a segurou de um jeito que eu soube. Parece impossível, e ao mesmo tempo parece que eu sempre soube que isso aconteceria.

Tenho todas as sensações boas em mim, mas também dor e tristeza, porque Josie está falando do filho.

– Ele tinha sete anos – ela diz. – Estava andando de bicicleta. Eu estava lá para dar meu apoio. Então um carro virou a esquina e subiu na calçada. Pegou bem nele – ela diz, parecendo chocada, como se os anos não tivessem entorpecido aquele momento.

Ela olha para um ponto fixo à sua frente, e eu sei que, naquele ponto, está seu filho. Talvez agora esteja deitado na calçada, como ela o viu naquele dia. Mas tenho certeza de que em outros momentos ele está sorrindo para a mãe daquele mesmo ponto.

Percebo que estou chorando, mas nem ligo.

Frieda fala do irmão, que morreu em um acidente de avião. Uma mulher chamada Marwa fala do primo que teve câncer. Quase todo mundo no grupo perdeu alguém.

Frederick é o último a falar. Pouco antes que o clube acabe, ele diz:

– Minha mulher, Elena, morreu há vinte anos. Eu ainda sinto sua falta.

Ele fala ao grupo de um livro que Elena leu para ele na noite de seu casamento, e de como ele leu o mesmo livro para ela no hospital, na noite em que morreu.

– O Walcott – Henry e eu dizemos juntos.

O clube do livro termina pouco depois da fala de Frederick, mas todo mundo fica ali por um tempo, conversando informalmente e comendo queijo. Gostei do clube. É mais do que um bate-papo sobre um livro. É um bate-papo sobre pessoas. Queria que minha mãe estivesse aqui para ouvir.

Ajudo Henry a limpar e guardar as cadeiras, esperando até que Frederick esteja sozinho. Quando tenho uma chance, vou até ele e digo que meu irmão, Cal, morreu. Queria ter falado para o grupo todo, mas me segurei. É para Frederick que quero contar, porque o conheço há muito tempo.

– Sinto muito mesmo – ele diz.

– Não consigo mais nadar. Nem entrar no mar.

Enquanto digo, me pergunto se é verdade. Não sei se estou falando no presente quando deveria estar falando no passado. Me pergunto como ia me sentir agora, se estivesse lá, olhando para a água. Parece que os dois tempos são verdadeiros – o passado e o presente. Amo e odeio o mar. Quero estar perto e longe dele.

Não consigo parar de pensar no Walcott, em Frederick e em todas as pessoas do clube. Me sinto estranhamente calma e fortalecida por causa das lágrimas. Henry está mais

determinado do que nunca a encontrar o Walcott depois de ouvir a razão pela qual Frederick o quer. Eu também estou.

– Podemos procurar na caça do dia 14 – digo.

– Não vamos achar assim – diz Henry, e sentamos à frente do laptop, procurando vendedores.

Só há um exemplar, além de uma edição supercara, que sabemos que não é a certa. Estamos procurando por um livro comum, que é tudo menos comum.

Henry manda um e-mail para o vendedor e, enquanto nós dois esperamos pela resposta, montamos a cama de cobertores e deitamos juntos.

– Por que Frederick não ficou com o livro? – questiona Henry.

– As coisas se perdem – digo. – E, às vezes, nem conseguimos olhar para elas.

Ficamos em silêncio por um tempo, então ouvimos o alerta de um e-mail chegando. Henry vai ver. É o vendedor, dizendo que podemos ir ver o livro na tarde do dia 14.

– Fica no litoral – diz Henry, depois de conferir o endereço e me lançar um olhar preocupado.

– Tudo bem – digo, e acho que talvez esteja mesmo. – Tenho que rever o mar em algum momento.

E pelo menos não vou estar sozinha.

Henry assente e pergunta se pode ler em voz alta um conto que seu pai lhe sugeriu.

Ele pega o livro da mochila e volta a se deitar ao meu lado. Segura acima das nossas cabeças e começa. Penso que as palavras poderiam chover sobre nós. Formo a estranha imagem de nós dois as bebendo. Henry me mudou. Mudou o modo como choro por Cal. O modo como vejo o mundo.

O conto é “A memória de Shakespeare” e fala sobre um estudioso alemão do bardo a quem foi oferecida a memória dele, da infância a 1616. *Foi como se houvessem me oferecido o oceano*, o narrador diz.

Mas ele não entende que a memória é algo abstrato e caótico. Ela não é direta. É um conjunto de sons, imagens e sentimentos vindo à tona. Ele não se dá conta de que, recebendo a memória de outra pessoa, vai perder partes de si mesmo.

Quando termina de ler, Henry fecha os olhos e fica em silêncio.

– O que foi? – pergunto.

– Nada – ele diz, e, porque é Henry, sei que é alguma coisa, mas não insisto.

Ele diz que precisa dormir, mas percebo que está encarando o teto. De vez em quando ele vira o rosto para dar uma olhada na livraria.

. . .

Quando Henry finalmente pega no sono, eu vou embora. Pego a caixa do porta-malas primeiro e a coloco no assento ao meu lado antes de sair com o carro. Se eu sou minha

memória, então Cal é a dele também, e não posso jogar a caixa no lixo. Não vou conseguir abri-la esta noite, mas gosto de tê-la ao meu lado.

Mantenho os olhos à frente, com a estranha sensação de que, se voltá-los para o lado, Cal de fato estaria aqui. Digo a ele que estava certo e que perdoei Henry. Conto sobre mamãe e como a morte dele nos mudou para sempre. É como penso que deve ser. Uma morte deveria nos mudar para sempre. Duas mortes não podem ser iguais.

Então percebo que estou na frente da casa de Lola. Mando uma mensagem, porque é tarde, mas ela responde dizendo que está na garagem. Atravesso o jardim em silêncio na direção da porta. Lola está no sofá, sentada sobre as próprias pernas.

– Gravaram a última música? – pergunto.

– O plano era fazer isso no show do Dia dos Namorados.

– Parece apropriado.

– Só que Hiroko não me perdoou. Em defesa dela, não pedi desculpas. – Lola abre um sorriso triste. – Toda vez que começo a escrever uma mensagem, acho que ela talvez esteja considerando ficar. Parece que, se eu mantiver a boca fechada, talvez consiga o que eu quero. – Ela brinca com o celular nas mãos. – Mas sei que ela não pode ficar. – Apoio a cabeça em seu ombro. – Não te conheço tão bem quanto Henry conhece – ela diz. – Mas sei que tem algo errado. Você não me conta o que aconteceu com Joel. Não apareceu na piscina desde que chegou. Não sou burra. Eu notei. Só estou esperando.

Olho para os pôsteres de Lola, com todos os músicos e bandas que ela ama – Waifs, Warpaint, Karen O, Magic Dirt. Lembro as tardes em que Henry e eu ficávamos sentados nesse mesmo sofá, enquanto ela tocava suas músicas para nós.

Lola me cutuca com o dedão do pé, num lembrete gentil de que está aqui. Então conto sobre Cal. Ainda dói, mas muito menos do que quando contei a Henry. Talvez doa ainda menos quando eu contar para mais alguém.

– Eu estava tentando pensar na pior coisa do mundo – diz Lola. – O que poderia ter acontecido de tão grave com você? Hiroko e eu ficamos tentando adivinhar, para poder te ajudar. Mas nem pensamos nisso – ela diz, então se aproxima de mim e me envolve com seus braços.

Pegamos no sono assim.

The Broken Shore

de Peter Temple

Cartas deixadas entre as páginas 8 e 9

14 de fevereiro de 2016

Querida George,

Eu estava falando com Henry hoje e ele me disse que é o fim do mundo. Ficou sabendo? Sei o quanto ama Ray Bradbury, então estava pensando se você não queria passar sua última noite comigo. Ignore o fato de que é Dia dos Namorados. Seremos apenas dois amigos fazendo companhia um ao outro enquanto esperam o fim do mundo chegar. O que acha?

Martin

Querido, Martin,

Eu adoraria.

George

Henry

O último dia do mundo amanhece claro e ensolarado, mas uma sensação ruim me acompanha até o chuveiro, e nem o vapor do banho nem o sabonete me livram dela. Fiquei esperando que Amy aparecesse na livraria ontem, mas fiquei aliviado quando ela me mandou uma mensagem dizendo que não nos veríamos até o Dia dos Namorados, quando ela esperava me encontrar na Laundry.

Na verdade, respondi, prometi a Rachel que íamos repetir a última noite do mundo. Então te vejo no dia seguinte.

Você contou a ela?, perguntou Amy.

O quê?

Sobre a gente!

Ainda não deu, estou muito ocupado, mas vou contar.

Olhei para Rachel do outro lado da livraria, trabalhando na Biblioteca de Cartas. Pensei em George e em como Cal perdeu sua oportunidade com ela. Pensei em como Rachel quer que a gente tenha uma última noite, e decidi que vou contar sobre mim e Amy depois que o mundo acabar.

Saio do chuveiro, me seco e me troco.

George bate e entra enquanto ainda estou me arrumando.

– Feliz Dia dos Namorados – ela diz, pegando a escova de dente.

– O que aconteceu com seu pessimismo de sempre? – pergunto.

– Tenho um amigo na escola pela primeira vez em seis anos. Não me importo mais com o que Stacy pensa. Tenho alguém com quem passar a última noite do mundo. Quase tenho um namorado. Você entregou minha carta a Rachel?

– Entreguei. – Só que não. – Merda.

– Merda?

– Eu não queria ter dito isso em voz alta. Vai ficar tudo bem.

– Vai mesmo. Você disse a mamãe para não vender a livraria – ela diz, então me dá um beijo, deixando uma marca de pasta na minha bochecha. – Frieda me disse. Rachel contou a ela ontem à noite. Ela falou que você saiu no meio do clube do livro para ligar pra mamãe e impedir a venda.

Antes que eu possa me explicar, ouço uma batida na porta do banheiro. É Martin.

– Desculpa. O pai de vocês me pediu pra chamar George. Ele tem que sair e precisa que você tome conta do caixa.

– Vou em um minuto – diz George, então vira para mim. – Qual é o problema, Hen?

Ela não me chama de Hen desde que éramos crianças.

– Você não quer vender a livraria? Não se importa com dinheiro?

– É a última coisa em que eu penso – diz George.

Posso mudar meu voto e consertar as coisas quando se trata da livraria, mas não posso poupá-la do sofrimento que virá quando descobrir a verdade sobre Cal. Quero contar a ela agora, para diminuir o sofrimento, mas sei que é algo que precisa vir de Rachel.

– Nada – digo. – Que bom que está feliz.

George sai do banheiro. Sento na beira da banheira e ligo para minha mãe. Cai na caixa postal, então deixo uma mensagem bem clara.

– Não vende. Vou repetir: não vende.

Rachel já está ali quando paro a van em frente ao depósito. Usa um vestido preto, e eu me pergunto se está com um biquíni por baixo. É corajoso da parte dela ir comigo até a praia, e seria ainda mais corajoso nadar. Mas Rachel é corajosa. *Por favor, não desaparece*, penso enquanto ela abre a porta da van e entra.

Quando saio com o carro, está tocando Lucksmiths no rádio. Preciso contar a Rachel que Cal é a paixão secreta da George, mas decido que não vai ser agora. Decido que vamos aproveitar o dia. Rachel parece feliz. E eu fico feliz com ela.

– Tudo bem ir até lá? – pergunto.

– Para de se preocupar, Henry. Não tem problema. Ou tem, mas mesmo assim vai ficar tudo bem.

Olho para ela por um segundo. É um híbrido agora. A antiga Rachel, a nova Rachel e possivelmente algumas outras Rachel do futuro estão todas reunidas sob sua pele.

Ela abre a janela e o dia entra – luz do sol e poeira. Aumento a música para que preencha o carro.

– Obrigada – ela diz. – Não estou infeliz.

– Fico contente por ter inspirado tal emoção.

Chegamos aos limites da cidade. O concreto vai diminuindo, as árvores surgem e o céu aumenta, assumindo um tom azul-claro. A estrada vibra suavemente pela janela, embalando o sono de Rachel.

Quando ela acorda, estamos em uma cidadezinha. Rachel olha em volta e sorri, sentindo a brisa leve do mar. Ela envolve o corpo com os braços e me segue até o sebo.

A parede dos fundos está repleta de livros. Vou até eles e começo a procurar. Agora que estamos aqui, não consigo evitar pensar que tudo o que fiz foi levá-la até algo que agora odeia e mostrar pilhas de livros, coisa que ela já vê todo dia no trabalho.

Mas, quando vejo, ela está se agachando para olhar os livros de não ficção. Pega alguns e confere o título. Depois de um tempo levanta e vai até a seção de ficção, que é onde estou. Seleciono alguns livros, mostrando a ela alguns de que gosto. Rachel lê a quarta capa de cada um deles. Ela os folheia, procurando por anotações nas margens.

– A Biblioteca de Cartas mudou você – digo.

– Acho que sim – ela concorda. – Adoro isso. Fico feliz que tenha decidido contra a venda. Aquele lugar é você, Henry.

Ela diz “você” de um jeito que Amy nunca disse. Diz meu nome de um jeito que Amy nunca diz. Do mesmo jeito que ela diz “amor”, percebo. Noto uma alça azul de biquíni aparecendo perto da gola do vestido, e a toco sem pensar.

– Quem sabe? – ela diz. – É o fim do mundo, afinal de contas. Quer nadar comigo?

– Não trouxe calção – digo.

– Já te vi de cueca.

– Você já me viu pelado.

Ela olha nos meus olhos, diretamente, e eu sinto como se perdesse o chão.

– Seus olhos são bem grandes – digo.

– Para poder piscar pra você – ela diz.

Estamos bem próximos, e a conversa é cheia de tensão. Queria não ter beijado Amy, porque então talvez perguntasse a Rachel se podia beijá-la agora. Sei que ela disse que o outro beijo foi para deixar Amy com ciúme, mas não acredito mais nisso. Não sei nem por que acreditei na hora. Conheço Rachel. Por mais que tenha mudado, ainda a conheço. E, se não quisesse me beijar, ela nunca teria beijado.

– Quê? – ela pergunta.

– Que o quê?

– Você está sorrindo.

– Acabei de perceber uma coisa.

– Que coisa? – ela pergunta. Antes que eu possa responder “você”, ou “a gente”, ou “eu”, Rachel aponta. – Você está com um Walcott nas mãos.

Eu nem tinha me dado conta disso.

Não tem nenhuma anotação no livro. Nada de dedicatória. Mas tenho o pressentimento de que é ele. E Rachel também. Decidimos arriscar. E saímos do revendedor para almoçar. Fazemos o pedido e ficamos encarando o Walcott no meio da mesa.

– Acho que é um sinal – digo.

– Eu também – diz Rachel, mas nenhum de nós menciona do que seria.

Continuamos sorrindo um para o outro e para o livro, e eu continuo pensando que quero mesmo beijar Rachel, e de verdade.

– Acho que devíamos fazer perguntas que sempre quisemos fazer um ao outro – digo, quando já estamos comendo.

– Sobre? – ela pergunta.

– Nós mesmos.

– Sei tudo a seu respeito – ela diz.

– Impossível. Sempre há mais coisas para saber. Vou provar. Vou fazer algumas perguntas sobre mim pra você responder, então vamos ver se acerta ou não.

– Vamos chamar esse jogo de “narcisismo”?

– Vamos chamar de “Henry”. Primeira pergunta: quem foi a primeira menina que eu beijei?

– Amy – ela diz.

– Não.

– Então quem?

– Você. Te dei um beijo no quarto ano.

– Sério?

– Numa brincadeira. Não lembra?

– Nem um pouco – ela responde. – Mas o trauma faz isso com uma pessoa.

– Segunda pergunta: qual é minha cor favorita?

– Vermelho. A cor do cabelo da Amy.

– Não. Era vermelho, agora é azul – eu digo, olhando bem nos olhos dela.

Procuro por um sinal de que haja mais do que amizade entre nós, e acho que talvez o tenha encontrado em seu rosto.

– Outra pergunta – ela diz.

– Não – digo. – Agora vamos jogar “Rachel”.

Ela olha pela janela, na direção do mar, e diz que o lugar ideal para jogar “Rachel” é na praia.

Rachel

Fico dizendo a mim mesma que há outra maneira de interpretar o jogo de Henry, outra maneira de interpretar o jeito como me olhou na livraria antes do almoço. Fico repetindo para mim mesma que ele beijou Amy e é ela quem ele ama. Mas meus olhos são azuis. Henry diz que eu fui a primeira menina que ele beijou. Ele está aqui, e tem algo rolando na última noite do mundo. Amy está a quilômetros de distância.

– Agora vamos jogar “Rachel” – diz Henry.

Antes de ter tempo de pensar, eu digo que o lugar ideal para jogar “Rachel” é na praia.

Estamos na península, a menos de duas horas da cidade, na direção oposta a Sea Ridge. O mar vai ter outra cara e outro cheiro. Vai ter outro nome. Mas vai ser igualmente imprevisível.

– Tem certeza de que quer ir? – pergunta Henry, e eu tenho e não tenho.

Ando pensando a respeito disso desde que o revendedor respondeu ao nosso e-mail e eu soube que íamos para o litoral. Peguei o biquíni de Rose emprestado hoje de manhã. Não me cai tão bem, mas, quando olhei no espelho, parecia a coisa certa a fazer. Fiquei assustada e animada ao mesmo tempo. Coloquei o vestido por cima e disse a mim mesma que não precisava nadar se não quisesse. Mas pelo menos estaria preparada.

Faz tempo demais que estou longe do mar, penso enquanto caminhamos em sua direção. Pensei sobre isso no sebo, enquanto observava Henry passando a mão pela lombada dos livros, se inclinando para aqueles de que mais gostava. Pensei nele vivendo sem a livraria, então pensei em mim, vivendo sem o mar. Um mundo seco e sem livros. É ermo demais para imaginar.

Ouçó a água conforme nos aproximamos, seu silêncio, nos circulando e se recolhendo. Quando a vejo, estou pronta. O mar é amplo e dolorosamente calmo. Nada como as ondas que se jogam umas sobre as outras sem parar de volta para casa.

Sentamos na areia e ficamos olhando para a água por um longo tempo. É a água dos meus sonhos e pesadelos. Às vezes é aquilo que levou Cal embora, arrastado pela correnteza, e às vezes é aquilo que o traz de volta, pálido como a baleia-bicuda. Às vezes, se estou com sorte, ele está vivo, e a água o traz de volta à areia aos risos.

Falo para Henry das três camadas do oceano: a da luz do sol, a do crepúsculo e a da meia-noite, cada uma nomeada pela quantidade de iluminação que recebe. Na zona da meia-noite, as criaturas precisam emitir luz. Antes de Cal morrer, essa era minha zona favorita. A ideia da ausência de luz do sol me fascinava.

– Eu queria mergulhar até essa profundidade, lembra? – pergunto, e ele diz que ficava impressionado com minha coragem.

Mas não tinha nada a ver com coragem. Eu nem imaginava que coisas horríveis podiam acontecer. A mim ou às pessoas que eu amava. Só supunha que elas estariam sempre a salvo. O mar agora sempre vai me lembrar de que não estão.

Penso nas coisas que eu queria ver – orcas, peixes-borboleta, lulas-vampiras-do-inferno.

Eu devorava livros. O peixe-dragão negro, que era todo metal e folho, dentes e olhos. E criaturas bonitas também, em cores que nunca tinha encontrado na superfície, elétricas e pálidas, brilhando como a neve fresca na escuridão. Queria ver todas com meus próprios olhos.

– Me assusta, mas quero isso de novo – digo a Henry.

– Não precisa se sentir culpada por isso – ele diz, e eu fico pensando se era o que eu estava esperando ouvir. Que posso amar essas coisas de novo. – Quer nadar? – ele pergunta.

Mas ainda não estou pronta.

Ficamos sentados por mais uma hora. Olho para o mar e para Henry. Ele faz um castelo de areia, com concha nas ameias. Antes de irmos, Henry vai até a beira da água lavar as mãos. Acho que o faz deliberadamente, para que possa espirrar um pouco em mim na volta e eu possa sentir a água na pele.

Há um leve brilho rosado no céu quando Henry para diante do depósito, para que eu possa me arrumar para hoje à noite. Eu me lembro de algo que Gus me disse em uma sessão: “Vai chegar. A sensação de que você está bem. Se fizer todas as coisas de que falamos, vai chegar”. Ele disse isso como se fosse uma coisa física, como um pacote que pudesse vir pelo correio.

– Rachel – diz Henry agora. Seu rosto e o jogo de antes me dão esperança. – É... eu... – Ele para. Eu o incentivo a continuar, mas Henry desiste. – Não é nada. Te vejo na livraria às sete.

Ao sair da van, vejo meu reflexo de relance na janela. Não sou a mesma pessoa dos últimos dez meses. Sou outra versão de mim mesma. Ainda não a reconheço. Se tivesse que descrevê-la, diria que parece esperançosa.

Quando chego à livraria, o céu está nublado.

– Vai chover mais tarde – digo a Henry ao entrar.

– Vamos torcer pelo contrário – ele diz, com um sorriso nervoso.

Retribuo seu sorriso nervoso.

Vamos até o restaurante chinês, onde vamos encontrar seus pais e Lola. George e Martin seguem à nossa frente. Toda vez que se afastam o bastante para que não consigam nos ouvir, Henry começa a dizer alguma coisa, então muda de ideia. Sei que ele vai viajar com Amy. Estou ciente disso. Mas parte de mim quer desesperadamente acreditar que ele mudou de ideia e que ele me quer, e não consigo fazê-la se calar.

Mai Li nos entrega os cardápios assim que entramos no restaurante e avisa Henry que seus pais estão brigando de novo.

– Não sei o motivo, mas parece feio. Sua mãe está chorando.

Subimos a escada e comprovamos o que Mai Li disse. Os olhos de Sophia estão vermelhos e há uma pequena mancha de rímel em um deles. Pego a mão de Henry, porque sei como é ver sua mãe assim.

Sentamos, e Lola chega logo em seguida. Há um silêncio constrangido, porque é claro que nossa chegada interrompeu uma briga, mas Michael e Sophia tentam agir como se não houvesse nada de errado.

– O que está acontecendo? – pergunta Henry.

– Nada – diz Sophia. – Podemos falar depois.

– Sua mãe vendeu a livraria – diz Michael.

– Foi uma decisão conjunta – ela diz. – Votamos neste mesmo lugar. Então você me ligou e disse para procurar compradores.

– Para o *sebo*. – Pelo jeito como Michael diz a última palavra, sei que minha mãe está certa: eles vão derrubar o imóvel para construir apartamentos. Ele confirma isso. – Uns investidores compraram e vão demolir tudo, mas não se preocupem: vamos ganhar uma fortuna. Estamos ricos – ele diz, e em seguida parece envergonhado de seu tom mordaz. – Desculpa. – Michael se dirige a mim e a Lola. – É muita falta de educação da nossa parte. Podemos discutir isso depois.

– Volta atrás – George diz para Sophia. – Diz que o negócio está cancelado.

– Ela não pode fazer isso – acrescenta Michael, agora com a voz baixa, sob controle. – Já está feito. Acabou.

– Não pode ser. É a nossa casa – insiste George.

– Você devia ter dado sua opinião antes – Sophia diz para ela, com delicadeza.

– Estou dando agora – rebate George. – E talvez tivesse dado antes se não tivessem feito eu me sentir como se estivesse no meio de alguma coisa. E Henry mudou o voto.

– Seu irmão mudou o voto dele hoje de manhã. Já era tarde demais – diz Sophia.

Ele não diz nada. Parece chocado e envergonhado. Seguro sua mão de novo.

– O que vocês andam lendo? – pergunta Sophia, mas ninguém responde para ela.

– Li *Atlas de nuvens* – acabo dizendo. – Henry também.

– Eu também li – diz George, meio sem vontade. – É um livro bom pra caralho.

– Concordo – diz Sophia. – Vale o palavrão. É um bom livro. Lembro que todos os personagens têm a mesma marca de nascença. Açam que são a mesma pessoa?

– Não – diz Henry, ainda olhando para o prato. – Eles têm a mesma alma.

– É sobre transmigração da alma – digo. – Ou pelo menos é o que eu acho. Trabalha com a possibilidade de que a alma passe para outro corpo depois da morte.

– Alguém acredita nisso? – pergunta Martin. – Que a alma pode transmigrar?

– Eu acredito – diz George.

– Eu não – digo. – E não acredito em reencarnação.

– No que você acredita? – pergunta Sophia.

Apesar de toda a reflexão, não mudei minha opinião. Mas o que eu *quero* achar mudou.

Amo a ideia de que a alma de Cal tenha encontrado um jeito de transmigrar. O instante na praia em que me dei conta de que ele fora embora teria sido muito mais fácil se eu soubesse que o interior de Cal, aquilo que o fazia ser Cal, havia viajado para outro lugar, desaparecendo, mas não se extinguindo, se transformando em outra coisa – até mesmo nuvens seriam melhor do que cinzas.

– “Transmigrar” vem do latim *transmigrare* – Michael finalmente fala. – Significa passar de um lugar para outro. Então não é necessariamente o movimento da alma. *Trans* pode querer dizer “através” ou “além”.

– Ou “do outro lado de” – diz Henry.

Todo mundo se atém às suas leituras, já que é um assunto seguro. Lola diz que leu *Cinquenta tons de cinza*, e Henry cobre os ouvidos. George diz que quer ler também, e Michael cobre os ouvidos. Martin diz que leu o Peter Temple que George sugeriu, e a conversa passa à literatura policial. Há uma pequena trégua, mas só ouço parte da conversa.

Fico pensando na transmigração da memória. Não a transmigração que acontece no conto de Borges, mas naquela que ocorre o tempo todo, em como mantemos as pessoas vivas da única maneira que podemos – segurando os mortos aqui com suas histórias, suas marcas nas páginas. É uma ideia linda e inteiramente possível, eu concluo.

Henry

Não consigo acreditar que desisti da Howling Books porque achei que eu devia ser como Greg Smith. Olho para o futuro, mais adiante na estrada, e me vejo passando por um prédio alto e horrível, dizendo para meus filhos que ali, bem ali, ficava o mais lindo prédio já construído, o prédio em que eu cresci.

– E para onde foi? – eles perguntariam, e eu teria que dizer que joguei tudo para o alto por causa de uma garota que não me amava, para competir com um cara que eu sabia o tempo todo que era um idiota completo.

Em resumo, crianças, o papai fodeu com tudo.

Não consigo olhar para meu próprio pai esta noite. Estou morrendo de vergonha. Morrendo de tristeza. Estudo a toalha na mesa, cada centímetro da estampa. Me concentro nos círculos. Eu os traço com os olhos, chegando ao fim de um e o seguindo até o começo de outro. É a mesma toalha que sempre esteve aqui. Que está em todas as mesas. Eu nunca tinha notado todos os círculos.

Rachel segura minha mão, o que é a única coisa boa neste jantar. Eu poderia enfrentar bastante coisa na vida com ela segurando minha mão. Rachel é minha melhor amiga, quer eu tenha dinheiro ou não. É minha melhor amiga, apesar de já ter me visto babar nos travesseiros. Ela me arrastou para fora do banheiro feminino; quer passar a última noite do mundo comigo.

Olho para o quadro geral. Quero ficar com Rachel, mas não é uma questão de escolher entre ela e Amy. Não tenho certeza de que posso ficar com ela, para começar. Mas, mesmo que pudesse, a escolha é quanto ao tipo de pessoa com quem quero estar. Escolho ficar com a pessoa que age como minha melhor amiga. Talvez não tenha a sorte de essa pessoa ser Rachel, mas definitivamente não é Amy, a garota que vai e vem. A garota que, se eu for honesto, sempre foi meio que apaixonadinha por outro cara, mesmo estando comigo.

A conversa passa de transmigração a *Cinquenta tons de cinza*. Vou para o banheiro preparar o discurso que quero fazer, as palavras que quero dizer para manter minha família unida estando prestes a perder a livraria. Quando volto, preparado para falar, todo mundo já está indo embora.

– Vou pra casa – George diz a mamãe, e sai com Martin.

Meu pai segue na direção oposta. Não sei para onde vai, e ele mesmo parece incerto. Minha mãe oferece uma carona até o último show de Lola, mas eu recuso. Dou um beijo nela e digo que ligo depois.

Rachel e Lola seguram minha mão no caminho para a Laundry. Não há nada que possam dizer para melhorar as coisas.

– Como eu podia não saber como seria horrível perder a livraria? Tenho uma imaginação tão fértil.

Há uma multidão na frente da Laundry. O pessoal da escola fez fila para assistir ao último show das Hollows.

- Vão se decepcionar – diz Lola –, considerando que sou só eu.
- Você não pediu desculpa? – pergunto, sem conseguir acreditar.
- Não diretamente.

Olho para Rachel, que olha para mim. Sei que fui escolhido como nosso representante para falar.

- Olha, Lola, acho que é hora de jogar a real. Você e Hiroko são melhores amigas.
- Mais do que isso: vocês compõem juntas – diz Rachel.
- E às vezes você coloca a música acima de qualquer outra coisa – continuo.
- Você está obcecada com as Hollows – diz Rachel.
- E Hiroko é muito mais importante que a fama – concluo.
- Uau – diz Lola. – É um ótimo conselho da parte de duas pessoas que quase foderam completamente com a própria amizade mais de uma vez.

Ela pega o celular, mas fica parada por um segundo antes de ligar.

– Hiroko? – diz Lola, avisando em seguida que caiu na caixa. – Preciso que você venha hoje à noite. Não por causa da gravação. Não ligo pra isso. Quero que a gente toque uma última música juntas. Nem precisamos fazer um show inteiro, só uma última música. – Ela fica em silêncio, então diz: – E não acho que você não é nada sem mim. É o oposto. Preciso de você. – Ela desliga e respira fundo. – Espero que ela confira a caixa de mensagens.

Assim que Lola vai embora, volto a pensar na livraria.

- Vai ficar tudo bem – Rachel insiste em dizer.
- Como? Como vai ficar bem? É o fim do mundo. É o fim do mundo de verdade.
- Não é.
- Você tem razão. O fim do mundo seria melhor do que isso.
- *Henry* – ela diz, do nada. – Te amo.

É uma luzinha na escuridão. Brilhante, inacreditavelmente brilhante. A vida ainda é uma merda, mas ao mesmo tempo ela é maravilhosa.

Sinceridade e coragem são contagiosas, então eu pego as mãos dela. Estou tremendo um pouco, o que é de se esperar, já que estou prestes a dizer que também a amo.

- Rachel – digo.
- Henry – ela diz.

Então Amy aparece atrás de nós, me separa de Rachel e diz:

- Obrigada por manter as mãos dele quentes. Voltamos na sexta à noite. Não sabia?

Ela sorri, puxa meu rosto e me beija.

Sei, com toda a certeza, que mesmo quando eu for mais velho e estiver perdendo a

memória ainda vou me lembrar do calor das mãos de Rachel se afastando de mim.

Pisco, e o rosto dela mudou. Seu sorriso endureceu. É falso, mas só eu tenho que saber disso.

– Legal – ela diz pra Amy. – Isso é ótimo. – Ela aponta para a fila andando. – Vão lá ver a Lola.

– Não quero ir. Te prometi o apocalipse, e é isso que você vai ter.

– Tudo bem – ela diz. – Passamos um ótimo dia juntos. Agora você devia ficar com Amy, especialmente depois de perder o sebo.

Não quero ficar com Amy.

– Espera, por favor – digo a Rachel. Viro para pedir a Amy para me dar um minuto e um pouco de privacidade. Então pergunto baixo para Rachel: – Você me ama?

Ela me encara, com os olhos sérios.

– Você sempre foi meu melhor amigo. Amo cada coisinha em você. Não ia querer viver sem você. Mas não te amo do jeito que está perguntando. O que eu quis dizer é que te amo como amiga.

– Não acredito em você – digo.

– Acredite – ela diz. – Estou bem.

– E o beijo?

– Não significou nada – insiste Rachel. – De verdade. Não precisa se preocupar comigo. Vai. Fica com Amy. Provavelmente vou voltar com o Joel também.

Não acredito que ela não me ama, mas acredito que a perdi. Seu rosto está igual a quando voltou. É o rosto de uma desconhecida. Posso sentir um vazio se abrindo no meu peito.

– Vejo vocês lá dentro – ela diz, passando à nossa frente e se perdendo na multidão.

Sento um pouco para respirar. Então vou falar com Amy. É pouco dizer que está sendo uma noite de merda.

– Henry, o que foi? – pergunta Amy.

– Vamos vender a livraria – digo.

– Eu sei – ela diz, sorrindo. – Vocês vão ganhar uma grana. Não consigo entender por que não fizeram isso antes.

Porque eu amo a Howling. Amo livros de um jeito que vai além da lógica e da razão. É simplesmente assim. Amo livros da mesma maneira que as pessoas da Biblioteca de Cartas amam. Não é o bastante ler – eu quero conversar através das páginas e chegar ao outro lado, alcançar a pessoa que o leu antes de mim. Quero passar a vida os buscando, lendo, vendendo. Quero atender clientes e botar o livro certo nas mãos deles. Quero falar com Frederick e Frieda. Quero ouvir as discussões do clube do livro. Quero tudo. Quero que dure para sempre. E, se não pode ser assim, quero aproveitar até o último minuto. E quero a garota que queira isso do mesmo jeito. Apesar da poeira.

– Por que você voltou, Amy? Foi porque viu Rachel me beijar?

– Não.

– É o que parece – digo. – Parece que sou sempre o plano B.

Minha família pode ser uma merda quando se trata de amor, mas eu sei o que *não é* amor quando vejo. Ou pelo menos agora sei. Me sinto meio que um idiota pensando em todas as vezes em que corri atrás de Amy ao longo dos anos. Mas não sou duro demais comigo mesmo, porque provavelmente há muita gente no mundo que se sentiu idiota por ter corrido atrás de alguém que não retribui seu amor. Então, estatisticamente falando, estou na média. Posso viver com isso.

– Fiz uma porção de coisas que provam que te amo – diz Amy. Ela fala sobre o dinheiro que me emprestou para a viagem, da vez que saiu para dançar comigo e de quando me emprestou o carro. – Se acha que tem chance com Rachel, está enganado. Ela não te ama, só me odeia.

– Rachel não é assim.

– É, sim. Li uma carta que prova – ela diz.

– Quê? – pergunto, e então me lembro de algo que Rachel disse na noite em que me tirou do banheiro feminino. – Que carta?

Amy não responde.

– Se você gosta um mínimo que seja de mim, Amy, me responde. Por favor.

– Foi no nono ano, na última noite do mundo. A gente foi para sua casa e você me levou lá pra cima para mostrar seu quarto. Enquanto você estava no banheiro, peguei o livro que estava na sua cama. Ela tinha deixado um bilhete dizendo pra você olhar em outro livro, da Biblioteca de Cartas. Não lembro mais o nome.

– O *Prufrock*? – pergunto.

– Pode ser – ela diz. – Quando descemos, peguei a carta. Queria passar a última noite do mundo com você, e achei que, se você lesse, ia me deixar para ir atrás dela.

– E o que dizia a carta? – pergunto, mas eu sei o que dizia: “Eu te amo”. – Você guardou? – pergunto, e Amy diz que colocou em outro livro, onde achou que eu não ia encontrá-la. – Qual?

– Um de capa amarela – diz Amy, e fecho os olhos em frustração. – O escritor tinha um nome japonês. Começava com K.

– Kazuo Ishiguro?

– Pode ser.

– *Não me abandone jamais*? – pergunto.

– Acho que sim – ela diz. – Está bravo comigo?

Olho para a garota que amei por quase quatro anos e digo que não estou bravo. Estou um pouco bravo, mas ela fez isso para ficar comigo. Esta noite me dei conta de que Amy morre de medo de ficar sozinha. Sua ideia de tortura é uma viagem para fora do país sem

um amigo ou uma companhia. Mas não posso ser esse amigo.

Eu a deixo para trás e entro. Tenho que encontrar uma garota. Tenho que me despedir da livraria.

Pago para entrar e abro caminho em meio à multidão, procurando por Rachel. Chamo seu nome por cima da cabeça das pessoas, sem me preocupar com como pareço ou soo.

– Rachel!

Quando chego perto do palco, já estou gritando.

– Está vendo ela? – grito para Lola.

Ela passa os olhos pela multidão e faz que não com a cabeça.

Eu a chamo, mas é em vão. Deixo uma mensagem no celular dela dizendo que estou indo para o depósito. Estou prestes a ir embora quando olho para trás e vejo Lola. Ela está sozinha diante do microfone, esperando por Hiroko, que talvez não venha. Não posso deixá-la.

Lola desiste de esperar e começa a tocar. Ela olha para mim e eu olho para ela. As Hollows talvez tenham acabado, mas eu estou aqui e sou seu amigo. Não sei cantar, mas foda-se. Subo no palco com ela mesmo assim.

Ela para o que está tocando e começa uma música do Art of Fighting cuja letra sabe que eu conheço, e eu a acompanho. Quando termina essa música, ela emenda uma do Ben Folds, porque gosto dos álbuns deles também. Quase terminamos a quarta música quando ouço o toque sutil de um triângulo. Viro e deparo com Hiroko mais atrás.

– Não tive tempo de trazer o xilofone – ela diz.

Me preparo para sair do palco, mas Hiroko me entrega o triângulo e assume o microfone.

– Graças a Deus! – alguém na multidão grita.

– Cala a boca – Lola diz no microfone, e quem quer que seja esse “alguém” obedece. – Cala a boca todo mundo – continua Lola. – Tenho algo a dizer. Essa garota faz as melhores letras e é a melhor percussionista do mundo. Vou sentir falta dela.

Hiroko sorri e faz a contagem regressiva para começar a última música delas.

Deixo as duas lá e desço do palco, abrindo caminho na multidão. Pode não ser o fim do mundo, mas sinto que eu e Rachel não temos mais tempo a perder.

Rachel

Deixo Henry com Amy. Estou bem. Lágrimas escorrem, mas estou bem. E daí se eles vão voltar? Eu sempre soube que iam voltar. Tinha certeza disso. Só estava me enganando. Estou apaixonada por ele de novo, claro, mas, no futuro, se eu conseguir chegar lá, tem uma pessoa completamente diferente esperando por mim.

Encontro um lugar no fundo da Laundry em que Henry não vai me achar. Seguro o fôlego enquanto assisto a Lola cantando sozinha. Então vejo Henry subir no palco para acompanhá-la. Ele tem muitos talentos, mas cantar não é um deles. Mas é um cara incrível. Espero que Amy o trate bem dessa vez.

Finalmente Hiroko sobe ao palco e Lola anuncia ao microfone que vai sentir falta dela, então as duas começam a tocar sua última música. É a primeira que compuseram juntas. Elas cantaram para a gente na garagem um dia. Preciso da música mais alta para não me ouvir dizendo “eu te amo”, não ouvir Amy agradecendo por ter mantido as mãos de Henry aquecidas.

Vou ao banheiro lavar o rosto. Katia está lá.

– Deu tudo certo com o Shakespeare? – ela pergunta, e eu digo que ele vai viajar com Amy.

– Pena. Mas quem perde é ele.

Saio da Laundry, atravesso a rua e volto à livraria. Poderia ir para o depósito, mas quero ficar com os livros. Quero continuar a catalogar a Biblioteca de Cartas. Mais do que nunca, é importante que eu registre todas as anotações nas páginas. Não que vão se perder. Estão escritas, então sempre vão existir. Mas estarão perdidas para Michael, e odeio essa ideia.

Meu plano é catalogar a noite inteira, para manter os pensamentos distantes de Henry e Amy, que devem estar aos beijos lá na Laundry. Abro o laptop e pego uma pilha de livros. Começo a folhear o primeiro, mas estou agitada demais.

Pego *Sea* e dou uma olhada, procurando por alguma anotação de Cal que eu possa ter deixado passar. Há uma marquinha na página da água-viva, mas sei que não foi ele quem fez. Conheço a letra dele tão bem quanto a minha. Cal estava sempre rabiscando nas coisas. Naquele último dia, um minuto antes de ir dar seu último mergulho, ele estava escrevendo. Estava deitado, apoiado em um braço, usando o chapéu desajeitado da mamãe e seus óculos escuros de Audrey Hepburn. Estava escrevendo em um dos cadernos que sempre carregava, com folhas destacáveis, para que pudesse arrancá-las sem danos.

Sinto alguém de pé atrás de mim e me deparo com George quando viro. Ela está olhando para o livro, e eu pergunto se Cal havia deixado alguma carta naqueles livros em algum momento.

– Só pra saber – digo.

– Deixou, sim – ela diz, pegando o exemplar de *Orgulho e preconceito e zumbis*.

Vejo Elizabeth na capa, com metade do rosto devorado, de modo que seus dentes e suas

cordas vocais aparecem.

George me entrega uma carta. É o tipo de papel que Cal usava, o tipo de papel que usou naquele dia. Parece macio e frágil, o que talvez seja minha imaginação, mas talvez também seja por todas as vezes em que George a leu. Sei que vou catalogá-la depois. Vou catalogá-la com mais cuidado do que qualquer outra carta que encontre na Biblioteca. Michael tinha razão – é uma biblioteca de pessoas.

Orgulho e preconceito e zumbis

de Jane Austen e Seth Grahame-Smith

Cartas deixadas entre as páginas 44 e 45

25 de novembro de 2013

Querida George,

Entendo sua preocupação de que eu seja um psicopata. Não sou, mas também entendo que a maior parte dos psicopatas deve dizer isso. Então aqui está minha irmã para provar:

Meu irmão em geral não é um psicopata.

Ela não sabe por que teve que escrever isso. Está assistindo a um documentário. Assinaria qualquer coisa se alguém pedisse durante o Brian Cox.

*Espero que continue me escrevendo,
Píteas*

Rachel

Faz todo o sentido, em retrospectiva – os Kikos Marinhos, o comentário no livro, que eu imagino que indicava aquilo de que mais gostava para George.

– Píteas foi o primeiro explorador a relacionar a Lua com as marés – digo.

– Eu sei – diz George. – É do Cal, não é?

Assinto.

– Estou apaixonada por ele – ela diz.

Isso me deixa loucamente feliz. E parte meu coração.

– Acha que ele está apaixonado por mim? – pergunta George, e eu confirmo.

Ela sorri. É um sorriso tão brilhante, tão cheio de esperança, que nem consigo olhar.

– Escrevi uma carta pra ele e pedi a Henry que entregasse a você. Queria que a colocasse no correio.

Digo que volto em um minuto, então vou ao banheiro. Tem alguém lá dentro. Fico do lado de fora esperando, pensando em como o mundo é injusto – que Cal poderia ter ficado com George. Ela o amava e ele a amava e, se não tivesse ido nadar aquele dia, os dois estariam juntos agora.

Quem sai do banheiro é Frederick, que logo percebe que eu estou chateada.

– Talvez eu esteja me intrometendo – ele diz, com seu jeito educado e formal de sempre –, mas você está bem?

– Não – digo a ele.

Ali, de pé no corredor que dá no banheiro, conto o que aconteceu. Deixo tudo sair – como menti para George e agora tenho que quebrar o coração dela contando que Cal está morto.

Não espero que Frederick me entenda. As palavras saem confusas, e choro ao falar. Mas ele assente e ouve, então me fala mais sobre sua mulher, Elena.

– Nós tínhamos uma loja, neste mesmo lugar, na verdade. Era uma floricultura.

Com tudo o que aconteceu esta noite, é difícil absorver aquilo.

– Vocês dois moravam e trabalhavam *aqui*?

Ele assente, e eu penso em como tem passado os dias no sebo desde então.

– Eu não suportaria ficar aqui sem ela. Tudo neste lugar me lembrava Elena. Era insuportável. Não contei a ninguém a respeito disso. Mentia para as pessoas pra que não me fizessem perguntas. Vendi este lugar a preço de banana – ele diz. – Não me importava. Queria que queimasse. Até tentei botar fogo uma noite, mas Elena me impediu.

– Você a viu? – pergunto. – Viu o fantasma dela?

Frederick assente e me olha diretamente, com os olhos totalmente sérios.

– Tenho certeza de que ela ficava apagando a chama.

Estou exausta de tanto chorar, e vou ter que encarar George em breve. Mas fico aqui com Frederick. Porque ele está prestes a perder a floricultura pela segunda vez, e posso imaginar qual é a sensação.

– Não sei como contar a ela – digo baixinho.

– Talvez deva começar dizendo que ele a amava.

É assim que eu começo. Sentamos na frente da livraria para ter privacidade.

– É o Cal – repito. – Era o Cal.

E, do modo mais gentil que consigo, conto que ele morreu.

Ela fica olhando para o céu, que parece sem estrelas. Embora isso seja impossível, o céu nunca fica sem estrelas. Mas as luzes da cidade fazem seu melhor para apagá-las.

– Faz quase um ano agora.

Fico esperando por um acesso de raiva, mas ela se mantém imóvel, a não ser pela pressão que faz na minha mão.

– O que aconteceu? – pergunta George, e eu escolho qualquer ponto para começar, porque nem sei onde é o começo.

Eu o descrevo na praia, com o chapéu e os óculos escuros enormes da minha mãe, escrevendo uma carta.

– Eu e minha mãe estávamos falando sobre o futuro. O meu futuro. Estávamos planejando para que faculdade eu iria, considerando as melhores onde estudar biologia marinha. Cal largou a caneta, tirou os óculos e o chapéu e correu na direção da água, gritando para que eu o seguisse, mas fiquei na praia conversando com ela.

Posso ver Cal entrando no mar sob a luz fraca e amarelada, enquanto minha mãe e eu continuávamos sentadas na praia, conversando sobre o futuro.

A maior parte das pessoas não se dá conta de como se afogar é algo silencioso. Cal nadava bem, e a possibilidade de que morresse no mar nunca havia nos ocorrido. Já tínhamos ido muito mais para o fundo em outras ocasiões. Tínhamos nadado à noite, em pontos perigosos, e ficado bem. Não faz nenhum sentido que tenha morrido aquele dia, naquela hora, quando a água parecia parada.

Ele se afogou enquanto eu e minha mãe discutíamos se eu podia pôr um piercing no umbigo. Ela disse que sim e perguntou como faziam. Ele se afogou enquanto eu espantava uma mosca. Enquanto olhava para as árvores tortuosas, enquanto pensava no sexo com Joel, enquanto escavava a areia com os dedões dos pés.

– Tentamos salvar Cal – digo. – Trouxemos seu corpo para a praia.

Não conto sobre como minha mãe levantou de repente e o procurou na água. Sobre como comecei a rir e perguntei o que tinha acontecido, achando que Cal havia feito alguma gracinha.

– Não o estou vendo – ela disse, tirando o vestido antes de sair correndo.

São esses segundos perdidos que assombram minha mãe.

– Por que eu tirei a porra do vestido? – eu a ouvi dizer à minha avó. – Por quê?

– Porque você tirou – minha avó disse. – E não teria feito diferença. Ele já tinha ido.

Em vez disso, digo a George que Cal morreu no lugar que ele mais amava. Digo que foi rápido, o que eu sei, independentemente dos pesadelos, que foi. Digo que acho, embora não tenha como saber, que a última coisa que ele fez foi escrever uma carta para ela. Cal estava escrevendo alguma coisa, e espero mesmo que fosse para ela.

Conto a ela como ele pensava adiante no futuro, quando mergulharia nos cânions do Golfo do México. Conto a ela sobre esse lugar – sobre os animais que ele imaginava que veria, bem abaixo da superfície, onde a luz do sol não alcançava. Conto a ela sobre a iluminação lá embaixo, vinda de bilhões de micro-organismos que brilhavam no escuro. Gotas de luz, como a neve caindo.

Vamos juntas até meu carro. Pego a caixa com as coisas de Cal e sentamos na calçada para dar uma olhada nela. Há diários, quadrinhos e um globo de neve que dei para ele num Natal. As chaves da trava da bicicleta, algumas moedas, óculos de mergulho e um canivete. Sua carteirinha da biblioteca e um CD. Talvez pareça estranho a George que essas sejam as coisas dele que minha avó separou para me dar. Mas tudo aqui é importante para mim. É a vida dele. Sei que, no futuro, ainda vou ter essas coisas. Nunca vai haver um momento em que eu não queira todas essas partezinhas de Cal, que constituam sua vida.

No diário, como eu esperava, há uma carta para George. Eu a entrego sem olhar, e ela lê para mim. Cal a amava e ela o amava, o que não é pouco. Olho para o céu escuro. Localizo uma estrela.

A carta é linda e corajosa. Ouvir as palavras de Cal faz com que eu tenha a certeza de que Henry está certo. Eu entendi tudo errado. É a vida que importa. Cal sabia disso. Ela viveu até o último segundo ao deixar a carta para George. Tenho que dizer a Henry que estava mentindo. Que o amo.

Mas, antes que eu vá, pergunto a George se ela vai ficar bem.

– Quer que eu chame o Martin?

– Acho que seria bom – ela diz. – Ele está no jardim da leitura.

Eu entro para buscá-lo.

George não diz muito quando ele volta comigo, só que Cal morreu. Está chorando.

– É uma merda – ela diz, enxugando as lágrimas com a manga. – A maior merda. Preciso de um amigo.

Martin senta na calçada e a abraça.

Carta sem data

Querida George,

É começo de março; fim do verão, mas ainda está quente. Não tenho muito mais tempo para nadar.

Estou na praia com minha mãe e minha irmã, que é a Rachel Sweetie. Eu sou Cal Sweetie. É. O magrelo alto e bobo que você conheceu meio que sua vida inteira. Está decepcionada? Vou entender se estiver. Mas espero mesmo que não esteja.

Acho que deveríamos sair pelo menos uma vez. Um encontro. Assim, você pode ver se gosta de mim ao vivo.

Vou dar um mergulho agora. Depois vou mandar esta carta para a livraria pelo correio. Quem estava levando as cartas era meu amigo Tim, mas ele também se mudou.

Se quiser me escrever de volta, o endereço é Marine Parade, 11, Sea Ridge, 9873.

Com amor, Cal

Henry

Penso em passar na livraria para pegar a carta, mas decido que não posso adiar mais e pego um táxi direto para o depósito. Fico ligando para Rachel no caminho, mas só cai na caixa postal. Tento de novo e de novo, mas ela não atende. Deixo uma mensagem depois da outra.

– Estraguei tudo. Não sabia o que sei agora. É você e a livraria que eu quero. Não preciso de muito dinheiro. Posso viver sem um futuro definitivo desde que você esteja nele comigo.

Entro no que só posso descrever como uma febre de amor. Peço ao motorista que vá mais rápido. Ele diz que não estamos indo a lugar nenhum, porque estamos presos no trânsito.

– Quebrou um carro lá na frente – o homem diz.

– Era o que faltava – digo, e enfio a cabeça para fora da janela para ver o que está acontecendo.

Parece que houve um acidente envolvendo quatro carros, então não vamos a lugar nenhum mais depressa. Pago a ele, saio do táxi e sigo correndo. A chuva que Rachel tinha previsto começa.

E começa é pouco. É uma daquelas tempestades de verão que atingem o chão – e todo o mundo no caminho – com tudo. Então vêm os relâmpagos, mas eu continuo correndo, pisando nas poças no caminho.

Quando chego à casa de Rachel, estou ensopado. Bato na porta e chamo por ela. A tia abre a porta com uma careta.

– Sei que estraguei tudo – digo, tentando falar apesar da respiração entrecortada. – Mas posso consertar tudo se falar com ela.

– Rachel não está aqui. Como você estragou tudo?

– Ela não disse?

– Não a vi.

– Merda – digo, olhando para a chuva com a consciência de que gastei o dinheiro que tinha com o táxi. – *Merda*. – Olho para Rose. – Não tenho dinheiro.

– Espera um pouco – ela diz. – Eu te levo.

Pulo do carro assim que Rose para e entro correndo na livraria, pingando por todo o chão. Passo os olhos pela Biblioteca de Cartas, procurando pelo exemplar de *Não me abandone jamais*. Nada é tirado da Biblioteca, então se Amy colocou uma carta no livro há três anos, ainda deve estar aqui.

Fico com o livro nas mãos por um minuto ou dois, esperançoso. Então o folheio e encontro uma simples folha de papel com a caligrafia de Rachel.

12 de dezembro de 2012

Querido Henry,

Estou deixando esta carta na mesma página de “A canção de amor de J. Alfred Prufrock” porque você ama esse poema, e eu te amo. Sei que você está com Amy, mas que se foda. Ela não te ama, Henry. Só ama a si mesma, e bastante, na verdade. E eu te amo. Amo que você leia tanto. Amo que ame livros usados. Amo meio que tudo em você, e já te conheço há dez anos, o que quer dizer alguma coisa. Vou embora amanhã. Me liga quando vir isso, não importa a hora.

Rachel

Então, tenho a sensação de que, ainda que o sebo seja vendido, nem tudo está perdido. Perdemos coisas, mas às vezes elas voltam. A vida nem sempre acontece na ordem que se espera.

Meu pai chega, saído do jardim da leitura. Vejo pela janela dos fundos que estão fazendo uma festinha. Frederick, Frieda e Frank estão lá, tomando cerveja.

- O portão que leva para a padaria está aberto?
- Frank o abriu com um pé de cabra quando soube que tínhamos vendido este lugar.
- Tarde demais – digo.
- Antes tarde do que nunca – meu pai diz.
- Sinto muito. Não me dei conta de que provavelmente demoliriam tudo.
- Não é o seu sonho, Henry – ele diz. – Não é sua culpa.
- Mas é o meu sonho.

Meu pai pensa, e enfim diz:

– Bom, essa é uma lição dura de aprender. Mas você não vai fazer a mesma coisa de novo.

Meu pai diz que Rachel está em algum lugar por aqui; ela contou a George sobre Cal mais cedo.

– É triste demais – ele diz. – Ele escrevia para ela pela Biblioteca. Vai ser uma pena quando não existir mais. Não temos como manter todos esses livros, e era por isso que eu queria que Rachel os catalogasse. Ela estava na metade do trabalho. Não vai ter tempo de terminar.

– Mas por que você não pode ficar com a Biblioteca? Com todos os livros? – pergunto.

Ele aponta para as prateleiras, de cima a baixo.

– É muita coisa, meu filho. E já tenho exemplares de todos esses livros.

– Podemos guardar no galpão.

– Que galpão? – ele pergunta.

– O galpão da casa para onde a gente mudar.

Ele sorri para mim, e espera que eu conclua sozinho.

– Não vamos mais morar juntos?

– Pensei em viajar. Ver o país de Shakespeare e algumas peças no West End. E de lá ir para a Argentina. Talvez aprender espanhol e ler Borges sem um intérprete antes de morrer.

– Você não está morrendo.

– Bom, não no futuro próximo.

– E George e eu?

– Bom, imagino que ela vá morar com sua mãe. E você tem sua viagem de volta ao mundo. – Ele coloca a mão no meu ombro. – Talvez sua mãe esteja certa, Henry. Ganhamos muito pouco e não podemos viver de sonhos.

– Mas precisamos de sonhos.

– De sonhos e também de um pouco de dinheiro – meu pai diz, então volta para o jardim, onde os outros estão sentados lamentando o fim.

Quando viro, me deparo com Rachel.

– Eu estava lá fora. Você passou correndo por mim.

– Nem te vi.

– Imaginei – ela diz.

Eu me pego hipnotizado por ela. Tento disfarçar o fato de que estou imaginando o que há debaixo de suas roupas, mas é isso que estou fazendo, e também estou pensando se um dia vou ter a sorte de poder ver.

Foco, Henry.

– Acho que você me ama – digo. – E tenho uma prova. – Mostro a carta. – Você assinou. Podemos considerar isso um contrato.

– Essa carta está datada. Não acho que pode me obrigar a cumprir um contrato de amor assinado há três anos, quanto eu estava doida por causa de todo o açúcar que tinha consumido.

– Não acho que dê para datar uma carta assim. Uma carta de amor, por definição, deveria ser atemporal, ou então não teria sentido. Eu te amo, mas só em 2012, então meu amor expira. Qual é o problema do universo com a eternidade? Ninguém pega no pé dos gansos por isso.

– Gansos? – pergunta Rachel.

– Eles formam casais que duram a vida inteira.

– Isso não é totalmente verdade – ela diz, então se interrompe, ignorando minha camiseta ensopada e a puxando para me levar para mais perto. – Foi um belo discurso, mas que só falou do meu amor por você, Henry.

– Sério? Deveria haver uma parte falando do meu lado. Deveria ter sido a primeira coisa que eu falei.

– Você deixou de fora.

– Você é minha melhor amiga. É a melhor pessoa que eu conheço. Você é incrível, Rachel Sweetie – digo. – E eu te amo.

Então dou um beijo nela.

Depois, muito depois, em um momento que agora me é desconhecido, vou abrir a camisa de Rachel devagar. Vou beijar sua clavícula e pensar em melancias no verão, exploradas até a casca. Vou esperar e imaginar ver nossas vidas de cima, na expectativa de que fiquemos juntos a vida inteira.

Mas, neste momento, é um beijo. Um beijo que continua enquanto colocamos a carta de volta no *Prufrock* e na Biblioteca. Um beijo que continua enquanto eu a conduzo lá para cima para que tenhamos alguma privacidade. Um beijo que continua ao longo dos anos.

Mas, neste instante, é só o começo.

Quando estamos na cama há um tempo, Rachel pega o celular para verificar as mensagens.

– Deixei algumas.

– É o que parece.

– Achei importante que compreendesse a situação.

– Que é?

– Gosto muito de você.

Ela me pergunta se já dei a Frederick o Walcott que encontramos hoje. Ainda não, então descemos para o jardim da leitura. É bem tarde, mas todo mundo continua lá. Minha mãe chegou e está ao lado do meu pai; Frank, Frieda e Frederick os acompanham. Sentamos e eu entrego o Walcott a Frederick.

Pelo jeito que o segura, tenho quase certeza de que não é o exemplar de Elena.

– Com ou sem livraria, vamos continuar procurando – eu digo.

– Obrigado, Henry – ele diz.

Quando tenta me pagar pelo livro, eu e Rachel insistimos que é um presente.

Ficamos todos ali sentados, sentindo falta da livraria antes mesmo que se vá, pensando na logística do que fazer com o estoque. Minha mãe chora tanto quanto o restante de nós, e sei que é igualmente difícil para ela.

Eu a pego olhando para mim.

– Você cresceu – ela diz quando pergunto em que está pensando. – Não tinha notado.

Rachel

Henry estava no meio de um discurso grandioso quando o puxei para mais perto e o beijei. Ele sacudia minha carta e questionava a validade do amor que tem data de expiração. Eu tinha todo um discurso preparado. Ia explicar, ponto a ponto, porque era eu que ele amava, e não Amy, antes de admitir que o amava também. Ia pedir provas.

Mas então decidi que provas eram algo supervalorizado e talvez impossível, e que provavelmente estragaria o momento com aquilo – um momento pelo qual eu esperava fazia muito, muito tempo. Então decidi assumir o controle da situação e beijá-lo. Foi como se estivéssemos presos com mel. O resto do que fizemos, e como fizemos, e as palavras que dissemos, são segredo.

Deitada mais tarde na cama de Henry, a vida parece diferente de antes. Há outras coisas além da morte, e agora sei disso. Henry e eu pegamos no sono e acordamos, conversando e ficando em silêncio. A janela está aberta, e o calor da noite entra por ela. Ponho os pés no parapeito para senti-la. Pensamentos passam entre nós. Somos os livros que lemos e as coisas que amamos. Cal é o mar e as cartas que deixou. Nossos fantasmas se escondem nas coisas que deixamos para trás.

Descemos para entregar o Walcott a Frederick, e ficamos lá por um tempo. Não é o exemplar que ele procura. Henry lhe diz que tem que estar em algum lugar e promete continuar procurando.

Frederick vai embora primeiro. Quando entro na livraria, noto que colocou o Walcott na prateleira, com a capa à mostra. Tem uma carta para mim dentro dele. Sei disso antes mesmo de abri-lo.

Querida Rachel,

Espero que não se importe que eu esteja escrevendo para você. Estive pensando em nossas conversas e na grande tristeza que deve estar sentindo.

Perdi minha esposa há vinte anos e às vezes sinto como se tivesse vivido sem ela por uma década, às vezes como se a tivesse perdido há apenas um minuto.

Escrevo “perdido”, mas agora detesto essa palavra. Ela não era uma chave ou um chapéu. É como dizer que perdi meus pulmões.

Sei que entende o que quero dizer. Vejo no seu rosto. Há um momento em que os outros voltam à vida, e até alguns dos enlutados, e você fica sozinho, tentando compreender o incompreensível.

Qual é o sentido em continuar vivendo depois do momento em que aqueles que amamos nos deixaram? E como podemos nos perdoar por ter deixado que se fossem? Pensei muito nessas coisas depois que minha mulher morreu. Eu a conheci quando tinha vinte e um anos. Ela era minha melhor amiga. Não conseguia imaginar a vida sem ela. Sem Elena no mundo, o tempo não existe. E um mundo sem tempo é uma coisa terrível. Não há nenhuma certeza. Os dias passam depressa ou devagar, ou nem passam. É como se as leis do universo fossem alteradas, e você fica tentando dirigir às cegas. Não há nenhuma âncora num mundo desse tipo. Um tipo de loucura toma conta.

Mas você já sabe disso.

Sabe que precisa se apegar a quaisquer leis que conseguir encontrar.

Amo meu filho, e ele é a lei que não pode ser alterada. O amor pelas coisas que deixam você feliz é firme também. Livros, palavras, música, arte. São luzes que reaparecem em um universo quebrado.

As pessoas têm alguma escolha na direção em que sua vida vai? Não podemos escolher onde e quando nascemos, quem nos ama primeiro, e de que maneira, ou por quem vamos nos apaixonar. Eu não acredito nisso, pelo menos. E não podemos escolher quem é tirado de nós, ou de que modo se vai.

Tentei salvar minha mulher. Tentei reanimá-la com respiração boca a boca enquanto esperava pela ambulância. Penso bastante naquele último beijo, totalmente diferente do primeiro. E me reconforto com a ideia de que tentei. De que estava além do meu controle.

Mas acredito em escolhas. De como amamos e quanto, do que lemos, de para onde viajamos. De como vivemos depois que a pessoa que amamos morreu ou nos deixou. De decidir nos arriscar a viver novamente ou não.

E qual é o ponto?, imagino que esteja se perguntando. Para mim é esse. Em uma noite em que eu podia ouvir o barulho do mar entrando pela janela, uma mulher com quem eu viria a me casar e ter um filho me disse que me amava. Nosso filho era só uma insinuação em nossa pele. As estrelas eram leite na escuridão. Não pensei na possibilidade de perdê-la. Pensei apenas em seu amor por mim e na nossa felicidade.

Você diz que o mar é a coisa mais linda que já viu e a que mais te assusta. Isso descreve como foi me apaixonar por Elena. Talvez todas as coisas que valem a pena sejam assustadoras.

Vendi a floricultura assim que ela morreu, mas não consegui me afastar. Volte ao mar, Rachel. É uma parte de você, assim como Cal.

Frederick

De manhã, quando Henry ainda está dormindo, desço as escadas e vou sentar no jardim. Já tem gente lá, embora a livraria ainda não esteja aberta. Pessoas que chegaram pela padaria, trazendo croissants e café. Elas me perguntam o horário de funcionamento, e eu digo que abre às dez, mas que o fechamento varia.

Tento não pensar num momento em que o jardim de leitura não vai mais existir. Tento ser prática. As pessoas precisam de apartamentos. Mas não consigo me convencer de que é uma boa ideia que morem justamente aqui.

Frank me dá um café.

– Por conta da casa. Estamos todos de luto.

Ouçó alguém tossir de leve e quando viro vejo que é Frederick.

– Obrigada pela carta – digo.

Tomamos café da manhã juntos. Penso no fato de Frederick ter sido dono de uma floricultura que ficava neste mesmo lugar. Penso em *Atlas de nuvens*, e em como todas as histórias separadas do romance formam uma única.

Digo a Frederick que sim, vou terminar a escola em algum momento, mas acho que antes vou pedir a Rose uma passagem de volta ao mundo – como um empréstimo, e não um presente –, para que eu possa viajar com Henry. Mas, antes de mais nada, preciso

voltar a Sea Ridge.

Vou mostrar à minha mãe a catalogação da Biblioteca de Cartas. Vou contar a ela sobre as pessoas que amaram, perderam e deixaram isso registrado. Vou fazer isso para provar que não estamos sozinhas, e que todas essas histórias diferentes se somam para formar uma única. Vou contar sobre Cal e George. Vou falar sobre a ideia de que a alma transmigra dos mortos para os vivos. Vou falar sobre a linda e impossível hipótese de que Cal tenha transmigrado no momento da morte. Vou dizer que acho que ele vinha transmigrando sua vida inteira: deixando um pouco de si nas coisas que amava, nas pessoas que amava. Ele extrapolou os limites de sua própria vida e escapou.

Depois que Frederick vai embora, noto que Michael também está sentado no jardim. Vou até ele, então entendo por que não se juntou a nós. Está chorando. Não queria que víssemos.

Dou oi, mas vou para dentro para lhe dar privacidade. Fico olhando para a Biblioteca de Cartas por um longo tempo, pensando em sua catalogação, que parece não ser o bastante. Porque um arquivo de computador não mostra o jeito como as pessoas sublinharam algo. Não dá para dizer a partir de uma base de dados a marca profunda que Michael deixou abaixo das palavras de Pip, ao dizer para Estella que ela era parte de sua existência. *Você está em cada linha que li desde que vim aqui pela primeira vez.*

Esse discurso está todo sublinhado, e as anotações nas margens são frenéticas. Não tenho como registrar as razões pelas quais as pessoas marcaram alguma coisa ou como se sentiram ao perceber que alguém tinha amado a mesma parte antes delas.

Não posso registrar as coisas que senti ao segurar o livro. Não posso registrar as páginas desgastadas, ou as manchas de café, ou as orelhas com que marcaram as poesias de Auden. É o sentimento nos livros que Michael quer guardar, e um catálogo não é capaz de fazê-lo.

Subo para o quarto de Henry.

– Acorda – digo em seu ouvido, com meus lábios beijando sua pele. – Acorda. Já sei o que temos que fazer.

Henry

Acordo, e o mundo não acabou. Rachel está sussurrando sobre transmigração na minha orelha. Pelo menos acho que é isso que está dizendo. Sua boca me distrai, assim como a lembrança do que aconteceu ontem à noite e a esperança de que possa acontecer de novo, e em breve.

Sento e ouço o que me diz.

– Transmigração. A Biblioteca de Cartas tem que transmigrar. Temos que dividir os livros e deixá-los em outras livrarias.

Digo que é uma ideia legal, mas que sei que outros lugares não vão aceitar os livros.

– É uma coisa da Howling. Os exemplares estão cheios de anotações, e eles não vão poder vender. E, mesmo se toparem, os livros só iam ocupar um espaço valioso das estantes.

– É só não dizer a ninguém – sugere Rachel, e eu a ouço descrever a operação.

Dividimos a Biblioteca de Cartas em segredo, por todos os sebos da cidade, e mais além.

Orgulho e preconceito e zumbis

de Jane Austen e Seth Grahame-Smith

Carta deixada entre as páginas 44 e 45

14 de fevereiro de 2016

Querido Cal,

Isto não é uma carta de despedida; quero deixar isso claro. Vou continuar escrevendo pra você ao longo dos anos. Você se tornou a pessoa para quem eu conto tudo, e isso não vai mudar.

Recebi sua última carta, e a resposta é sim. Vamos nos encontrar. Podemos ir tomar café no Frank's, depois ir para o Palace, onde vão fazer maratona de Doctor Who. Então podemos atravessar a cidade e ir ao museu.

Não estou decepcionada. Achava mesmo que era você, ou pelo menos desconfiava, mas então as cartas continuaram chegando mesmo depois que você mudou de cidade, e por um tempo achei que pudesse ser Tim. Não queria que fosse ele. Queria que fosse você.

Lembra aquele dia na escola, quando sentamos no sol e ficamos vendo todo mundo jogar? Foi nossa primeira, e na verdade única, conversa fora do papel.

Eu estava chorando porque minha mãe tinha mudado de casa.

Você: Oi.

Eu: O que você quer?

Você: Fazer você se sentir melhor.

Eu: Impossível.

E então você me deu os Kikos Marinhos.

Você: Eles crescem muito rápido. É só colocar na água. Chegam à vida adulta em cerca de uma semana. Não são camarões de verdade, são um tipo de artêmia. Eles evoluem de cistos. Quando as condições não são boas onde a fêmea está, ela libera cistos em hibernação; os embriões esperam pelo tempo que seja dentro deles, até que as coisas melhorem. E então, quando as coisas melhoram, seu ciclo de vida continua de onde parou. São como viajantes do tempo, aguardando até que a situação melhore.

Eu: Você é muito esquisito.

Você: Eu sei.

Eu amei os Kikos Marinhos, mas não disse. E deveria ter feito isso.

Com amor, George

Grandes esperanças

de Charles Dickens

Carta deixada entre as páginas 78 e 79

Querido desconhecido,

Se você encontrar esta carta, é porque encontrou este livro. E é um livro incrivelmente importante. Todos os livros são, mas este, este exemplar em particular, começou um sebo. A Howling Books. Não se preocupe em procurar. Quando ler esta carta, ela já terá desaparecido.

Este foi o primeiro livro na prateleira, o primeiro livro que dei à minha mulher. Embora não estejamos mais juntos, é a prova do quanto nos amamos no passado. Prova de que entramos numa floricultura um dia e sonhamos com outra vida.

Então por que não ficamos com ele? Uma garota chamada Rachel me convenceu de que eu não podia fazer isso. Ela me encontrou chorando no jardim de leitura uma manhã. Lamentando a ideia de que minha livraria, minha vida, ia ser derrubada. Depois de vinte anos na família.

A livraria é o prédio em que ela fica, mas não só. Também são os livros dentro dela. As pessoas não são apenas um corpo. E se não há esperança de salvar as coisas que amamos em sua forma original, devemos salvá-las da maneira que for possível.

Cada livro da nossa Biblioteca de Cartas, todos marcados por vidas, transmigraram para outra loja. Um a um, nós os levamos a livrarias e colocamos numa prateleira.

Às vezes, o fim é começo.

Michael

Rachel

Passamos o resto de fevereiro trabalhando na transmigração.

É algo que você simplesmente compreende, Henry disse. Mas sou mais científica. Disse a mim mesma que íamos espalhar os livros para preservar as memórias deles, os pensamentos nas páginas. Nós os colocamos secretamente em livrarias espalhadas pela cidade. À noite, quando não consigo dormir, penso na ideia de que o exemplar de *Grandes esperanças* de Michael agora pertence a outra pessoa, e isso me reconforta. Alguém está lendo os comentários dele – sua paixão por Sophia, representada pela paixão de Pip por Estella. Essa paixão está lá, no que sublinhou, no que escreveu. Na dedicatória na página de rosto.

Fiquei com o exemplar de *Quem é você, Alasca?* que estava na Biblioteca. A ideia é me lembrar de que outras pessoas sofrem e de que não estou sozinha nisso. Vou dar para a minha mãe hoje, quando espalharmos as cinzas de Cal.

. . .

Henry leva todos nós de carro até a praia, onde vai ser a cerimônia. Lola, George e Martin estão no banco de trás. Sophia, Michael e Rose nos seguem.

No caminho para Sea Ridge, penso no sonho que tive de novo esta noite. Cal e eu vemos os peixes, as luas prateadas, que não conseguimos identificar. O que eu acho que esses peixes significam muda. Vou ficar pensando neles minha vida toda. Mas, na noite passada, acordei e pensei que talvez eles sejam perguntas – prateadas, estranhas, impossíveis de apreender.

Espero que o mar apareça – primeiro em pequenos triângulos, depois em toda a sua amplitude. Henry parece um pouco preocupado, porque estou voltando à água que levou Cal. Vai ficar tudo bem, e ao mesmo tempo não vai. Vai ser péssimo e bom.

O passado está comigo; o futuro não foi mapeado e pode mudar. Resta a nós imaginá-lo, espalhado à nossa frente. Cheio de luz do sol, azul profundo e escuridão.

Agradecimentos

Este livro é resultado de um esforço coletivo. Quaisquer erros são meus, mas todas as coisas boas se devem à ajuda de muitas pessoas extremamente inteligentes e generosas. Obrigada, Catherine Drayton, por ser uma agente incrível e por ter tanta fé em mim. Agradeço a todo mundo na Inkwell Management, principalmente Lyndsey Blessing. Obrigada à maravilhosa Allison Wortche por todo o seu tempo, esforço, ideias, inteligência e inacreditável atenção aos detalhes. Agradeço a Karen Greenberg, Alison Kolani e Terry Deal pela ajuda com o manuscrito. Obrigada a Alison Impey e Angela Carlino por esta capa tão linda. Obrigada a Stephanie Moss pelo maravilhoso design interno da edição original. E obrigada a Barbara Marcus, Jenny Brown, Melanie Nolan, Kim Lauber, Jules Kelly, Cayla Rasi e Allison Judd pelo apoio e por sua fé no manuscrito. Agradeço também à minha equipe de editores na Austrália. Claire Craig, eu não poderia ter escrito este livro sem você. Ali Lavau, você é uma editora incrível, muito, muito obrigada. Aos meus amigos e família, que tiveram que me aguentar enquanto escrevia – agradeço muito por isso. E, é claro, a Michael Kitson.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br

com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, abr. de 2019

FONTES Garth Graphic 11/16.3pt

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da

Sorte

PLATA
FORMA 3

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro “cliente” de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ “Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao

caos.” – Bárbara Moraes, autora da trilogia Anômalos “Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos.” – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)



Jane, sem limites

Cashore, Kristin

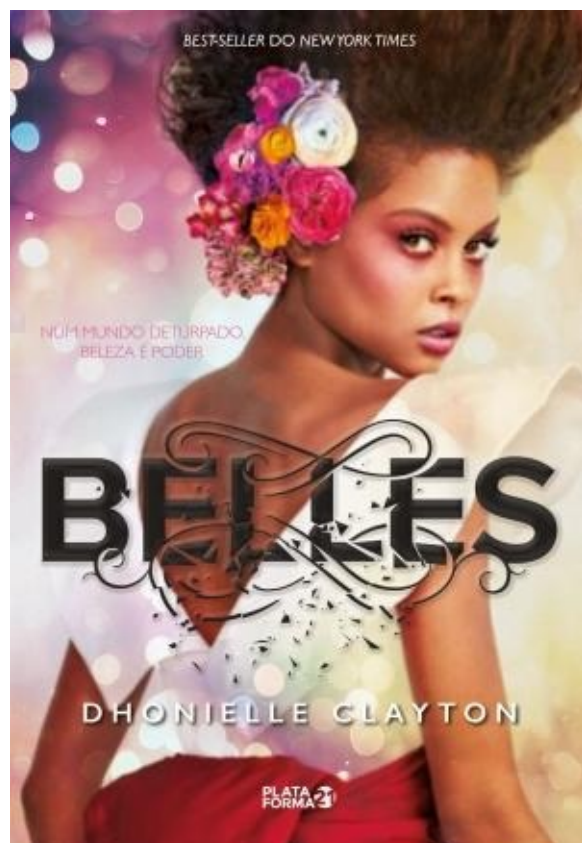
9788592783587

438 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jane não tem ninguém. Seus pais morreram quando ela ainda era uma criança. E, há poucos meses, a tia que a criara perdeu a vida numa expedição à Antártida. Antes de partir, tia Magnolia fez com que a sobrinha lhe promettesse uma última coisa: nunca recusar um convite para Tu Reviens, a mansão da família Thrash. Certo dia, após largar a faculdade e sem saber que rumo dar à própria vida, ela se vê diante de Kiran Thrash e da promessa que fizera à sua tia. A ideia de estar tão longe de casa deixa Jane desconfortável, e é por isso que ela precisa estar com o guarda-chuva apropriado. Os guarda-chuvas são produzidos por ela, essa é a sua arte. Tu Reviens fica em uma ilha isolada, e também não deixa de ser uma obra de arte. Cada pedaço da mansão veio de algum lugar do mundo. É uma espécie de Frankenstein. Uma casa sem alma. Misteriosa e intrigante, que despertará algo que estava adormecido na garota. Jane vai descobrir que escolhas precisam ser feitas e que cada uma delas pode mudar o rumo da sua história. Não importa a realidade, cada escolha tem um prêmio... ou um preço a se pagar. Jane, sem limites é uma obra caleidoscópica. Mistério, fantasia, suspense, ficção científica e horror dão o tom das cinco narrativas magistralmente escritas por Kristin Cashore, proporcionando experiências ilimitadas de leitura.

[Compre agora e leia](#)



Belles

Clayton, Dhonielle

9788592783938

472 páginas

[Compre agora e leia](#)

NUM MUNDO DETURPADO, BELEZA É PODER. Há uma maldição no reino de Orléans. Tempos atrás, o enciumado Deus do Céu castigou todos os cidadãos do reino a nascerem com uma pele acinzentada, olhos avermelhados e cabelos feito palha. Em compensação, a Deusa da Beleza enviou as Belles para ajudar a tornar o mundo bonito outra vez. As Belles controlam a beleza. Por isso, a cada três anos ocorre um festival. Durante essa celebração, uma nova geração de Belles é apresentada ao público e os reis de Orléans elegem a sua favorita. A escolhida passa, então, a viver no palácio real e tem a incumbência de cuidar da beleza de todos da corte, enquanto as outras são enviadas para trabalhar nas casas de chá espalhadas pelo reino. Tudo o que Camélia Beauregard mais quer é ser a favorita da rainha. Mas, com o tempo, a jovem Belle irá descobrir que essa cobiçada posição não é tão glamourosa assim. As regras são muito rígidas. A corte é perigosa e cheia de segredos sombrios. Além disso, é preciso lidar com a Princesa Sofia – uma garota ambiciosa e capaz de qualquer coisa para se tornar a mais bonita de todas... Afinal, beleza é poder. Belles é uma fantasia tão encantadora quanto perturbadora. Com uma escrita ornamentada, Dhonielle Clayton presenteia os leitores com um mundo onde o preço da beleza é levado ao limite, revelando o lado mais obscuro das pessoas. ————“ Belles é uma exploração deslumbrante do poder do corpo e da identidade. ” – ROSHANI CHOKSHI, autora de Aru Shah e o fim dos tempos “ Belles é absolutamente fascinante. Voei pelas páginas e amei

tudo o que elas tinham para oferecer: uma heroína inteligente e talentosa, um romance misterioso e amizades sólidas. ” – MARIE RUTKOSKI, autora da Trilogia do Vencedor“Um livro para ler quando quiser se transportar para um lugar perigoso e bonito, onde nada é o que parece e segredos são abundantes.” – MEGAN SHEPHERD , autora de O mistério dos cavalos alados

[Compre agora e leia](#)

NEVERNIGHT

A SOMBRA DO CORVO
V.1 DAS CRÔNICAS DA QUASINOITE



JAY KRISTOFF

AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PLATA
FORMA 3

Nevernight

Kristoff, Jay

9788592783259

608 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há histórias sobre Mia Corvere, nem todas verdadeiras. Alguns a chamam de Moça Branca. Ou a Faz-Rei. Ou o Corvo. A matadora de matadores. Mas, uma coisa é certa, você deveria temê-la. Quando ela era criança, Darius Corvere – seu pai – foi acusado de insurreição contra a República de Itreya. Mia estava presente quando o carrasco puxou a alavanca, viu o rosto do pai se arroxendo e seus pés dançando à procura do chão, enquanto os cidadãos de Godsgrave gritavam “traidor, traidor, traidor”... No mesmo dia, viu a mãe e o irmão caçula serem presos em nome de Aa, o Deus da Luz. E, embora os três sóis daquela terra não permitam que anoiteça por completo, uma escuridão digna de trevas tomou conta da menina. As sombras nunca mais a largaram. Mia, agora com dezesseis anos, não se esqueceu daqueles que destruíram sua família. Deseja tirar a vida de todos eles. É por isso que ela quer se tornar uma serva da Igreja Vermelha – o mais mortal rebanho de assassinos de toda a República. O treinamento será árduo. Os professores não terão misericórdia. Não há espaço para amor ou amizade. Seus colegas e as provas poderão matá-la. Mas, se sobreviver até a iniciação, se for escolhida por Nossa Senhora do Bendito Assassinato... O maior massacre do qual se terá notícia poderá acontecer. Mia vai se vingar.

[Compre agora e leia](#)



Godsgrave

Kristoff, Jay

9788592783716

592 páginas

[Compre agora e leia](#)

eBook em novo formato, revisto e revisado. Nascimento. Vida. E morte. É assim que cantamos a jornada de personagens heroicos. Porém, a dona desta trama, não é uma heroína com a qual se está acostumado. Mia Corvere – o pequeno corvo – é a encarnação da vingança. Nas viragens passadas, ela era apenas uma discípula da seita de assassinos mais temida da República de Itreya. E, embora tenha falhado no teste final, foi a única capaz de resgatar o ministério da Igreja Vermelha do golpe traiçoeiro dado pelos legionários luminatii. Mia, enfim, foi ungida Lâmina. Agora ela é uma serva da Mãe da Noite. E cada vida que executa é uma oração para a Nossa Senhora do Bendito Assassinato. Mas não pensem que a garota se esqueceu daqueles que destruíram sua família, e cujo sangue realmente quer ter em suas mãos. Para saciar sua sede de vingança, a assassina será capaz de sair do caminho que a Igreja trilhou para ela, e seguir sua própria vontade. Usando de suas artimanhas, Mia Corvere fará de tudo para se tornar uma gladiatii – escravos de lutas que batalham até à morte. Com demônios feitos de sombras ao seu lado, nosso pequeno corvo vai decorar as arenas de vermelho e vísceras. Por sangue e glória, os louros de cada vitória vão aproximá-la ainda mais dos algozes de seu pai e do espetáculo sangrento com o qual ela sempre sonhou. Em Godsgrave, a República está prestes a cair.

[Compre agora e leia](#)